



NADA É PARA SEMPRE



garota <3 garoto

ALI CRONIN



SEGUINTE



O selo jovem da Companhia das Letras

Caro leitor,

Foi pensando em você, que sabe o que procura nas estantes e está sempre ligado nas novidades, que a Companhia das Letras criou a **Seguinte**, selo voltado ao que há de melhor em aventura, romance e literatura pop, feito para jovens exigentes em busca de grandes histórias, narrativas inteligentes e muita diversão.

Com o mesmo cuidado na escolha e edição dos livros que você conhece da Cia. das Letras, o novo selo jovem da Companhia vai continuar publicando autores importantes do catálogo da editora — como Lemony Snicket, John Boyne e Cornelia Funke —, aliados a lançamentos diversos, imprevisíveis e vibrantes como a literatura deve ser.

Saiba mais em:

www.seguinte.com.br

www.facebook.com/editoraseguinte

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

garota <3 garoto

vol. 1: *Nada é para sempre*

vol. 2: *Dizem por aí*

vol. 3: *Três é demais*

vol. 4: *Lições de amor*

vol. 5: *A garota certa*

vol. 6: *Eu e você*

E não perca os contos exclusivos no site da Seguinte!

www.seguinte.com.br

NADA É
PARA
SEMPRE ALI CRONIN

Tradução
RITA SUSSEKIND

SÉQUINTE

O selo jovem da Companhia das Letras

Para minha família



ASHLEY SE ESTICOU COMO UM GATO e deu um bocejo tão grande que pude ver sua garganta.

“Bom, não sei direito”, ela disse. “Talvez quatro? Não, espere...” Ela olhou para o teto da sala comunal, como se o papel higiênico grudado ali fosse de alguma maneira ajudar com as estatísticas sexuais das férias. “Isso. Quatro.” Ela coçou as sobrelhas. A adorável Ashley e sua constante necessidade de chocar.

Inquiei-me na cadeira. Em parte porque, apesar de ser setembro, fazia muito calor, e cadeiras ásperas de salas comunais + coxas suadas = desconforto. Mas também porque eu tinha um segredo. Bem, não era um segredo, mas, ao mesmo tempo, eu não queria simplesmente gritar aos quatro ventos. Uma dama deve se comportar.

Donna concedeu uma salva de palmas a Ashley.

“Bom trabalho, moça. Então, recapitulando: zero para mim...” Ela ergueu a mão até a testa, simulando um lamento. “O um de sempre para a senhorita Monogamia ali...”

Cass sorriu quase com culpa e abraçou os próprios joelhos. Após quase quatro anos com Adam, ela mantém o placar. E digamos que ele não é exatamente o senhor Monogamia.

“O que nos deixa com nossa amiga feminista Sarah.” Donna se jogou sobre meus joelhos e envolveu o braço no meu pescoço.

“Alguma novidade, hein?”, perguntou, pressionando a bochecha contra a minha e piscando aceleradamente. Ela usa tanto rímel que senti uma corrente de ar. Empurrei-a. Donna era bem pesada.

“Sem comentários”, eu disse, tímida, mas não pude conter o sorriso. Sou uma idiota.

Donna girou aos meus pés e olhou para mim com seus olhos escuros e enormes.

“Meu Deus, você fez!”

Soltei uma risadinha. Eu sei: trágico.

Ash e Cass se inclinaram para a frente nas cadeiras, como se eu estivesse prestes a dar a notícia do século, e me vi com três pares de olhos me penetrando, e três pares de sobrancelhas arqueadas.

“O quê?”, eu disse inocentemente.

Ash rosnou e jogou um resto de maçã em mim.

“Conte de uma vez!”

“Bem, o nome dele é Joe...”, comecei, mas fui interrompida pelos gritinhos das minhas amigas. Por uma fração de segundo a sala ficou em silêncio, e todo mundo virou para olhar para nós. Mas logo tudo voltou ao normal: era o primeiro dia de aula do semestre, e aqueles não tinham sido os primeiros gritinhos acusando uma fofoca.

“Eu SABIA que alguma coisa estava acontecendo”, Cass disse alegremente. “Você está saltitando como o Tigrão desde que chegamos.”

Donna me deu um soquinho afetuoso no braço.

“Quem diria que você deixaria de odiar os homens!”

“Ah! Não encham”, eu disse amigavelmente, esfregando o braço. “E, seja como for, eu não odeio os homens.”

“Então, o que aconteceu?”, Cass perguntou, esfregando as mãos ao pensar na fofoca que eu estava prestes a oferecer.

Então contei a elas.

Começou com uma bola de futebol das princesas da Disney.

Estávamos passando as férias na Espanha, eu, minha mãe, meu pai e meu irmão caçula, Daniel. Ele tem doze anos e está começando a se tornar um chato, então eu estava tentando ficar bem longe dele. Aliás, meu plano era tomar sol, ler, nadar, comer, passear e talvez fazer umas comprinhas. Só isso. Eu gosto dos meus pais e ficaria tranquilamente com eles, mas o que eles queriam das férias e o que eu queria eram coisas tão distintas quanto, digamos, acordar cedo para visitar ruínas antigas e dormir até meio-dia para poupar energia para uma tarde preguiçosa. Resumindo, eu não estava muito entusiasmada.

Nos três primeiros dias, todos nós ficamos na praia, e meus pais faziam questão de mostrar que estavam levando nossas necessidades em consideração, mas então o chamado da paisagem espanhola se tornou mais forte e eles levaram Dan (otário!) no carro alugado para tirar fotos de umas montanhas, enquanto eu levei a mim mesma, meu iPod e meu livro para a praia, onde podia me ocupar seriamente com não fazer nada.

Estiquei minha toalha na areia, passei protetor fator trinta e deitei com um romance na mão, ouvindo Ellie Goulding. Foi ótimo ficar ao sol, totalmente sozinha. Pensei nas batatinhas e no chocolate na bolsa térmica ao meu lado. Mamãe e papai tinham a opinião de que comer qualquer coisa entre as refeições era uma espécie de falha de caráter. Como se fosse nobre estar morrendo de fome na hora do chá. Mas eles não estavam ali para me reprovar. Torci o corpo de satisfação. E então uma bola de futebol veio do nada e atingiu meus óculos escuros, arrancando as duas lentes.

“Ai! Mas que...?”

Peguei meus pobres óculos quebrados. Eram porcaria, mas a questão não era essa. Levantei o olhar e vi alguém se erguendo sobre mim. A luz do sol

invadia meus olhos, mas deu para ver que era um menino, mais ou menos da minha idade, e não parecia particularmente arrependido.

“O que você está fazendo? Doe!” Eu tinha adquirido um tom atraente de beterraba, em parte por causa do choque e da dor, mas principalmente porque não costumo entrar em confrontos. Estalar a língua irritada é o máximo que faço, mas fiquei tão furiosa que não teve jeito.

“Desculpe aí, cara”, ele disse, rindo. “Foi um acidente. Ben é péssimo no meio de campo.” Ele apontou para três meninos, que por sua vez apontavam para mim e riam. Ótimo.

“É, bem, você poderia ter me cegado”, resmunguei.

“Sem ofensa, mas acho que não”, disse o menino, ainda sorrindo. Por que ele estava tão alegre? “É de plástico. Olha só.”

Ele estendeu a bola para mim. Tinha as princesas da Disney nela. E, apesar de não ter me apaixonado por ele naquele momento, foi definitivamente o começo.

É claro que eu acabei sorrindo.

“Bela bola”, eu disse. Em seguida enrubesci outra vez, enquanto lutava contra o impulso de olhar para as partes dele.

Ele deu uma joelhada na bola e fez algumas embaixadinhas.

“Obrigado. Eu achei.”

“Legal. Sorte sua”, eu disse, espirituosamente.

Ele inclinou a cabeça para um dos lados, como se quisesse dizer: “Huum... Garota estranha”, mas então, apesar da minha falta de habilidade para a conversa, ele se sentou na areia ao meu lado.

“Meu nome é Joe”, ele disse.

“Oi, Joe.” Ele me encarou por um instante. Retribuí o olhar grosseiramente. Merda. Sutilezas sociais. “Sarah”, eu disse depressa.

“Bem, é um prazer conhecer você, Sarah”, ele disse, sorrindo outra vez. Joe tinha dentes ridiculamente perfeitos, o que explicava tantos sorrisos. Exibido. Olhou para baixo, para espantar um mosquito do pé, e eu

aproveitei a chance para dar uma olhada geral. Cabelos castanho-claros meio duros por causa da água do mar, olhos castanho-escuros, esbelto, porém não magricela, vestindo nada além de um short largo de natação. Não tinha como negar: era um gato.

“Então, você está aqui sozinha?”, ele perguntou, jogando a bola de uma mão para a outra.

Balancei a cabeça.

“Com meus pais”, e em seguida acrescentei depressa, “mas fico basicamente na minha. E você?”

“Estou com eles”, respondeu Joe, acenando com a cabeça para os amigos, que agora estavam ocupados empurrando um ao outro na areia. “Amigos da facu.”

Vimos um deles colocar a mão sobre o peito e morrer dramaticamente em câmera lenta sob uma rajada de tiros imaginários de outro. Ergui uma sobrancelha.

“Ah, é? O que vocês estudam?”, perguntei. “Iniciação à babaquice?” (Eu estava conversando! Contanto que os amigos dele continuassem afastados, tudo ficaria bem. Eu podia dar conta de um cara novo, mas de caras novos, no plural? Era meu pior pesadelo. Eu não sabia o que fazer, o que dizer, como me ajeitar. Deveria colocar as mãos nas costas? Deveria cruzá-las? Que expressão deveria ter no rosto? Viram? Pesadelo. Então, em vez disso, simplesmente me calei. Deve ser daí que vem a ideia de que eu odeio os homens. As pessoas confundem minha falta de sociabilidade com indiferença.)

Seja como for, deu certo, porque Joe riu!

“É, além de estudos avançados em pentelhice”, ele completou. E então foi sua vez de enrubescer, ou será que foi minha imaginação? “Quer dizer, não pentelhice no sentido de... pentelhos.”

Eu ri.

“Tudo bem. Entendi o que você quis dizer.”

“Beleza.” Ele encontrou meu olhar por um instante e sorriu outra vez.

Apesar de tudo, senti uma onda de animação. Eu — a rainha das virgens! — estava sentada ali, em uma praia espanhola, conversando com um menino lindo e engraçado, que tinha olhado profundamente nos meus olhos. As meninas nunca iam acreditar. Que diabos, nem *eu mesma* podia acreditar. Detestava ser uma virgem entre, bem, um bando de não virgens. Detestava. Mas, ao mesmo tempo, já estava resignada a permanecer assim para sempre. A ideia de que um menino gostasse de mim o suficiente para fazer *aquilo* era simplesmente... estranha.

Não que eu tivesse problemas de autoestima. Não passava horas diante do espelho detestando meu corpo; não usava maquiagem demais; tinha planos. Queria ser escritora quando crescesse, e tinha todas as intenções de conseguir. Tipo, eu já podia ver meu eu futuro em uma noite de autógrafos em qualquer livraria. Mas me imaginar fazendo sexo? Muito menos plausível. Vai entender.

“... então, pode se juntar a nós se quiser.” Joe me olhou cheio de expectativa. Merda, estava tão ocupada analisando nossa conversa que me esqueci de participar dela (a história da minha vida).

“Desculpe, o que você disse?”

Ele me lançou aquele olhar de *alerta para a menina estranha* mais uma vez e disse:

“Vamos fazer um churrasco na praia hoje à noite. Quer vir?”

“Ah, sim. Legal. Com certeza.” Por sorte parei antes de acrescentar “Vou pedir à minha mãe”.

Joe levantou-se num pulo e esfregou a areia da bunda.

“Certo, ótimo. Nos vemos aqui, por volta das nove.”

E com isso ele pegou a bola das princesas e foi embora chutando Cinderela no rosto.

Durante o almoço naquela tarde, mencionei meus planos para a noite.

“Estava pensando em sair hoje à noite”, eu disse, mexendo casualmente nas batatas do prato.

Senti o olhar dos meus pais sobre mim.

“Ah, é, com quem?”, perguntou papai, indo direto ao assunto, como é característico dele.

“Com um pessoal que conheci na praia.”

“Um pessoal ou... *meninos?*” Papai arregalou os olhos.

“*Meninos...*”, exagerei, imitando-o. “Mas não se preocupe, são da minha idade.”

Papai colocou molho na carne dele.

“Ah, certo, então não estou nem um pouco preocupado.” Ele e mamãe sorriram um para o outro. Eu detestava quando eles faziam aquela coisa de “Olha só nossa adolescente brincando de adulta”.

Revirei os olhos.

“Bem, estávamos planejando uma orgia imensa, mas podemos só fazer um churrasco na praia, se for melhor pra você.”

“O que é uma orgia?”, perguntou Dan.

“Tudo bem”, disse mamãe, ignorando meu irmão. “Só não volte muito tarde. E não fique bêbada.” Ela e papai trocaram sorrisos outra vez. Ah, que divertido ter uma filha adolescente que não causava problemas. *Aguardem*, pensei. *Tudo pode mudar.*

Naquela noite fui aos tropeços até a praia sentindo um friozinho no estômago e com creme de bronzeamento artificial nas pernas. Tinha passado uma quantidade absurda de tempo escolhendo o que vestir, indo de ridiculamente malvestida (biquíni e sarongue), ao simplesmente ridículo (salto alto). Finalmente optei por um vestido de verão com chinelos e a

pashmina da minha mãe para aquecer. Não era exatamente algo moderno, mas não sou muito ligada em moda.

Quando cheguei à praia, estava começando a escurecer, e parei por um instante para observar aquele menino estranho que aparentemente tinha se interessado por mim — o que só o tornava ainda mais estranho. Ele estava sentado na areia, e a luz do sol poente lhe atribuía uma espécie de brilho bronzeado. Olhava para o mar e ocasionalmente tomava goles de uma garrafa de cerveja. Seus amigos estavam se divertindo na água, os gritos e risos escorrendo e fluindo como o mar. Mas Joe se contentava em sentar e simplesmente... existir.

E plim! Eu me apaixonei por ele. No tempo que uma imagem leva para ir do olho ao cérebro, transformei-me em uma menina de dezessete anos inexperiente com padrões absurdamente altos, uma menina que estava esperando a pessoa certa. Quase ri. Respirei fundo e desci pela praia, com os chinelos deslizando pela areia, de modo que minha caminhada sofisticada se transformou em um balanço inebriado.

“Sarah, oi!”, disse Joe, levantando num pulo e beijando minha bochecha. Ele estava um pouco eriçado e tinha um cheiro ótimo, fresco, e de pepino.

“Sente aqui. Bebida?”, ele disse, oferecendo-me uma cerveja, que eu odeio, mas aceitei assim mesmo. Olhei em volta à procura do churrasco.

“Parece que eles levam a sério a história de ‘proibido fazer churrasco’”, disse Joe, lendo minha mente. “Levaram as nossas coisas.”

Ele fez um beicinho, como uma criança, e eu achei uma graça.

“Por que você não está com seus amigos?”, perguntei, tomando um gole de cerveja e franzindo o rosto. Joe olhou para mim.

“Você não gosta de cerveja, gosta?”, ele disse, sorrindo.

“Na verdade, não”, admiti.

“Eu tomo.” A mão dele tocou a minha quando pegou a garrafa. “Tem umas cocas ali, acho.” Joe acenou com a cabeça para uma sacola de supermercado.

“Obrigada”, eu disse, pegando uma e fazendo tim-tim na garrafa dele.
“Saúde.”

“Saúde para você também, Sarah-que-não-gosta-de-cerveja.”

“Então, por que você não está nadando?”, perguntei novamente.

Joe olhou para a areia e sorriu, em seguida levantou os olhos e me encarou.

“Porque tenho bons amigos”, ele disse de forma enigmática.

“Ah. Certo. Legal”, eu disse, sem querer tirar conclusões. Apesar de eu estar totalmente tirando conclusões. Eles tinham mesmo ido até o mar para que pudéssemos ficar sozinhos?

Joe não desgrudou os olhos dos meus, e pude sentir meu rosto esquentando.

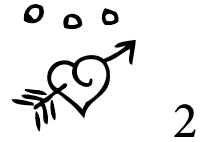
“Você é muito linda, não é?”, ele declarou simplesmente. Presumi que fosse uma pergunta retórica. O que eu deveria dizer? *Bem, como você pode perceber, não sou muito linda. Mas, com a luz certa, até que sou bonitinha?* Fiquei quieta e sorri. Parece que mesmo que saiba que um elogio não é verdadeiro, ele pode deixar você feliz. Tomei um gole grande de coca para ter o que fazer além de sorrir.

Com os olhos na minha boca, Joe moveu o rosto em direção ao meu. Gostaria de dizer que nossas bocas se encontraram em um beijo ardente enquanto as ondas rompiam diante de nós. Mas na verdade eu engasguei com a coca.

“Meu Deus”, eu disse quando finalmente parei de tossir. “Não era para ser assim.” Olhei para Joe, mas, em vez de me encarar com a aversão que eu merecia, os olhos dele brilhavam com algo que parecia afeto. Ele colocou a mão suavemente na minha cabeça.

“Vem aqui”, ele disse, e me puxou na direção dele.

Era a deixa para o beijo.



E A DEIXA PARA MAIS GRITINHOS das meninas na sala.

“Meu Deus, como foi?”, perguntou Cass, que batia as mãos em deslumbre, com os olhos brilhando.

“Deixe isso para lá”, disse Donna. “Quando chega a parte do sexo?”

“Foi ótimo”, eu disse, sorrindo ao me lembrar da maneira como Joe acariciou meu rosto e passou a outra mão pelo meu cabelo, pela minha nuca. Tinha sido mais do que ótimo. Tinha sido um êxtase — puro e simples —, e isso fez com que eu me sentisse linda, sexy e especial.

“Ah, olhe só para ela”, entoou Ashley, esticando a mão para colocar uma mecha solta de cabelo atrás da minha orelha. “Está apaixonada.”

“Cale a boca, Ash”, eu disse, tentando ignorar a palpitação que sentia cada vez que pensava em Joe.

“Então”, disse Donna, fazendo movimentos com as mãos. “O sexo...?”

“Tudo em seu devido tempo, Donna”, respondi de maneira afetada. “Uma dama sabe esperar.”

Ashley bufou: “Nada disso. Uma dama consegue o que quer quando quer”. Eu e Cass nos entreolhamos e reviramos os olhos. Era um dos temas preferidos de Ashley.

“Marca de uma verdadeira feminista”, ela disse, cutucando a cutícula do dedão do pé.

“Tudo bem, não precisa ficar nervosinha”, disse Cass, ignorando a saudação de um dedo que recebeu em resposta. “Continue.”

Mas o sinal da próxima aula encerrou as revelações. Com a promessa de nos encontrarmos novamente na hora do almoço, seguimos nossos caminhos. Fui para a aula de inglês; Cass, para economia; Donna, para teatro, e Ash, para comunicação. Não que soubéssemos os horários umas das outras ou coisa do tipo.

Na verdade, sabíamos tudo umas das outras, mais ou menos desde a primeira semana do sétimo ano. Sabe quando você começa em uma escola nova e se relaciona com todo mundo, mas só descobre seus amigos verdadeiros com o tempo? Isso não aconteceu conosco. Nós nos encontramos logo, como se fosse coisa do destino.

Fomos colocadas na mesma mesa de ciências no segundo dia de aula. Apesar de Cass e Donna terem estudado na mesma escola antes, elas nunca tinham se falado. Fora isso, não nos conhecíamos. Minha melhor amiga do ensino fundamental, Megan Roberts, tinha ido para a Austrália nas férias de verão, e eu estava de luto. Tinha a sensação de que faltava um pedaço de mim, e eu não ligava para quem sentasse ao meu lado. De qualquer forma, não tivemos escolha, porque o professor, o sr. Evershot, decidiu nossos lugares.

Era minha política odiar instantaneamente qualquer professor que não me deixasse escolher minha própria carteira ou com quem faria os trabalhos em grupo, mas não tinha como detestar o sr. Evershot, porque ele era pequenino como um gnomo, gentil sem ser desesperado. Ele tinha um sotaque *muito* forte. Era de Wakefield, Yorkshire. Sei disso porque vimos no

quadro quando chegamos à aula naquele primeiro dia. SENHOR EVERSNOT. DE WAKEFIELD, YORKSHIRE.

“É por isso que o senhor fala engraçado?”, gritou um menino. O sr. Evershot simplesmente o encarou e disse: “É”. Isso o calou.

Seja como for. Lá estávamos nós: Donna e Cass inteiramente desconfortáveis, porque, apesar de terem estudado na mesma escola, mal se falavam, e definitivamente não se sentavam perto; Ashley mordendo a cutícula e fazendo careta porque a mãe tinha terminado com um namorado de quem Ash gostava muito; e eu me sentindo triste e inadequada. Em tese não era exatamente um grupo perfeito.

Mas então o sr. Evershot nos dividiu em grupos para discutir qual era o cômodo mais perigoso na casa (era uma aula de ciências do sétimo ano, só para constar), então fomos forçadas a conversar.

“Bem, obviamente é a cozinha”, disse Ashley, de quem tive medo instantaneamente, porque estava mascando chiclete e parecia entediada (naquela época não precisava de muito para me assustar).

“Então vamos responder que é a sala”, disse Donna. “Para ser original.”

Ash deve ter aprovado, apesar de eu não me lembrar do que ela disse, mas Cass disse: “Não acho que ganhamos pontos pelo inusitado. É mais uma questão de certo ou errado”.

Ainda me lembro de como soava a voz dela: doce e suave, como se realmente estivesse tentando ajudar. Fui dominada por uma admiração por ela ter a) enfrentado Donna, que tinha um jeito de falar mais áspero que o meu e era, portanto, assustadora; e b) usado a palavra “inusitado”.

Então estávamos ao menos conversando, apesar de ninguém poder nos acusar de termos nos dado bem instantaneamente. Mas aí veio o momento decisivo da nossa amizade: o sr. Evershot tropeçou ao passar pela nossa mesa e sussurrou baixinho:

“Porra.”

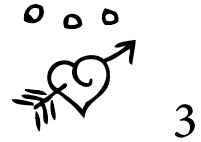
E nós quatro caímos na gargalhada. Um professor falando um palavrão já era engraçado, mas um professor falando um palavrão com sotaque? Estávamos chorando de rir. Grasnando e chiando como um bando de gansos asmáticos. Depois de um minuto nos acalmávamos, mas aí uma de nós olhava para a outra e começava tudo outra vez.

“Algo engraçado, meninas?”, o sr. Evershot perguntou ironicamente, mas não brigou conosco, e acrescentou: “Fico satisfeito em ver que estão se dando bem, mas se certifiquem de que farão um bom trabalho”. Ele apontou para um pedaço de papel na nossa frente. Nós nos entreolhamos e rimos, mas voltamos a listar aparelhos domésticos perigosos.

E não dá para não criar amizade depois disso. Logo começamos a sair para almoçar depois da aula e a partir daí decolou. Na época tínhamos apenas onze anos de idade. Éramos crianças. A maioria de nós nem tinha menstruado.

E agora cá estávamos, ainda melhores amigas, prestes a entrar no mundo juntas.

Mas antes eu precisava ir para a aula de inglês, Cass para economia, Donna para teatro e Ash para comunicação...



“ENTÃO... Aparência e realidade em *Jane Eyre*... Obrigado, senhor Jones.”

O sr. Roberts entregou ao meu amigo Rich uma pilha de trabalhos para distribuir. Eu amava *Jane Eyre*, mas o sr. Roberts tinha uma habilidade misteriosa de transformar qualquer livro na história mais tediosa já escrita. E também insistia em ser chamado de sr. Roberts, enquanto chamava todos nós de senhores e senhoritas. Ele achava que defendia os valores tradicionais ao nos tratar com o tipo de respeito que nós, como alunos de ensino médio, merecíamos. Nós achávamos que ele era um babaca.

Eu já tinha lido *Jane Eyre* umas cinco vezes, então me desliguei totalmente da aula. Não fiquei olhando pela janela com um sorriso no rosto enquanto desenhava coraçõezinhos com as iniciais de Joe, mas foi quase isso.

Eu realmente não queria ser o tipo de menina que não consegue se concentrar em nada além do namorado (namorado??), mas estava tendo sérias dificuldades de pensar em qualquer outra coisa. Dei uma olhada furtiva no telefone. Exatamente uma semana antes eu estava sentada com Joe em um café em frente à praia, resolvendo os problemas do mundo. A um milhão de quilômetros de uma sala de aula quente e úmida em Brighton.

Eu e Joe acabamos passando horas juntos no “não churrasco” na praia.

Os amigos dele acabaram se cansando de ficar no mar e se juntaram a nós. Eu me forcei a sentar ereta e ajeitei minha saia enquanto eles faziam o maior barulho para pegar bebidas e esticar toalhas e molhar a gente. Cheiravam como meninos: suor, cerveja e o que quer que tivessem passado naquela manhã para ficar cheirosos. Eu me mexia desconfortavelmente com a súbita alteração da dinâmica.

Joe gesticulou alegremente na direção geral dos amigos e os apresentou:

“Ben, Rav e Will, esta é Sarah. Sarah, estes são Ben, Rav e Will.”

Eu não sabia ao certo quem era quem, apesar de ter suposto que Rav fosse o de pele morena sentado no meio. Ele sorriu e disse oi, em seguida olhou para as próprias mãos. Relaxei um pouco. Poderíamos ficar quietos e desconfortáveis juntos.

“Então, de onde você é, Sarah?”, perguntou Ben/Will. Ele era baixo e tinha um sotaque escocês, mas, com seu cabelo escuro e ondulado e seu bronzeado, podia ser dali mesmo. Sorri meu melhor sorriso para dar uma boa primeira impressão.

“Brighton. E você?”

“Perth.” Ele baixou a voz. “Na Escócia.” Encarei-o.

“Imaginei que não fosse a cidade na Austrália”, eu disse, forçando uma risada. Ele agradeceu.

“Eu sei, é uma bobeira. Mas obrigado por rir... Will é de Brighton, não é, Will?”

Devo ter parecido um pouco empolgada demais quando disse: “Sério? Brighton? Uau! De que parte?”. Já Will foi completamente monossilábico. Ele era alto, largo e bonito de um jeito hollywoodiano. Todo bronzeado, com olhos e maçãs do rosto brilhantes. Ele tinha consciência disso, e parecia sempre um pouco entediado e zombeteiro, como se não precisasse se esforçar, já que sua beleza falava por ele. Chato. E os dentes dele nem se

comparavam aos de Joe. A conversa prosseguiu de uma maneira esquisita e empolada. Eu tentei participar dela, mas fui distraída por minhas emoções conflitantes e não consegui me concentrar. Estava desesperada para que me deixassem a sós com Joe de novo, mas ao mesmo tempo não queria que fossem embora, porque Joe poderia ir com eles.

Rav acabou me livrando da minha agonia. Ele anunciou que estava faminto, então saiu com Ben e Will para buscar comida. Joe disse a eles que não iria. Ele queria ficar comigo. (Ele queria ficar comigo! Eu poderia ter uma camiseta com essas palavras estampadas.)

Assim que os meninos saíram, Joe deitou-se na areia e se esticou.

“Ufa! Achei que eles nunca iriam embora.” Ele colocou as mãos atrás da cabeça e sorriu para mim. “Obrigado por ficar por aqui.”

Sorri. Estava tentando reunir coragem o suficiente para dar o primeiro passo quando ele me puxou gentilmente em sua direção. Enquanto nos beijávamos, ele passou a mão pela minha perna, por baixo do meu vestido, até a minha coxa. Pude sentir meu coração batendo mais depressa, em parte porque estava gostando, mas principalmente porque era uma novidade assustadora. Afastei a mão dele gentilmente quando tentou entrar na minha calcinha.

“Você não quer?”, murmurou Joe, beijando o lóbulo da minha orelha.

Eu não sabia como responder sem quebrar o clima, então fiz uma manobra que envolvia beijar/balançar a cabeça/beijar enquanto transferia a mão dele para as minhas costas.

Joe resmungou: “Assim você vai me matar, sabia?”, e me beijou intensamente. Sua língua se atracava com a minha, e ele soltava um gemido de vez em quando. Os beijos eram quentes, e eu talvez tivesse cedido minha virgindade ali mesmo se não estivéssemos em um local público e eu não o conhecesse havia apenas doze horas. Não sou uma romântica incorrigível, mas queria mais dessa ocasião tão grandiosa do que um monte de areia nas minhas partes íntimas e uma preocupação incômoda de que

poderia dar um show particular a alguém passando na praia. Já tinha ido mais longe com ele do que tinha ido com alguém em toda a minha vida.

Então continuamos nos beijando (muito) e conversando (um pouco). Foi mais do que suficiente para mim. Naquele momento pelo menos.

Quando o céu começou a clarear, eu e Joe estávamos deitados na areia, ele com o braço em volta dos meus ombros, eu com a cabeça no peito dele. Ouvi seu coração batendo e me enchi de felicidade.

“É melhor eu voltar”, eu disse afinal, passando a mão no algodão macio da camisa desbotada dele, querendo desesperadamente que a noite não acabasse.

Ele beijou o topo da minha cabeça e disse: “Que pena”. Em seguida abaixou e murmurou no meu ouvido: “Tenho planos para você, moça”.

Meu Deus. Desejo.

“Bom, você vai ter que guardar esses planos por um tempo”, respondi, levantando com esforço. Eu não tinha que ir apenas por causa das dúvidas sobre perder a virgindade ou não. Mesmo que Joe quisesse me levar para onde quer que ele estivesse hospedado, eu não queria ter que explicar mais tarde onde estivera para meus pais desesperados. Como eu também não estava com vontade de explicar sobre meus pais para Joe, simplesmente perguntei: “Quer me ver mais tarde?”. Tentei soar espontânea, o que contradizia meus verdadeiros sentimentos.

Joe sentou e apoiou os braços nos joelhos. Tentei não ficar olhando para a areia presa aos pelos claros das pernas dele.

“Com certeza.” Ele sorriu e mexeu as sobrancelhas de um jeito atrevido.

“No café em frente à praia?”, perguntei, pra deixar tudo bem claro.

Ele fez uma pequena saudação.

“Sim, claro. Desculpe, Sarah-que-não-gosta-de-cerveja.” E de repente se levantou num pulo e me puxou pela cintura para perto dele. “Você é

maravilhosa”, ele disse, e me deu mais um beijo intenso.

Consegui me soltar, rindo enquanto ele tentava me agarrar.

“Joe! Tenho que ir.”

Ele deu um tapinha na minha bunda.

“Pode ir. Mas esteja no café às quatro da tarde, ou terá problemas.”

“Estou morrendo de medo”, zombei, e em seguida corri rindo enquanto ele avançava para cima de mim. É incrível o que uns bons beijos são capazes de fazer pela confiança de uma menina.

Fui sorrindo por toda a trilha curvilínea ladeada por arbustos que levava da praia ao nosso bangalô, absorvendo o cheiro inebriante de lavanda e zimbro e me sentindo invencível. O sol já se erguia no horizonte quando entrei silenciosamente e tranquei a porta atrás de mim. Felizmente o silêncio reinava, exceto pelo chiado da eletricidade e pelo ruído dos grilos do lado de fora. Meus chinelos faziam barulho no chão de azulejo, então os tirei e coloquei cuidadosamente a cabeça dentro do quarto de mamãe e papai para avisar que estava de volta. Por sorte eles não acordaram o suficiente para notar que a luz do dia começava a se infiltrar pelas cortinas. Fui até a cozinha e abri a geladeira. Presunto, queijo, tomate, pão, chocolate. Perfeito. Fiz um sanduíche com duas fatias grossas de pão, coloquei em uma bandeja com algumas batatinhas, um pedaço de chocolate e um copo d’água e levei até a sala. Peguei o controle e sentei no sofá, cruzando as pernas. Os canais eram todos espanhóis, mas estava passando um episódio de *Friends*. Dublado, é claro, mas mesmo assim foi relativamente confortável.

Eu não queria realmente ver tv. Só queria ficar ali, acordada, enquanto o céu clareava, fazendo a refeição que tinha perdido porque passara horas na praia beijando um menino lindo e engraçado com olhos incríveis.

Nunca tinha chegado perto de me sentir assim antes. Eu não tinha começado particularmente tarde — a primeira vez que fiquei com um

menino foi em uma viagem com a escola para a França, no oitavo ano —, mas nunca fui muito além de beijar. Era uma excursão cheia de atividades, e eu e Cass passamos umas duas horas beijando dois meninos de outra escola. Foi totalmente inocente, mas me lembro de ter me sentido superadulta, porque estava beijando como gente grande beijava na tv. Foi bem legal. Mas depois disso não vivi grandes emoções. Não porque não quisesse; eu só não queria ficar com nenhum dos meninos disponíveis. Então me tornei Sarah Millar, que odeia os homens. Não bebe, não paquera, não transa. Fim de papo. O máximo que eu tinha feito fora em uma festa no segundo ano, quando deixei que um garoto passasse a mão em mim. (Para falar a verdade, eu teria ido mais longe naquela vez, mas meu pai chegou para me buscar. Trágico, eu sei, mas me salvou de uma situação potencialmente assustadora. Sam Massey, o menino em questão, tinha um quê de poeta do século XVIII — cabelos castanhos ondulados, pele morena e olhos cheios de alma. Sempre gostei dele. Além de lindo, Sam era um pouco tímido, como eu, e sabia conversar. Mas também era o menino de quem India Chadwick, a menina mais marrenta do primeiro ano, gostava. Foi o suficiente para que eu nunca mais fizesse nada com ele. Passei a semana seguinte fugindo sempre que via India, apesar de, surpreendentemente, ela nunca ter descoberto que eu tinha beijado o menino de quem ela gostava. Sam mudou de escola logo depois. Não sei por quê. Às vezes ainda penso no que poderia ter acontecido se India não tivesse atrapalhado.)

E agora Joe. Eu gostava muito dele. *Muito*. E, incrivelmente, ele parecia retribuir o sentimento. Suspirei, contente, e devorei o sanduíche, enquanto Ross e Rachel ficavam juntos na tv.



A PROFESSORA DE HISTÓRIA DA ARTE me segurou no fim da aula para falar sobre um trabalho, então me atrasei para o encontro com as meninas no almoço. Olhei para aquele mar de alunos e identifiquei Donna instantaneamente. Difícil não ver, considerando que ela estava em pé na cadeira, acenando como se estivesse ajudando aviões a pousar. Peguei um queijo quente e um suco, paguei e fui até elas.

“Até que enfim”, disse Ashley, tirando a bolsa de uma das cadeiras vazias. “Donna quase saiu no tapa para guardar seu lugar.”

“Desculpe, Andrea me prendeu”, eu disse, espremendo-me na cadeira e deixando minha bolsa no chão.

“Você já está encrocada, Sarah? As aulas acabaram de começar”, disse Ash, colocando a mão no peito, tentando parecer chocada.

“Hã-hã.” Olhei para meu sanduíche, e para o queijo amarelo e gorduroso pingando no meu prato.

“Você vai comer isso?”, perguntou Donna, com a boca cheia de batatinha. Entreguei meu lanche para ela.

“Não, pode comer. Estou cheia.”

Cass franziu o rosto.

“Cheia? Você não comeu nada!”

Cass fica sempre alerta para a possibilidade de alguma de nós estar fazendo regime — esse domínio é dela. Ela tem um corpo lindo, mas Adam gosta das magrelas. E, se isso faz com que ele soe desprezível, é porque ele é desprezível. Seja como for, apesar do fato de que Adam jamais se interessaria por nenhuma de nós e nós — eca! — jamais nos interessaríamos por ele, Cass gosta de ser a mais magra. Vai entender.

Ashley sorriu enquanto comia um iogurte light.

“Qual é a graça?”, perguntou Cass, enrugando a testa. (Já mencionei que Cassie também é supersensível a fobias causadas por Adam?)

“Nenhuma”, respondeu Ash, pegando o iogurte com a colher e o derramando de novo no pote. “Sarah perder o apetite por causa de um menino, acho.”

Lancei um olhar a ela.

“Sinto decepcionar vocês, mas comi um bolinho, tipo, há meia hora.” (Mentira. Estava sem apetite desde que tinha voltado das férias. Mas não ia admitir — era patético gostar tanto de um menino a ponto de não conseguir comer.)

“Então”, disse Cass, “vocês deram uns beijos na praia...”

“Isso”, disse Donna. “E então vocês fizeram sexo selvagem entre as dunas?”

Lancei um olhar ameaçador na direção dela.

“O que você acha?”

Cass esticou a mão sobre a mesa para colocá-la sobre a minha.

“Continue. O que aconteceu?”

Foi como se as meninas tivessem se tornado invisíveis. Eu estava lá, naquele bangalô quente e empoeirado, ouvindo “Sex On Fire” — sem nenhuma gracinha — enquanto me preparava para Joe.

Mas isso foi depois.

Após o encontro no café, eu e ele passamos basicamente todos os instantes acordados juntos. Passeamos pela cidade, fomos a bares e cafés, ficamos sentados na praia e nos conhecemos melhor. Descobri que ele estudava ciência política em Londres, tinha duas irmãs, pais divorciados que continuavam amigos, e que ele queria muito trabalhar com a questão da aids na África, porque seu tio tinha morrido de aids nos anos oitenta. Conteí a ele coisas que só tinha contado a poucas pessoas, como, por exemplo, que minha mãe tinha sido casada com outro homem antes de conhecer meu pai e que eu tinha sofrido bullying na escola. Ele era um bom ouvinte, e fazia perguntas como se realmente quisesse ouvir a resposta.

Quando não estávamos conversando, nós nos beijávamos. Mas não fomos muito além disso. Sempre que ficávamos na casa dele pelo menos um dos amigos estava lá também. Além disso, eles estavam em um chalé bem simples, e ele e Will dividiam o quarto. Uma vez, quando estávamos nos beijando na cama de Joe — vestidos, mas bem pouco —, Will entrou, viu a gente, pediu desculpas e saiu. Fiquei mortificada. Enterrei o rosto no pescoço de Joe e resmunguei: “Que vergonha!”.

Ele riu e perguntou: “Qual é o problema?”.

Joe tentou me empurrar para longe dele, para poder me ver melhor, mas eu não deixei. “Sarah, qual é, ele não se importa.” Ele passou a mão na minha bunda por cima do short jeans e depois a enfiou dentro dele. “Pelo menos agora sabemos que ele vai nos deixar a sós...”

Sentei e fui para a beira da cama.

“Nem pensar!” Esperei um instante até o rubor do meu rosto diminuir, em seguida ofereci minha mão para puxá-lo para cima. “Vamos, temos que sair e mostrar para ele que não estamos fazendo nada.”

Joe pareceu verdadeiramente confuso.

“Mas por quê?”

É claro que eu não tinha contado para ele que era virgem. Por que contaria?

“Porque eu morreria de vergonha se ele achasse que estávamos fazendo... alguma coisa no quarto dele!”

“Mas o quarto também é meu”, disse Joe.

Direcionei um olhar a ele que dizia “A questão não é essa” e fiz um charminho:

“Por favoooooor, Joe. Vamos sair para tomar alguma coisa... Por favor?” Sorri e pisquei, e ele me deixou puxá-lo da cama.

Então apareceu uma oportunidade. Mamãe e papai queriam levar meu irmão e eu para jantar fora. Formulei um plano de passar a tarde abatida, com a mão na barriga, e dizer no último segundo que não podia ir porque estava com cólica.

Joe imediatamente concordou em ir até o bangalô. Eu sabia o que ele acharia que significava o convite. E eu também tinha quase certeza de que significava aquilo mesmo. Eu já tinha pensado muito no assunto, e minhas pernas raspadas e o fato de que eu estava usando minha melhor calcinha e tinha comprado camisinhas na máquina do banheiro do café deixavam minhas intenções claras. Eu tinha certeza de que aquela noite seria *a* noite. Mas mesmo assim ia esperar para ver como me sentia quando Joe chegasse.

Duas horas depois, eu não era mais virgem.

“AH, NÃO!”, gritou Donna, batendo a mão na mesa e fazendo tudo voar. “Nem pense em parar por aí!”

“É, vamos lá”, disse Cass, com os joelhos balançando. “Como foi?”

“E com detalhes, por favor”, acrescentou Ashley, fazendo um gesto nada feminino.

“Tudo bem, perguntem o que quiserem”, eu disse, estendendo as mãos. “Sou um livro aberto.”

Ash se inclinou para a frente na cadeira.

“Tudo bem. O pau dele era grande?”

“Não sei”, respondi, olhando em volta para me certificar de que ninguém estava ouvindo a conversa. “Não tenho com que comparar.” (Apesar de que, para ser sincera, me pareceu assustadoramente grande. Definitivamente era maior do que qualquer absorvente interno.)

Cass lançou a Ashley um olhar desdenhoso.

“Você é obcecada por paus.” Ela virou para mim e sorriu complacentemente. “Foi romântico?”

Suspirei.

“Totalmente. Ficamos muito ligados. Parecia... inevitável. Como uma reação em cadeia ou coisa assim. Tipo, a gente estava se beijando, então a mão dele entrou por baixo da minha blusa, depois foi para dentro da minha saia, aí coloquei a mão no pinto dele por cima do short...”

Gritinhos e uma salva de palmas de Donna e Ash. Tão maduras, aquelas duas. Revirei os olhos para elas, mas, para ser sincera, estava adorando finalmente ter uma história de sexo para contar.

“E aí foi. Não conversamos. Eu queria que rolasse, então fui no embalo e meio que... aconteceu. Não sei se vocês me entendem...”

“Totalmente”, as meninas disseram em uníssono.

Realmente pareceu inevitável. Assim que ele entrou pela porta começamos a nos beijar, ali mesmo, um absorvendo o outro. Fechei os olhos e permiti que Joe tirasse meu cabelo do rosto. Em seguida, ele recuou e sorriu para mim. Estendi a mão, que Joe pegou, e o levei na direção do meu quarto. Não foi preciso dizer nada — eu sei, é um clichê, mas era como se estivéssemos na mesma onda. Levamos mais ou menos dez minutos para chegar ao quarto, porque ele ficava parando para me beijar, me empurrando contra a parede e passando as mãos nos meus braços. Eu não

teria conseguido me conter nem que me pagassem. Ainda bem que eu tinha aquelas camisinhas. Apesar de que, para ser justa, Joe também tinha uma. Estávamos tão preparados no quesito anticoncepcional que poderíamos ter transado quatro vezes.

Mas transamos uma vez só. Joe saiu mais ou menos cinco minutos depois. Acho que ele tinha razão: meus pais poderiam voltar a qualquer instante.

Não contei tudo para as meninas. Não tinha sido incrível. Quer dizer, tinha sido legal, mas doeu um pouco, e eu não fiz barulhos nem nada. A Terra não se moveu. Você sabe.

Mas isso não me incomodou.

O que me incomodou foi que no dia seguinte Joe voltou para a Inglaterra. Tivemos que nos despedir na frente de todo mundo que estava indo embora naquele dia. Cerca de trinta pessoas se acumulavam ao redor do ônibus da empresa de turismo que levaria até o aeroporto, já com o motor ligado. Não foi exatamente romântico. É claro que nós nos abraçamos e nos beijamos — foi um beijo incrível, suave e carinhoso que faz meus lábios formigarem cada vez que penso nele (o que acontece com frequência). Joe sussurrou “Vou sentir sua falta” no meu ouvido, o que me fez chorar apesar dos meus esforços contrários, e desejei que estivéssemos sozinhos. Ele limpou minhas lágrimas com o polegar, deu um sorrisinho triste e disse “Te ligo”. E logo Joe estava no ônibus, e eu chorava de verdade enquanto ele esticava o pescoço para continuar acenando para mim.

Não tive notícias dele desde então.

E ele tinha fixado moradia no meu cérebro. Não conseguia parar de pensar nele. Eu só precisava ser paciente: ele tinha prometido ligar, então ligaria. Mas a espera estava me matando.

“Que droga”, disse Donna, parecendo mesmo chateada, enquanto Cass apertava minha mão e Ashley balançava a cabeça, enojada por Joe não ter cumprido a promessa.

“Obrigada, mas estou bem, de verdade!”, eu disse, apesar de meu humor ter assumido um tom dez vezes mais sombrio. “Ele não disse *quando* ligaria. E só voltei há alguns dias.”

“Então por que você não liga para ele?”, perguntou Ash.

Dei de ombros timidamente.

“Não tenho o número.”

Donna deu um tapa na própria testa.

“Que merda, Sarah! Os meninos nunca querem dar o telefone se não querem compromisso. É como uma lei masculina do relacionamento.”

“Não foi assim”, eu disse, com o rosto começando a pegar fogo. “Não é que Joe não quis me dar o telefone dele, é que ele pediu o meu, então não achei que precisava... Vocês podem acreditar no que quiserem, mas eu estava lá e estou dizendo. Foi especial.”

Cass lançou a Donna um olhar de alerta antes de voltar para mim os olhos arregalados.

“Claro que foi. Você não perderia sua virgindade com qualquer um.”

“Exatamente.” Meus olhos se encheram de lágrimas e minha visão ficou borrada. Fingi procurar alguma coisa na bolsa. Não enganei as meninas nem um pouco, é claro, mas elas foram legais e fingiram que não tinham percebido. Eu não sabia se estava chorando porque Joe não tinha ligado ou porque Donna e provavelmente Ashley tinham achado que ele era um babaca. Olhei furtivamente para Cass, que me encarava preocupada. Eu não queria ser como ela: apaixonada por um babaca infiel que todas as amigas sabiam que era um babaca infiel.

“Se realmente significou tanto quanto você está dizendo — e eu tenho certeza de que significou”, Ashley disse erguendo a mão para conter

qualquer tipo de protesto, “então, não sei, talvez ele tenha perdido seu telefone ou algo assim.”

Dei uma fungadinha.

“É. Eu tinha pensado nisso.”

Cass fez carinho no meu joelho.

“Bem, então é isso. Você escreve para a faculdade dele, ele liga pra você e tudo fica bem.”

Donna olhou boquiaberta para Cass, como se ela tivesse acabado de sugerir que eu me mandasse nua por telegrama.

“É, claro. Mas e se ele não tiver ligado porque não quis?”, ela se voltou para mim. “Escrever uma carta só vai dizer a ele que você é doida. Se for tentar alguma coisa, é melhor descobrir o e-mail dele da faculdade.”

Ashley se intrometeu:

“Mas só se você tiver um motivo. Não dá pra escrever dizendo ‘Oi! Sou eu! Por que você não ligou?’, como se fosse uma maluca obcecada. Você pode dizer que vai visitar uma amiga em Londres e que seria legal se ele estivesse lá e vocês pudessem se ver.”

Cogitei essa possibilidade por um instante, sentindo umas pontadas de esperança no estômago.

“E ele não vai achar que isso é coisa de uma maluca obcecada?”

“Talvez ache”, disse Ash, dando de ombros. “É um risco que você corre.”

Donna assentiu.

“Eu esperaria um pouco mais. Umas duas semanas. Depois disso você não tem nada a perder entrando em contato com ele.”

Olhei para Cass para ver o que achava, mas ela fingiu estar ocupada com a salada de atum. O que provavelmente queria dizer que discordava das outras duas.

Ótimo. Posso ser uma aluna nota dez, mas sou um fracasso completo no que se refere ao sexo oposto. Senti uma pontada de irritação. Maldito Joe,

todo sexy e atencioso, invadindo meus pensamentos e depois desaparecendo completamente. Tentei ignorar o frio na barriga e decidi dar a ele exatamente catorze dias. Se não me ligasse até lá, eu mandaria um e-mail. Não importava o que Donna e Ashley diziam. Elas sempre concordavam uma com a outra — dava para contá-las como uma pessoa só.

“De qualquer forma, veja o lado bom da coisa”, disse Donna, balançando na cadeira. “Estamos no último ano agora e só faltam dez meses até sermos oficialmente livres... Logo nem precisaremos de identidades falsas — PORQUE VAI SER REAL!” Ela cruzou os braços e sorriu para nós, como se fosse a melhor notícia de todos os tempos.

“Total”, disse Cass, suspirando de felicidade. “E semana que vem é o aniversário de dezoito anos de Jack.” Ela apontou o garfo para mim. “Viu? Você já tem alguma coisa pela qual esperar ansiosamente.”

Hum...

Os pais do nosso amigo Jack reservaram o andar de cima de um barzinho para a festa de aniversário dele. Havia uma decoração completa, com uma faixa de FELIZ ANIVERSÁRIO DE 18 ANOS, avós e tios-avós bebendo espumante, tios bebericando licor e batendo os pés ao som da música dos jovens, um bufê de petiscos e um bolo enorme em forma de camisa de futebol com JACK FEZ escrito no alto e 18 no meio. (Jack é um superesportista. Se morássemos nos Estados Unidos ele usaria uma jaqueta vermelha e branca com a letra da escola na frente e namoraria uma líder de torcida. Mas, aqui, ele só tem roupas de poliéster o suficiente para destruir Brighton em um incêndio e trabalha como salva-vidas na piscina local nos fins de semana, e nada de namorada. Não que não haja uma quantidade razoável de marias-chuteiras atrás dele — ele é, afinal, um garoto louro que joga futebol. Mas acho que Jack é um pouquinho como eu: exigente.)

A mãe de Jack pediu que eu, Cass, Ashley, Donna e nossos amigos Rich — o melhor amigo de Jack — e Ollie ajudássemos a encher os balões, organizar o bufê e deixar o lugar com a cara de salão de festa dos sonhos que ela queria. O que quer dizer que não era exatamente o *nosso* ideal de salão de festas, mas, para ser justa, Jack teria adorado qualquer coisa que ela fizesse. Se ele algum dia vencer na vida, vai ser uma péssima celebridade. Ele é legal e fofo demais para tudo aquilo.

Colocamos a última travessa de espetinhos de abacaxi com queijo na mesa, simetricamente posicionada entre uma pilha de guardanapos e uma pilha de pratinhos de papel, enquanto a mãe de Jack ficava no meio da sala, com as mãos nos quadris.

“Está ótimo”, ela suspirou. “Muito bem, pessoal.”

Os olhos de Ash encontraram os meus. Ela me lançou um olhar que queria dizer “Ufa!”. A mãe de Jack estava totalmente emotiva. Deve ser marcante quando seu único filho completa dezoito anos.

Conferi furtivamente o telefone. Nenhum recado. Faltavam poucos dias para o prazo de Joe acabar, e eu não estava me saindo bem em minha tentativa de mandar um e-mail para ele. (Uma leve mudança de planos: eu tinha decidido tentar mandar um e-mail logo, dando a ele um prazo de duas semanas para entrar em contato depois disso. Era quase a mesma coisa que o plano A, mas ressaltava minha completa falta de força de vontade.) Todas as possibilidades de nome e domínio da universidade voltaram. Mas eu não queria pensar naquilo. O DJ tinha acabado de chegar, e estava com um smoking azul e uma camisa creme cheia de babados. Se alguma coisa fosse desviar meus pensamentos de Joe, era um DJ comédia que não sabia que era uma comédia.

Enquanto o DJ Brega se aprontava, o aniversariante chegou. Jack entrou timidamente, parecendo desconfortável com o fato de ser o centro das atenções. Nós o aplaudimos e pulamos em cima dele em um grupinho antes

de começar a cantar um “Parabéns” improvisado, com harmonia e tudo. Seria grosseria não fazer isso.

“Valeu, gente”, disse Jack, sorrindo e ajeitando a camisa. “Vocês vão me dar chutinhos de parabéns agora?”

“Não dê ideias”, disse Rich, entregando uma bebida a Jack. “Feliz aniversário, cara.”

Cass deu pulinhos bem femininos e bateu as mãos.

“Adam está lá fora, então, depressa, dê o presente, dê o presente!”

Rich correu de volta para nossa mesa e pegou uma sacola que tinha escondido embaixo do casaco.

“Cuidadosamente embrulhado por *moi*”, ele disse, entregando o presente. Estávamos todos agitados esperando que o aniversariante o abrisse.

“Ah, valeu, gente.” Jack abriu a sacola e retirou de lá um programa original da final da Copa da Inglaterra da temporada de 1982-3, entre Brighton & Hove Albion e Manchester United. Rich comprou no eBay por trinta libras, e todos nós ajudamos a pagar.

Jack abriu um sorriso enorme.

“Cara, que incrível!” Ele riu em deleite e folheou o programa. “É o máximo... Sério, muito obrigado.”

Rich bateu nas costas dele.

“De nada.”

Foi muito legal. Mesmo estando deprimida não pude deixar de sorrir ao perceber como Jack tinha gostado do nosso presente. Então um ruído de retorno da caixa de som anunciou que o DJ estava prestes a começar a tocar, e o momento foi interrompido. Cass correu para buscar o namorado e nós ficamos olhando para o DJ de smoking azul.

“Boa noite, pessoal. Meu nome é Alan e eu vou rodar os discos mais legais para celebrar o aniversáááááário de dezooooooooito anos de Jaaaaack! Então vamos começar como pretendemos continuar... com puuuuuuura música disco... [pausa dramática] Bee Geeeees!”

A essa altura eu e as meninas estávamos superanimadas.

“Ai, meu Deus, eu AMO esse cara. Quero ter os filhos dele!”, gritou Ashley, ajoelhando-se em êxtase.

Donna se levantou e ajeitou a blusa metodicamente.

“Vou pedir uma música.” Todas nós fomos atrás dela até Alan, que mordida o lábio inferior e se empolgava ao som de “Stayin’ Alive”. Ela puxou a manga dele, que se virou para nós, tirando o fone de um ouvido e sorrindo em expectativa.

“A gente pode pedir uma música?”, Donna perguntou.

“É claro, mas só vou tocar mais tarde, quando os mais velhos já estiverem alegrinhos. A primeira parte é para eles, não é? Assim todos se divertem.”

Ficamos boquiabertas. Quando Alan falava, era um londrino à moda antiga, e por baixo do terno não devia ser muito mais velho do que nós.

Ashley cerrou os olhos.

“Seu nome é mesmo Alan?”

Ele sorriu.

“Esta noite, sim.”

“Ah, vamos, conte seu nome verdadeiro”, Donna pediu fazendo charme, mas ele simplesmente balançou a cabeça. Vi Ashley avaliando-o em silêncio. Eu sabia muito bem o que se passava na cabeça dela.

A música terminou e “Alan” acenou para nós, cordialmente. Tradução: *Foi um prazer conhecê-las, mas agora podem se retirar.*

“Ash, diga que não vai dar em cima do DJ”, eu disse, quando ela voltou para nossa mesa.

Ela jogou o cabelo para o lado.

“Por que não? Aposto que me contaria o nome verdadeiro dele.”

Balancei a cabeça com tristeza.

“E o romance?”

Ela enfiou um salgadinho na boca.

“Não tenho um pingo disso em mim”, ela disse, balançando o dedo. “Mas tenho fogo no rabo.” Tenho quase certeza de que foi isso mesmo que ela disse.

“Meu Deus, é ele.” Donna franziu o rosto na direção de Cass e do namorado, que tinham acabado de chegar e estavam andando de mãos dadas na nossa direção. Cass se apoiava nele, como se andar tivesse se tornado difícil. Adam causava esse efeito nela, que parecia regredir quinze anos quando estavam juntos. Até sua postura ficava diferente, com os pés virados para dentro. Talvez fosse por Adam ser mais velho que Cass, ou porque ela conhecia os pais dele, algo assim. Ele tinha vinte e um anos e trabalhava na empresa de construção do pai dela. Conseguiu o emprego assim que acabou a escola, porque o pai de Cass conhecia o dele, e ele era amigo do irmão dela, qualquer coisa assim. Era tudo um pouco nojento e incestuoso. Ele e Cass tinham se conhecido quando ela tinha catorze anos e fazia algum tipo de trabalho administrativo para o pai durante o verão. Adam era absurdamente lindo e sabia ser muito charmoso quando queria, então os pais de Cass achavam que ele era simplesmente incrível: digamos apenas que Adam dormir no quarto de Cass nunca foi um problema. Era irritante, porque estava na cara que eles enlouqueceriam se soubessem como Adam realmente era.

Mas ele tinha hipnotizado Cass completamente, e ela se transformava em uma pessoa irritante quando estavam juntos. Cass também sabia disso, mas era apaixonada demais para fazer qualquer coisa a respeito. Maravilha.

“Oi, pessoal”, entoou Cass, acenando para nós. “Você pode pegar alguma coisa pra gente beber, amor?”, ela pediu, esticando-se para dar um beijo nele e em seguida limpando com o polegar a marca de brilho labial que tinha ficado na boca dele. “O de sempre para mim.” Ele nos lançou um olhar apressado e foi para o bar.

Cass se sentou.

“Então sua mãe reuniu a família toda?”, ela perguntou sorrindo e olhando em volta. As mesas eram ocupadas com rapidez, basicamente por completos estranhos. Jack parecia ligeiramente envergonhado.

“É. E mais algumas pessoas.” A família da mãe dele era grande, então Jack tinha um milhão de primos. Fora isso, ela conhecia a cidade toda por causa dos trabalhos sociais que fazia. O pai dele, por outro lado, trabalhava para o governo e mal falava. Poderia ser um assassino profissional, até onde eu sabia. Ele levava a discrição a um nível totalmente novo.

“Bem, eu acho ótimo”, disse Cass, encostando no braço dele. “E aposto um milhão de libras que o DJ está a três músicas de tocar o megamix de *Grease*, que, todo mundo sabe, é o que faz uma festa legal virar INCRÍVEL.” Ash ergueu uma sobrancelha, mas não disse nada. Ela é um pouco exigente em relação à música, mas depois de alguns drinques ela se empolga com “I Will Survive” tanto como qualquer outra pessoa.

De repente Rich se encostou em mim.

“Hum... Seu bolso acaba de vibrar, Sarah.”

Dei um empurrão nele: “Saia de cima, seu tarado”.

Mas não me ofendi. Rich é o garoto mais fofo do planeta. E não ligava para meninas. Não que desse para saber se você não soubesse.

“Então?”, perguntou Donna, enquanto eu olhava o telefone.

Balancei a cabeça.

“Mensagem da minha mãe.” Não era nada que não pudesse esperar até que nos encontrássemos. Guardei o telefone e esperei a adrenalina baixar. A esperança realmente é a última que morre. Toda vez que meu telefone tocava, eu torcia para que fosse Joe. Eu *esperava* que fosse Joe, o que era ridículo.

Ollie se levantou.

“Vamos lá. Quem vai dançar?”, ele perguntou, e foi se balançando para o quadrado de madeira todo arranhado na frente do DJ Alan, curvando os ombros e apontando para todo mundo. Ele era o único menino

(heterossexual) que eu conhecia que se habilitava a ser o primeiro na pista de dança. Como ele conseguia ser o conquistador da escola Woodside High eu não sei.

Um grupo de mulheres de meia-idade faziam uns passinhos ao som de “Don’t Stop Believin’”, e Ollie se juntou alegremente a elas. Ele sabia a letra toda da música.

Eu e Donna empurrámos nossas cadeiras para trás e levantamos ao mesmo tempo.

“Mais alguém?”, perguntei, mas o resto da mesa recusou. Cass normalmente adorava dançar, mas não quando Adam estava por perto. Então eu e Donna fomos requebrando até Ollie, e ficamos lá durante umas cinco músicas. Foi sensacional, e a primeira vez que não pensei em Joe desde que tinha saído da Espanha.

“Uhu, Aerosmith!” Rich apareceu subitamente ao nosso lado, tocando uma guitarra invisível e balançando a cabeça como um louco. Donna cerrou os olhos.

“Rich...?”

Ele pareceu confuso e, então, entendendo o que ela queria dizer, balançou a cabeça com sinceridade.

“Não, claro que não.” Ele pareceu magoado. “Na frente da família do meu melhor amigo?” Rich era chegado em substâncias ilegais, mas isso era mais uma coisa sobre ele que não dava para saber, a menos que você soubesse. Dançar loucamente, até ficar todo suado, era um sinal claro de que Rich tinha usado drogas, mas naquele dia ele parecia estar curtindo um barato natural.

“Estou morrendo de sede”, anunciou Donna quando voltamos para a mesa. Ela pegou a jarra de água. “Vou lá encher.”

“O que foi, Cass?”, perguntou Ollie, sentando-se ao lado dela. “O megamix de *Grease* não foi a mesma coisa sem você. Tive que fazer as partes dos homens e das mulheres.” Cass simplesmente deu de ombros e sorriu sem alegria. Estranho. Eu e Ollie trocamos olhares confusos.

“Na verdade, acho que também vou pegar uma bebida”, ela disse. “Você quer a mesma coisa, amor?” Adam passou a mão na bunda de Cass quando ela levantou, o que aparentemente significava “Sim, por favor”. Jack colocou na mesa o que tinha sobrado de um bolinho de carne que estava comendo.

“Vou com você. Tenho que cumprimentar as pessoas.”

Adam tossiu.

“Acho que não, cara... Pode ficar sentada, amor. Eu pego as bebidas.” Ele fez um gesto para que Jack fosse na frente e seguiu atrás, com o rebolado odioso de sempre.

“O que foi isso?”, perguntou Donna.

Cass pareceu arrasada.

“Adam está cismado com Jack outra vez. Ele me viu encostar nele mais cedo, ou algo assim.” Ela passou a mão no cabelo. “Uma bobagem.”

Bobagem era pouco.

“Você precisa resolver isso”, disse Donna. “Você e Jack se conhecem há muito tempo, ele não tem como mudar isso. Quantas vezes você já disse a Adam que nunca houve nada entre vocês?”

“Eu sei. Ele só é um pouco inseguro”, disse Cass. “Mas vai superar isso uma hora.” Nem ela mesma pareceu convencida.

Naquele instante o objeto de idolatria cega de Cass reapareceu, de mãos vazias. Paramos de falar imediatamente, e ele não pareceu notar. Adam tirou o casaco de Cass da cadeira e o segurou.

“Vamos embora, amor. Essa festa está um saco.”

Sem um único murmúrio ela vestiu o casaco.

“Tchau, então”, disse Ash,afiada. Cass se virou por um segundo, sorriu e mexeu a boca dizendo: “Desculpe”. Em seguida saiu atrás dele, obediente, mas voltou alguns segundos depois. “Ele foi ao banheiro. Digam a Jack que sinto muito por ter saído tão cedo, tá?” Antes que pudéssemos responder, ela saiu apressada outra vez.

Duas horas depois, Ash tinha desistido do DJ Alan e estava se agarrando com um primo de Jack; Ollie tinha ficado com Jas Mistry, uma menina da série abaixo da nossa, e não estava em lugar nenhum; Donna, Rich e Jack estavam bebendo; e eu continuava sofrendo. Não estava bêbada o suficiente para achar Donna e os meninos tão hilários quanto eles próprios estavam se achando, e sentia falta de Joe. Não aguentava mais meu coração saltando cada vez que meu telefone fazia um barulho, apenas para morrer um pouquinho quando descobria que não era ele. Mas não estava pronta para admitir a derrota. Afinal, ele ainda tinha alguns dias. Não que soubesse disso.

Soltei um suspiro. Por mais divertido que fosse ver Donna, Jack e Rich ficando cada vez mais bêbados, já tinha sido o bastante para mim.

“Vou indo”, anunciei, mas eles não me ouviram. Então fui embora.

No último dia do prazo de Joe, fiquei com o telefone na mão o tempo todo. Seria uma espécie de justiça cósmica se ele me ligasse naquele dia, quando eu estava prestes a desistir. Como se o meu comprometimento estivesse sendo testado, ou coisa do tipo. Eu sei: LOUCA. Mas não podia acreditar que nossa conexão naquela noite não tinha significado nada. Então mesmo com a aproximação do fim do dia me mantive otimista. Tinha quase certeza de que ele entraria em contato.

Quando saíamos da escola Donna me perguntou se havia alguma notícia.

“Não, mas...”

Ela interrompeu: “Meu Deus, os homens são uns babacas”. E me deu um abraço. “Bom, você deu todas as chances a ele... Valeu como experiência.” Enquanto a observava caminhando em direção ao ponto de ônibus, finalmente percebi. Ele nunca ia me ligar. Eu tinha entregue minha virgindade por causa de uma paixão de verão. Disse a mim mesma que não tinha importância. Ser virgem não era motivo de orgulho nem de vergonha. Era apenas um fato.

Mas tinha importância. Muita. Eu tinha gostado muito, muito dele. E ainda gostava.

Tentei ficar irritada, seguindo o método de Donna e Ashley, mas não deu certo. Não tinha raiva de Joe; tinha raiva de mim mesma, por ser tão ingênua.

Então caí na real.

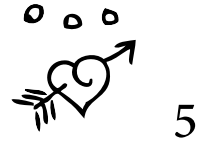
“Há, há, típico! Sou uma idiota! Argh!”

Dei um tapa na minha testa, o que não foi uma boa decisão.

Então me contentei com o bom e velho choro. No travesseiro, no ombro de Cass, e, uma vez, vergonhosamente, no meio da aula de francês. Ollie me deu cobertura, dizendo para Monique, nossa professora, que tinha me contado uma piada tão engraçada que eu estava chorando de tanto rir, o que me fez produzir uma bolha de meleca.

Foi horrível.

E então recebi a mensagem.



O PRAZO DE DUAS SEMANAS tinha acabado na segunda-feira, e a mensagem chegou na sexta. Eu, Donna, Ashley, Cass, Rich, Jack e Ollie estávamos no Hobbit, um bar que frequentamos. E, infelizmente, Adam. Cass estava em seu joelho, para que ele pudesse sussurrar no ouvido dela, que respondia com risinhos e tapinhas. Era irritante.

Eu não estava de bom humor. Mas a noite tinha sido organizada justamente para me alegrar, então eu não podia simplesmente cancelar e ficar em casa concentrada em três atividades para esquecer Joe: assistir aos canais de clipes (chorar em músicas românticas dava pontos extras), comer salgadinho e ficar deprimida.

Então coloquei um jeans novo e uma camisa do meu pai, passei um pouco de rímel e cheguei na hora marcada — como sempre, fui a primeira a chegar. O tempo estava absurdamente quente para o fim de setembro, então fui para uma das mesas do lado de fora e me inclinei sobre meu Bacardi Breezer de melancia (só gosto de bebida alcoólica se não tiver gosto de álcool).

Eu adorava aquela mesa, porque as luzes nas árvores davam um brilho azul ao ambiente e o barulho da parte de dentro do bar ficava reduzido a um chiado, mas naquele dia só conseguia pensar no meu pijama e na minha

cama. E em Joe, é claro. Ele continuava invadindo todos os meus pensamentos, com suas unhas dos pés perfeitas e limpas, suas panturrilhas bem definidas. Resmunguei e balancei a cabeça para me livrar daquela imagem, convenientemente espantando alguns emos que estavam prestes a se sentar na minha mesa.

“Sarita Cabrita!”, ouvi atrás de mim. Ollie sentou ao meu lado, me deu um beijo e bagunçou meu cabelo. Se qualquer outra pessoa tivesse feito isso teria sido irritante.

“Oi”, eu disse, forçando um sorriso.

“O pessoal ainda não chegou?”, ele perguntou.

Respirei fundo. Certo. Socialização.

“Não.” Olhei em volta. “Pensei que você viesse com Rich e Jack.”

Ollie batucou na mesa com dois dedos, e seus joelhos batiam num contratempo. Ele sempre tinha sido uma pessoa inquieta. Quando pequeno, ele vivia levando bronca por brincar com o cabelo das outras crianças.

“Eles estão no bar”, ele disse, fechando os olhos e mordendo o lábio, enquanto a música que estava tocando na cabeça dele atingia um crescendo.

“Então”, ele disse de repente, abrindo os olhos e guardando as baquetas imaginárias, “como vai sua dor de amor?”

Mexi no rótulo da minha garrafa.

“Ah. Você sabe. Firme e forte.”

Ele colocou o braço em volta do meu ombro e me deu um abraço de menino.

“Bem, esqueça isso hoje.”

Consegui dar um sorriso fraco. Ollie tinha boas intenções, mas não fazia ideia do que eu estava passando. Para ele, um caso de uma noite já era compromisso demais.

“Olha os dois ali”, ele disse, acenando para Rich e Jack. Donna e Ashley apareceram naquele exato momento, grudadas uma na outra, como sempre.

Cinco minutos depois, Cass e Adam chegaram, e nossa festinha estava completa.

Ótimo.

Quando o telefone vibrou, eu mal consegui reunir energias para pegá-lo.

Cass franziu o rosto quando vi a mensagem de texto e meu rosto perdeu a cor. “Ei, Sarah, tudo bem?”

Se estava tudo bem? Levantei os olhos, com um sorriso enorme na boca; meus lábios quase racharam, de tanto tempo sem sorrir. Os olhos das meninas se arregalaram de tal modo que elas ficaram parecendo aquelas bonecas Bratz.

“Não é possível!”, gritou Donna, pegando meu telefone. Tirei-o do alcance dela. Cass ganiu e bateu palminhas. Até Ash estava sorrindo.

“O quê?”, perguntou Jack, parecendo confuso. Rich e Ollie também não entendiam o que estava acontecendo. Pobres meninos.

Ashley botou a língua para fora. “Dã! Ela recebeu uma mensagem de Joe.”

“Legal. O que diz?”, perguntou Jack, tentando parecer interessado.

Abri a mensagem novamente, e levantei o telefone para que os outros pudessem ler. Todos se inclinaram para a frente.

Oi sarah. Voltei pra facul.

Quero te ver! Vem nesse fds?

Bj. Joe

Cass soltou outro ganido.

“Meu Deus, você tem que ir!”

Mordi o lábio.

“Sério? Não vai me fazer parecer, sei lá, fácil?”

Ashley apoiou a ponta do dedo no queixo e inclinou a cabeça para o lado.

“Hum... Me deixe pensar.” Revirei os olhos para ela. “Não, ele não vai achar que você é fácil, porque não vivemos nos anos cinquenta.”

“Isso, você tem que se liberar”, disse Donna. Ela apontou sua garrafa de cerveja para mim. “Você quer esse cara?” Lancei um olhar a ela. “Então vá atrás dele! Não é ciência avançada.”

Colocando daquela forma...

Comecei a responder.

“Opa, o que você está fazendo?”, perguntou Ollie, tirando o telefone da minha mão.

“Você não pode responder agora”, concordou Rich. “Ele deixou você esperando.”

Olhei ao redor da mesa. Parecia que todos achavam o mesmo. Até Adam assentia, com ares de sábio. Suspirei.

“Desculpe, pessoal. Não estou a fim de fazer joguinho. Sempre respondo na hora. Certo?” Todos concordaram. “Então, se me dão licença, tenho um convite para aceitar.” Estendi a mão para pegar o telefone de volta e virei de costas para eles, com um floreio.

Eu podia imaginar os olhares de “Vai entender...” que meus amigos trocavam, mas estava animada demais para me importar. Ele tinha respondido! Ele queria me ver! Sim, tinha levado quase três semanas para entrar em contato, mas devia estar ocupado. Cheio de coisas para organizar antes de voltar para a faculdade e tal. E paciência nunca foi minha maior virtude. Rapidamente escrevi:

Ok. Pego trem amanhã cedo.

Mande detalhes! Bj. S

Isso é que é uma montanha-russa de emoções. Eu estava muito feliz — e me sentia um pouco idiota por ter bancado a dramática. Dei um abraço em mim mesma com alegria, e continuei curtindo o momento, tentando

esconder na minha mente um pequeno problema: eu tinha que contar aos meus pais que ia passar o fim de semana com Joe.



Voltei para casa depois da meia-noite, então só tive oportunidade de falar com eles pela manhã. Eu já tinha tomado banho e me vestido, e estava comendo meu cereal quando mamãe desceu.

“Achei que tivesse escutado você”, ela disse, dando um beijo na minha cabeça. “Quer chá?”

Fiz que sim com a boca cheia de cereal. Ela ficou ocupada com a chaleira, as xícaras e os saquinhos de chá por alguns minutos.

“Tudo bem com você?”, ela acabou perguntando casualmente. Revirei os olhos. Minha mãe queria desesperadamente que eu me animasse.

“Bem, na verdade...”, comecei a responder toda alegre.

O rosto de mamãe se iluminou como se eu tivesse dado um presente a ela.

“Ótimo! Já era hora do mal-estar pós-férias acabar.”

“É, enfim. Estou bem. Obrigada.” Amo minha mãe, mas às vezes ela me dá nos nervos, como uma unha arranhando a lousa.

Ela me deu mais um beijo antes de colocar o chá na minha frente.

“Fico feliz... Então, algum plano para o fim de semana?”

Tinha quase certeza de que ela não ficaria orgulhosa se eu contasse que estava indo para Londres passar um fim de semana de muito amor. Então menti.

“A mãe de Ash está viajando, então vamos todas para lá passar um fim de semana comendo pizza e vendo DVDs.” Fingi que conferia as horas no relógio do micro-ondas. “Já estou saindo, na verdade.”

Fiquei muito orgulhosa dessa pequena mentira. Foi simples o suficiente para mamãe aprovar, mas, como ela não morria de amores por Ashley, nunca imaginaria que eu tinha inventado para acobertar algo. Na verdade,

ela provavelmente teria acreditado em qualquer coisa que eu dissesse. Eu nunca tinha mentido para meus pais assim antes.

“Às nove da manhã? Nossa, devem ser muitos DVDs!”

Levantei para colocar o pote de cereal na máquina lava-louça. Eu desconfiava que meu rosto me denunciaria.

“Vamos passar o dia na praia. Aproveitar ao máximo o verão.” Apontei para a janela com a cabeça. A névoa e uma garoa dominavam. Hum... Talvez eu devesse ter pensado melhor antes.

Mesmo assim, mamãe aceitou. Eu me senti mal por tê-la enganado, mas ela queria acreditar que eu ia me divertir. E, de qualquer forma, a alegria quando pensava em ver Joe pesava mais que a culpa, numa proporção de dezessete bilhões para um.

Saltitei até o andar de cima para pegar minha bolsa, ao som da música do meu coração e do ritmo da salsa nas minhas partes íntimas. Dei uma rápida olhada no espelho e me alegrei ao ver meu reflexo. Joe Joe Joe Joe! Verifiquei o horário no telefone. Em três horas, estaríamos juntos.

Porém, à medida que o trem acelerava, a vertigem dava lugar ao nervosismo. Fiquei tão imersa na alegria de ver Joe que não tinha pensado no fato de que todos os amigos dele da faculdade também estariam lá.

Mordi o lábio e fiquei olhando para a paisagem que passava. Até as roupas que levava comigo pareciam erradas. Será que os amigos dele só ficariam fumando maconha e fazendo piadas inteligentes? E se a conversa rumasse para política — ou, vamos encarar os fatos, qualquer assunto que não envolvesse televisão ou celebridades? Eu estaria ferrada.

Na estação Victoria me juntei à massa de pessoas que atravessavam os portões. Tirei o mapa do metrô do bolso pela centésima vez. Joe tinha me dado instruções, e eu já tinha ido várias vezes a Londres, mas era a primeira vez que ia sozinha. Achei um espaço perto de um caixa eletrônico e parei

um instante para me ajeitar. Fechei os olhos e comecei a respirar fundo quando bem na minha frente uma voz disse: “Não é hora de dormir”.

Quase morri de susto. Meus olhos se abriram e, antes que meu cérebro assimilasse, eu já tinha dado um empurrão em Joe.

“Você me deu o maior susto!”

Ele riu, revelando aqueles dentes lindos, e me puxou para perto dele para um beijo de verdade, intenso, de língua. Uma pequena parte de mim se sentiu mal pela demonstração tão pública de afeto. Detesto quem faz essas coisas. Mas aquilo era diferente. Era nosso reencontro apaixonado. Deixei meu corpo se apoiar no dele. As mãos e a boca de Joe estavam frias, seu casaco de camurça parecia áspero e morno, e ele cheirava muito bem.

“Que bom te ver”, Joe disse com o rosto no meu cabelo. Em seguida ele pegou minha mão e minha bolsa, e fomos na direção do metrô. “Vamos”, ele chamou por cima do ombro. “Podemos pegar um táxi.”

Era um gasto extravagante para um estudante, mas por mim tudo bem — Joe aparentemente me achava digna disso. Pensar assim fez minha cabeça girar. Envolvi-me em minha própria felicidade como um casaco de pele falsa. Eu tinha tanta sorte.

Fomos nos beijando até Kensal Green, minha perna sobre a dele e suas mãos enrolando meu cabelo. Quando chegamos, Joe jogou o dinheiro para o taxista e praticamente me arrastou porta adentro e escadas acima.

No quarto, ele parou por um instante, segurando meu queixo com o polegar e o indicador e sorrindo de maneira sexy e preguiçosa.

“Sarah-que-não-gosta-de-cerveja, preciso de você na minha cama”, ele sussurrou.

Eu entendia o que ele estava dizendo. Eu precisava dele como precisava de oxigênio.

Pulando em um pé só e depois no outro, Joe tirou os sapatos, depois abriu a calça jeans e a deixou cair no chão. Eu estava ansiosa, mas a visão daquela enorme protuberância me impediu de agir. Quando tirei os sapatos, mal

pude acreditar que estava sendo tão descarada. Não ficava nua na frente de alguém desde que tinha mais ou menos dez anos de idade (não tirei a camisa aquela vez na Espanha. Não sei por que — simplesmente aconteceu), mas pude ouvir a voz de Ashley na minha cabeça mandando ir em frente. Então fui.

Em segundos estávamos na cama de Joe, e as mãos dele passavam por toda parte. Apesar de já termos transado antes, eu continuava sem saber o que exatamente deveria fazer, então fiz o que me pareceu correto.

Mas Joe... Minha nossa. Ele sabia o que estava fazendo. Percorreu meu corpo até que eu estivesse completamente desamparada e me contorcendo sob ele. Bem melhor do que da primeira vez.

Foi como se estivéssemos em um turbilhão, e as mãos de Joe fossem o centro de tudo. A intensidade cresceu de forma quase intolerável. E então ele parou.

Joe se movimentou para pegar um preservativo embaixo do travesseiro.

E então estávamos nos movendo juntos adequadamente, do jeito que tem que ser. Agarrei a bunda de Joe enquanto ele ia cada vez mais rápido, seus olhos fechados com firmeza e os músculos dos braços tremendo.

Ele ficou tenso e gritou. De repente tudo ficou quieto, exceto pelo ruído de sua respiração pesada. Gotículas de suor se formavam em sua testa. O mundo inteiro pareceu desacelerar, como um peão parando, e então ele abriu os olhos. Sorri. Quando transamos na Espanha, fiquei preocupada se tinha sido bom para ele, mas desta vez soube que tinha. Como não teria sido, depois daquilo? Eu estava aprendendo — nós estávamos aprendendo juntos como funcionava melhor para nós.

“Você é incrível”, ele disse, arfando, e me beijou levemente antes de cair nos lençóis amassados ao meu lado.

Fiquei deitada em silêncio enquanto Joe cochilava. A chuva tinha passado e o sol da tarde banhava o quarto. Estiquei a perna para fora da coberta e captei uma fresta de luz, balançando os dedos dos pés no calor. Olhei em volta ociosamente, absorvendo os pôsteres (*Uma família da pesada*, *Scarface*, *Avatar*), a mesa com o laptop e vários papéis, a cômoda barata com uma televisão em cima. Um típico quarto de garoto, suponho.

“Que horas são?”, resmungou Joe.

Afastei carinhosamente o cabelo na testa dele.

“Vou dar uma olhada.” Saí da cama e fui andando pelo carpete para pegar meu telefone na bolsa, mas voltei para a cama depressa, me aconchegando ao lado dele. Apertei o botão para trazer a tela de volta à vida. “Quase quatro horas.”

Joe se espreguiçou e bocejou. Em seguida, rolou até mim, pegou minha mão e a colocou em seu pênis completamente ereto.

“Então temos tempo para o segundo round.”

Algumas horas depois, nós nos arrastamos para fora da cama, e, após um banho, pegamos o metrô para o centro de Londres.

“Você está linda”, Joe sussurrou no meu ouvido quando sentamos um ao lado do outro no vagão. Sorri para ele.

“Obrigada. Você também não está nada mal.” Ele estava uma delícia, é claro, com uma calça jeans e uma camiseta do John Lennon. Na estação seguinte, uma mulher entrou e ficou em pé na nossa frente, segurando no suporte do teto. Eu a olhei furtivamente, da cabeça aos pés, admirando o jeans justo, o casaco comprido e o chapéu fedora. Joe se inclinou para perto outra vez.

“Qual é a dela?”, perguntou com a voz baixa. “Chapéus masculinos ficam péssimos em meninas. Quer dizer, ela *quer* parecer lésbica?” Não respondi, e

passamos o resto da viagem em um silêncio companheiro, com Joe acariciando a palma da minha mão.

Foi muito gostoso andar de mãos dadas pela multidão e pelas luzes até o barzinho onde encontraríamos os amigos dele. *Este pode ser nosso futuro*, pensei. Dividir um apartamento em Londres, passear nos fins de semana e sempre ter um carinho especial por aquele lugar, onde passamos nosso primeiro fim de semana juntos.

“Planeta Terra para Sarah”, disse Joe, cutucando gentilmente minha mão.

Tirei a fantasia da minha cabeça.

“Desculpe... Eu só estava pensando na noite de hoje.” Olhei para ele. “Você acha que seus amigos vão gostar de mim?”

Joe apertou minha mão.

“Claro que vão. O que tem para não amar?” (Amar?!) Ele parou. “Aqui estamos.” Joe soltou minha mão para abrir a porta de um lugar com uma entrada ampla, e eu o segui para um bar grande e cheio. Não era particularmente elegante, mas também não era o buraco que eu estava esperando que os estudantes frequentassem. Acelerei para acompanhá-lo, enquanto ele costurava pelas mesas até uma sala no fundo, onde de um canto perto da mesa de sinuca uma menina acenou para nós. Ela estava sentada com mais quatro pessoas: duas meninas e dois meninos.

“Joey!”, gritou a menina do aceno, que se levantou e se inclinou sobre a mesa para jogar os braços no meu homem.

“Muito bem, Mimi”, sorriu Joe. “Começamos bem, então?” Ele apontou com a cabeça para a garrafa de vinho que já estava pela metade.

Mimi (que espécie de nome era aquele?) balançou o dedo para ele.

“Não somos alcoólatras como você.”

Joe riu educadamente, e em seguida colocou a mão nas minhas costas.

“Pessoal, esta é Sarah.”

Sorri e disse:

“Oi! Prazer”, e acenei. Eu me arrependi instantaneamente por ter sido ridícula e idiota. Todos retribuíram o “oi”, apesar de eu ter notado que as três meninas estavam fazendo uma rápida avaliação de mim. Respirei fundo e lembrei a mim mesma de que Joe gostava de mim, então não havia motivo para que os outros não gostassem.

“Vou achar uma cadeira para você”, ele disse, e desapareceu, me deixando ali parada. As meninas me encararam abertamente, e o olhar de Mimi cruzou com o meu. Ela esticou a boca em uma péssima imitação de sorriso e imediatamente o desfez, ficando com os olhos mortos. Lutei contra o impulso de fugir.

Três vodcas com coca depois, eu estava mais ou menos me divertindo. Ben e Rav estavam lá. Não os reconheci quando chegamos, porque eu só os tinha visto com short de mergulho. Descobri que moravam com Joe, mas tinham saído de casa à tarde para nos dar espaço.

As meninas basicamente me ignoravam e ficavam conversando e rindo sozinhas. Mimi tinha um cabelo longo cor de mel que ficava balançando de um lado para o outro, como se ela estivesse em uma propaganda da Pantene, e claramente adorava a visão de suas unhas pintadas de laranja ao lado da taça de vinho, pois não parava de acenar para enfatizar tudo que dizia.

Não pude deixar de dar umas olhadas para as meninas. Eram poucos anos mais velhas do que eu, mas tinha alguma coisa nelas. Pareciam confiantes e relaxadas. Faziam com que eu me sentisse como uma criança que foi autorizada a ficar acordada com os adultos, como um presente.

Joe esvaziou a garrafa pela quinta ou sexta vez.

“Certo, minha vez.”

“Não, deixe essa comigo”, eu disse, rezando para minha nota de vinte libras ser suficiente. Levantei e coloquei a bolsa no ombro, mas Joe me

puxou para baixo.

“Não, eu pego”, ele insistiu, e eu juro que ouvi uma das meninas — uma bonita, loira com um corte chanel — fazer alguma observação sobre carteira de identidade.

Quando Joe voltou com as bebidas, as meninas já tinham ingressado na conversa dos meninos. Parece que a menina do chanel se chamava Lara ou Mara, e a outra — de brilho labial e cabelos pretos e espetados — era Rosie. A conversa migrou para fofocas da faculdade e eu me desliguei. Os meninos fizeram uma estranha tentativa de me incluir, mas não havia motivo para isso. Eu não tinha nada a acrescentar. Olhei ao redor e tentei não parecer entediada.

“Hum... Joe?”, Mimi disse de repente, olhando com frieza para mim. “Você não acha que está na hora de levar sua amiguinha para casa? Acho que já passou da hora de dormir.”

Humilhação. As meninas gargalharam e até Rav e Ben riram discretamente. Fingi que não tinha ouvido e esperei Joe me defender. Mas em vez disso ele apoiou o braço nos meus ombros e se inclinou para brindar com Mimi, me arrastando para a frente numa posição desconfortável.

“Não se preocupe, Mimi, ela tem autorização da mãe”, ele disse, gargalhando. “Não é, meu bem?”, ele perguntou para mim, e me apertou com força antes de usar o braço para dar um soco no peito e arrotar.

De algum jeito consegui sorrir.

“Pois é. Foi um prêmio especial por ter arrumado meu quarto.” Fiquei satisfeita com essa resposta, mas ninguém a ouviu. Ou estavam rindo do comentário anterior de Joe ou já tinham voltado a conversar.

Respirei lentamente e pisquei para esconder as lágrimas que se formavam. *Não fique chateada, ignore. Não fique chateada, ignore.* Olhei furtivamente para os outros. Ben capturou meu olhar. Deu uma piscadela e ergueu ligeiramente o copo. Sorri agradecida, mas isso só fez com que eu me sentisse mais sozinha. Não sei como é possível se sentir sozinha em um bar lotado, ao

lado de um menino que passou a maior parte do dia com uma ou mais partes do próprio corpo dentro de você, mas eu me sentia assim.

As horas subsequentes passaram muito devagar. Quase dei um soco no ar em comemoração quando avisaram que o bar ia fechar, mas ainda levamos meia hora para sair, e depois simplesmente vagamos pelas ruas, as meninas indo de um lado para o outro, e os meninos se arrastando atrás.

Puxei a manga de Joe para chamar a atenção dele.

“Para onde estamos indo?”

Ele me olhou com os olhos inebriados e desfocados. Detestei aquilo.

“Não sei, meu bem”, Joe disse de maneira arrastada. Ele estava muito bêbado. E eu não estava gostando nada daquela história de “meu bem”. Não me importava quando meus amigos falavam assim, mas vindo de Joe parecia chato. Assim como de Adam.

Continuei seguindo atrás deles. Pensei em voltar para a casa de Joe, mas não tinha a chave. Nem sabia como chegar lá. Ou onde estávamos.

Muito bem, Sarah, pensei. Você é a senhora da situação.

Em determinado momento paramos em uma kebaberia para que todos, menos eu, pudessem passar aproximadamente vinte e sete anos escolhendo o que pedir. Continuamos nos arrastando, até que finalmente passamos pela estação de metrô Warren Street (o que não adiantou de nada, porque já estava fechada).

“Ei, vamos para a casa de Henrik!”, Rosie gritou.

Então fizemos um desvio de rota para uma das áreas residenciais da faculdade, onde outra hora agradabilíssima se passou. Ficamos todos apertados no quarto de Henrik, e eu permaneci sentada na cama dele enquanto as meninas tentavam convencê-lo a sair. Estava tão claro que ele não queria isso, eu sentiria pena dele se não estivesse com tanta pena de mim. Passei o tempo todo olhando em volta do quarto e imaginando como seria estudar ali.

Já passava das quatro quando chegamos em casa, depois de deixar as meninas no ponto de ônibus. Nem me lembro de terem se despedido. Em um minuto estavam lá, no seguinte tinham ido. Foi a única coisa boa daquela noite. E não melhorou nada quando ficamos sozinhos. Entramos no quarto de Joe, e eu me virei para fechar a porta, literalmente suspirando de alívio por tudo ter chegado ao fim. Quando me virei novamente, ele tinha apagado.

Só me restou escovar os dentes, deitar ao lado dele e ficar imaginando o que exatamente eu estava fazendo lá.



“SARAH... Ei, Sarah.”

Abri os olhos devagar. Joe estava apoiado no cotovelo, olhando para mim. Ele passou o dedo na minha testa e no meu nariz, parando na minha boca. Inclinou-se para a frente e, tirando o dedo, me beijou, depois colocou o dedo outra vez e traçou o desenho da minha boca.

“Desculpe. Precisei acordar você.” Ele fixou os olhos nos meus. “Você é tão linda.” Pausa. “Preciso de você.” E me beijou de maneira carinhosa e intensa, sua boca suave e morna na minha.

Meu Deus. Eu sabia que ainda deveria estar irritada, mas ele estava bêbado na noite anterior. Ninguém se comporta normalmente quando está bêbado. É assim que Ashley e Donna fazem, disse a mim mesma. Vá em frente. Então Joe se afastou de mim e foi me beijando lentamente, dos peitos ao umbigo, até seu rosto chegar à minha virilha. Combati o impulso de contê-lo quando ele começou a tirar o tênis da noite anterior, mas depois senti a língua dele em mim, e o mundo desapareceu novamente. Joe não parou até meu corpo inteiro efervescer e murmurar. Agarrei o cabelo dele e gemi.

Algumas horas depois, paramos para respirar. Joe enrolou o segundo preservativo do dia em um lenço de papel, jogou no chão e, depois de dar um beijo afetuoso no meu mamilo direito, caiu na cama e me puxou para perto.

“Eu estaria certo se achasse que você gozou três vezes esta manhã, jovem Sarah?”

Virei para o lado para poder olhar para ele. Convencido, como imaginei.

“Você está bem satisfeito consigo mesmo, não?”, eu disse, sorrindo.

Joe inclinou modestamente a cabeça.

“Os fatos falam por si. E... de nada.”

Ri e balancei a cabeça, incrédula.

“O orgulho precede a queda, Joseph.”

“O que isso significa?”, ele disse, fingindo confusão e franzindo sua linda testa. “O que cair e orgulho têm a ver?”

Ri, mas depois percebi que ele não estava brincando. Talvez reconhecer uma expressão antiga e compreender uma metáfora não seja vital para a obtenção de um diploma de ciência política, mas mesmo assim... De qualquer forma, fiquei menos petrificada diante da possibilidade de encontrar os amigos dele outra vez. Na pior das hipóteses eu poderia deslumbrá-los com “Pau que nasce torto nunca se endireita” e “Mais vale um pássaro na mão do que dois voando” (apesar de que, para ser sincera, eu não fazia ideia do que isso queria dizer).

Joe virou de costas, pegando meu braço de modo que ficamos de conchinha.

“Então”, ele disse, beijando minha mão. “Acho que a pergunta que todos querem fazer é: em que posição estou em relação aos outros?”

Tentei soar despreocupada.

“Que outros?”

Ele virou, olhando para mim novamente.

“Não acredito. Você era virgem?” Dei de ombros e sorri. “Uau! Então você tem um talento natural para a coisa.”

Sorri. Finalmente um bom elogio.

“Você não se importa?”, perguntei, e ele me lançou um olhar que dizia “O que você pensa de mim?” e deitou de costas. Ficamos deitados em silêncio por um instante. Passei os dedos suavemente pelo peito dele.

“Hum... que gostoso”, ele murmurou, com os olhos fechados. Observei a boca dele se curvar em contentamento e senti uma leve empolgação ao pensar que era eu que estava fazendo com que ele se sentisse assim.

Não adiantava enganar. Era como se a noite passada nunca tivesse acontecido.

“Então, quando foi sua primeira vez?”, perguntei, mantendo a voz baixa para não quebrar o clima.

Sem abrir os olhos, Joe respondeu: “Aos quinze. Honey Jessop. Namoramos por dois anos”. Ele fez uma pausa, como se estivesse relembrando. “Ela fazia um boquete maravilhoso.”

“Sua primeira vez foi com uma menina chamada Honey?” Ignorei o comentário/dica sutil sobre o boquete. Sabia que fazer sexo oral nele provavelmente seria a atitude mais educada, considerando que Joe já tinha feito em mim, mas também tinha certeza de que as regras normais de etiqueta não eram necessariamente válidas quando o assunto era sexo. Resumindo, eu simplesmente não estava pronta para colocar o pau dele na minha boca.

Joe sorriu, exibindo aqueles dentes lindos.

“O que posso dizer? Estudei em uma escola chique.”

Funguei altivamente.

“Bem, se me permite dizer, Joe é um nome mais sensato para uma primeira vez.”

Ele colocou o braço em volta de mim e me puxou para perto.

“Concordo plenamente.”

Joe beijou o topo da minha cabeça e ficamos em silêncio, dormindo logo depois nos braços um do outro.

Acordei e vi Joe recém-saído do banho, nu, secando o cabelo. Foi a primeira vez que vi o pênis dele não excitado. Parecia uma lesma.

“Levante, sua preguiçosa”, ele disse, jogando a toalha em mim. “Preciso de comida.” Sorri e saltei da cama, batendo com a toalha na bunda dele ao passar pela porta. “Você vai pagar por isso, mocinha”, Joe disse.

Eu ri. Era o que eu esperava.



“Então, quem eram aquelas meninas de ontem?”, perguntei casualmente, enquanto examinava o cardápio. Tinha pensado nelas no banho. Aquela Mimi me deixava insegura.

Joe franziu a testa.

“Eu já disse. São amigas da faculdade.” Ele colocou o cardápio de volta no apoio de madeira que ficava na mesa. “O que você vai querer?”

“Hum... ovos mexidos com torrada, acho. Mas eu estou perguntando quem *exatamente* elas são. Só queria saber”, conclui sorrindo.

“Ovos mexidos?”, Joe zombou. “Nem pensar. Você precisa de um café completo depois de todo aquele esforço na cama.” Senti o pé descalço dele subindo pela minha perna. Empurrei-o para baixo.

“Joe! Não vou tolerar esse comportamento!” Ergui uma sobrancelha torcendo para que estivesse sendo sedutora. Ele fez beicinho.

“Desculpe, madame.” Encolhendo-se na cadeira, ele sorriu maliciosamente. “Tenho culpa se você me enlouquece de desejo?”

Surpreendentemente, a conversa sobre as amigas dele não aconteceu depois disso. Ao que parece, falar de sexo no café da manhã é mais

divertido, apesar de ser um pouco desanimador quando você está prestes a pegar um trem. Cruzei as pernas e fiquei imaginando se eu estaria condenada a viver em constante estado de tesão agora que estava com Joe. Ele se levantou para sair.

“Bom”, disse, colocando algumas notas sobre a mesa, “vou levar você até a estação.”

Caminhamos em silêncio, simplesmente curtindo a companhia um do outro.

“O fim de semana foi incrível”, eu disse, inclinando-me para perto dele. “Eu te convidaria para ficar na minha casa no próximo, mas...” Não precisava explicar que meus pais seriam um balde de água fria em todo o sexo selvagem.

Joe apertou minha mão brevemente.

“Certo... Eu mando uma mensagem ou algo assim, tudo bem?”

Ou algo assim? Engoli em seco e abri a boca, apesar de não ter nada para dizer. Ele parou e se virou para mim.

“Olha só, Sarah.” Ele usou um tom de voz totalmente gentil e conciliador. Mesmo com minha experiência limitada, eu sabia o que aquilo significava. “Você é linda e muito boa de cama, mas não quero que tenha uma impressão errada... pensando que isso é algo que não é.”

“Bem, e o que é, então?”

Eu estava enjoada. Joe deu de ombros.

“Diversão”, ele disse sorrindo, procurando me encorajar. “Você ainda está na escola, eu tenho a faculdade e tudo mais... Não é como se estivéssemos querendo um relacionamento.”

Deixar Joe na Espanha não tinha sido nem um pouco pior. Pelo menos lá eu tinha esperança. Soltei a mão dele. Eu o havia perdoado uma vez, mas não o perdoaria de novo. Quando estava me virando para sair, eu disse baixinho: “Não sei o que eu quero. Mas pensei que fosse mais do que sexo”. E então saí. Ele começou a dizer alguma coisa, mas logo desistiu, e então o

ouvi virar e ir embora. Coloquei a mala no chão e cerrei os punhos com força. Minhas unhas deixaram marcas nas palmas das minhas mãos. Olhei fixamente para o asfalto. Estava coberto por manchas de chicletes velhos e secos.

“Tchau, então”, sussurrei.

Na estação comprei uma revista e uma coca e me sentei firme em um dos bancos na plataforma, olhando para o nada. Quando o trem chegou, embarquei com calma e andei até encontrar um vagão vazio, em seguida me joguei em um assento, sem me importar com o fato de que minha mala estava bloqueando a passagem. Enterrei o rosto nas mãos. Meu Deus, que humilhação! E Joe... Ah, Joe... Pensar em não vê-lo mais me fez querer morrer. Puxei a bolsa para o colo, peguei o telefone e joguei-a de volta para o chão. Procurei o número de Cass. Ela atendeu quase imediatamente.

“Oi, senhora Joe. Como foi?”

“Cass”, solucei, “fui uma completa idiota.”

“Ah, o que aconteceu?” Ouvei o som de uma porta se fechando: Cass estava se isolando para poder conversar comigo em particular. Eu conseguia visualizar o olhar de preocupação no rosto dela.

Belisquei meu nariz, como se isso fosse me impedir de dissolver.

“Foi incrível. Mas depois não foi mais. Aí voltou a ser. E o sexo foi extraordinário. Mas...” Debulhei-me em lágrimas outra vez. “Ele não me quer.”

Cass arfou.

“Ele disse isso?”

Senti um instinto de proteção. Mesmo depois de tudo aquilo, não estava pronta para odiar Joe.

“Não é culpa dele”, eu disse, fungando. “Eu que viajei.” Comecei a chorar novamente. “Por que não posso ser como Ashley e simplesmente

transar? Por que tem que significar tanto para mim?”

“Sarah, Ash fala muito, mas não é imune. Você lembra como ela ficou no último Natal, quando aquele Mike a dispensou...”

Eu lembrava. Ashley tentara fingir que não se importava, mas Cass a viu chorando no armário.

Respirei trêmula.

“Eu sei. Mas fui grudenta demais.” Parei, quase constrangida demais para continuar. “Achei que estivéssemos fazendo amor”, sussurrei.

Mesmo com o barulho do trem deu para ouvir Cass suspirando.

“Ah, amiga...”

“Eu sei”, disse, soluçando. Coloquei os pés no assento e abracei os joelhos. “Eu o afastei.”

“Não foi você. Ele é homem. É assim que eles são.”

Passei o resto da viagem de volta a Brighton ouvindo todas as músicas de fossa no meu iPod e repassando as quarenta e oito horas anteriores. Sim, Joe tinha sido distante no bar, mas fora tão atencioso pela manhã. E tão sincero. Teria sido só para transar comigo? O sexo fora especial, eu tinha sentido. Por que ele olhou tão fundo nos meus olhos se só estava me usando? Seria possível fingir aquilo tudo? (*Dãã*, disse a voz da razão, bastante atrasada, eu diria.)

Com esses enigmas se repetindo na minha cabeça, cochilei, acordando com um susto cada vez que o telefone apitava com uma mensagem ou uma ligação de uma das meninas. Deixei no silencioso e voltei a dormir, despertando apenas em Brighton, quando todo mundo que ia para Londres começava a subir no trem.

Cambaleei até minha casa, com a boca seca, a cabeça doendo e um buraco no estômago. Queria esquecer o que tinha acontecido naqueles dias.

Na manhã seguinte, estávamos todos na sala do nosso tutor, Paul — coordenador de matemática e o sortudo encarregado da nossa pastoral —, esperando que ele aparecesse, fizesse a chamada e começasse os cálculos. Ele era legal, se você ignorasse o fato de que agia mais como um empresário poderoso do que como um professor e utilizava frases como “Pense fora da caixa”. E de que nunca ficava na sala por mais de cinco dos nossos vinte minutos de tutoria, o que nos deixava com quinze minutos (matemática pura!) para começar calmamente a manhã.

Mas eu não queria nenhum intervalo aquele dia. Queria que o dia fosse cheio, para não ter que pensar. Ou conversar. Então, enquanto Ashley e Donna discutiam o filme que tinham visto no fim de semana e Rich e Jack conversavam sobre o episódio de sábado de *Doctor Who*, estudei cuidadosamente uma revista de fofoca como se as medidas das coxas de uma atriz fosse o tema mais fascinante sobre o qual já tinha lido e torci para que me deixassem em paz. E deixaram, até Ollie ler sobre o meu ombro, me fazendo dar um salto: “O ano dos coroas”. “Ah, então foi por isso que você escolheu um cara mais velho.” Ele começou a me cutucar com o cotovelo, dando algumas piscadelas. “O que eles têm que nós, os jovens, não temos?”

“Vá à merda, Ollie”, respondi irritada, empurrando o braço dele.

Isso tirou o sorriso de seu rosto.

“Desculpe, linda. O fim de semana não correu como planejado?”

Voltei-me novamente para a revista.

“Deixa quieto, tudo bem?”

Silêncio. Eles iam ficar preocupados. Suspirei e pus a revista de lado.

“Só não estou num bom momento, certo? Vou superar.” Donna estava em silêncio ao meu lado, mas, assim que abriu a boca para falar, interrompi.

“Posso só dizer que estou vivendo e aprendendo, e deixar por isso mesmo?”

“Sim, claro”, ela disse. “Ninguém aqui pensa mal de você.”

Fiquei mexendo em uma caneta, tentando me distrair para não chorar.

“Vocês pensam, sim”, eu disse, com a voz trêmula. “Me acham uma idiota. E têm razão.” Todos começaram a repetir em coro: “Não achamos”, “Joe é o idiota” e blá, blá, blá. De repente me senti exausta. Olhei para meus amigos. Cass com seus olhos enormes e molhados, Ashley e Donna trocando olhares preocupados. Até os meninos pareciam inquietos. Jack não parava de apertar as mãos. Tentei um sorriso.

“De verdade, vou ficar bem. Ninguém morreu, só fiz uma imagem errada de Joe.” Empurrei a cadeira para trás. “Preciso me acalmar. Digam a Paul que fui ao banheiro, tudo bem?”

Saí da sala, da escola e fui para casa, onde tirei os sapatos e deitei na cama.

No sonho, Joe estava sentado na minha carteira na aula de inglês. Ele virou para mim e sorriu, enquanto eu caminhava em sua direção.

“Aparência e realidade em *Jane Eyre*”, ele disse, dando uma piscadela, em seguida se inclinou de maneira conspiratória e sussurrou: “Nós somos a realidade”. Depois desapareceu.

Quando acordei, abri totalmente a janela do quarto. Nunca fui de basear as decisões da minha vida em sonhos, mas teria sido idiota em ignorar esse. Joe não tinha percebido como ficávamos bem juntos, só isso. Era perfeitamente compreensível que estivesse assustado. Joe estudava em Londres, e eu morava a oitenta quilômetros de distância dali — com meus pais. Eu tinha dezessete anos, e ele tinha vinte. Ele ter me dispensado ainda doía — cada vez que me lembrava dele se afastando era como se levasse uma facada no peito —, mas algumas lutas são válidas.

Sentindo-me arrasada, porém decidida, fui até o banheiro, tirei a roupa e liguei o chuveiro na temperatura mais alta possível. Fiquei parada, nua e tremendo, enquanto esperava a água aquecer. Depois que entrei, deixei a água cair sobre mim por meia hora, sentindo muito mais pena de mim do que do meio ambiente. Lavei o cabelo, passei condicionador, depois abri um tubo de um esfoliante chique que tinha ganhado no Natal, mas nunca usara, coloquei um monte na mão e espalhei, esfregando até a pele doer. Depois que saí do banho, fiquei parada naquele vapor perfumado e me cobri de hidratante. Em seguida vesti meu jeans preferido, um casaco de tricô enorme que eu adorava apesar de estar com um buraco no ombro e meias longas. Então me sentei no chão diante do espelho e sequei o cabelo, dividindo-o em duas partes, como fazem no salão. Passei um pouco de silicone no cabelo e estava pronta.

Sentei na cama, peguei o telefone e escrevi uma mensagem de texto. O melhor era ser leve e tranquila. Qualquer densidade só o assustaria mais.

Oi Joe. Obrigada pelo
ótimo fds de grosseria ;)
Boa semana. Bjs. S

Levantei-me, alisei a colcha e desci para assaltar a geladeira. Estava faminta.

No dia seguinte na escola, eu já tinha voltado a mim, pelo menos externamente. Era a velha Sarah de fácil convívio de sempre. Vi Ollie caminhando na minha frente e corri para alcançá-lo, entrelaçando meu braço no dele.

“Sarah”, ele disse, surpreso. “Você está bem?”

“Estou.” Apoiei a cabeça no ombro dele. “Desculpe por ontem. Fui uma vaca.”

Ollie deu de ombros, levantando minha cabeça como se fosse uma bola de futebol.

“Não se preocupe com isso. Acho que fui um babaca insensível. Joe ligou?”

Balancei a cabeça.

“Não, ainda não.”

“Ah. Certo.” Ele fez uma pausa enquanto seu cérebro masculino tentava digerir a informação.

“Então”, Ollie prosseguiu, “você vai ao jogo de Jack hoje à noite?”

Passamos espremidos por um bando de alunas do sétimo ano na escada, suspirando com um artigo de jornal sobre Justin Bieber. Quase senti inveja delas.

“Acho que sim”, eu disse, respondendo à pergunta. “Todo mundo vai?”

Ele segurou a porta da sala de tutoria para mim.

“Primeiro as damas.” Sentamos. Havia outros alunos por ali, mas eu e Ollie éramos os primeiros do nosso grupo.

“Ashley tem que trabalhar e Cass vai sair com Adam”, ele continuou. “Mas Donna e Rich vão.” Ollie tamborilou nos joelhos por baixo da mesa. “Então... Que bom que está se sentindo melhor, linda.”

“É, estou bem melhor, obrigada”, eu disse, tentando ignorar o martelinho no meu cérebro, que batia cada vez que uma imagem de Joe se formava na minha cabeça: Joe na estação Victoria na manhã de sábado, o corpo nu de Joe, o rosto de Joe quando gozava, Joe me deixando na estação. Principalmente Joe me deixando na estação.

“Sarah?”, chamou Ollie.

“Oi?”

“Jack está falando com você.”

Levantei os olhos e vi que todo mundo já tinha chegado. Eu realmente precisava controlar esses momentos em que me desligava. Era constrangedor.

“Desculpe, Jack. O que você disse?”

“Só que fiquei feliz que você vai com a gente hoje.”

Sorri.

“Ah sim. Não perderia por nada.”

“Ótimo.” Ele me olhou, como se temesse que eu pudesse perder o controle a qualquer instante.

“O que foi?”, perguntei, com um sorriso no rosto. “Estou bem!” A julgar pelos olhares céticos ao meu redor, ninguém estava convencido disso. “Sério! Só me distraí por um segundo. Não estou enlouquecendo nem nada assim.”

Donna ergueu uma sobrancelha.

“E nós podemos falar sobre Joe?”

Dei de ombros.

“Se quiserem...”

Cass continuava parecendo preocupada.

“Tem certeza de que está bem? Somos nós”, ela disse, apontando para todos na mesa. “Não precisa fingir.”

“Não estou fingindo!” Aquilo estava começando a me irritar. “É verdade que fiquei arrasada com tudo o que aconteceu, mas a culpa foi minha. Interpretei mal os fatos. Ponto final. Mesmo assim foi um fim de semana incrível...” Diminuí a voz. “E fizemos um sexo incrível.” Olhei para Ashley e Donna.

Ash abriu as mãos.

“Justo. Eu te entendo.”

“Eu também.” Donna deu a volta na mesa e me abraçou. “Que bom que você está bem.”

“É, não gostamos da Sarah triste”, disse Cass, sorrindo para mim.

“Então isso quer dizer que podemos beber um monte hoje à noite para comemorar?”, perguntou Rich, esfregando as mãos.

“É sempre quando tenho que trabalhar”, resmungou Ashley. “Não podemos sair no fim de semana?”

“No fim de semana repetimos a dose então”, disse Rich. “Por que você não diz para a sua mãe que não pode trabalhar hoje?”

“Ah, é. Como se eu tivesse essa opção”, Ashley disse amargamente. A mãe dela é dona de uma loja de vestidos de noiva de estilistas famosos, e tira medidas das moças à noite. Ashley tem que tirar o delineador, vestir um *tailleur* e puxar o saco das futuras noivas e de suas mães ricas. É irônico, porque a loja não deixa a mãe de Ash rica. Muito pelo contrário. A economia não vai bem e tudo mais.

“Eu e Adam vamos passar a noite em casa”, disse Cass, parecendo decepcionada. “Mas se eu terminar minha tradução de espanhol a tempo, com certeza vou no fim de semana.”

Rich colocou os braços em volta de mim e Donna.

“Parece que seremos eu e minhas garotas, então.”

“E Jack e Ollie”, lembrei.

“Sim, eles também são minhas garotas”, concordou Rich, e em seguida desviou dos vários objetos não identificados que Jack e Ollie atiraram nele.

Meus amigos eram muito legais. Por que a amizade deles não bastava? Suspirei e virei para a frente quando Paul finalmente chegou para fazer a chamada e passar os avisos do dia. *A noite vai ser boa*, eu disse a mim mesma. *Concentre-se nisso.*

E, para falar a verdade, foi boa. Pelo menos no começo.

Assim que os times correram para o campo, soubemos que seria a noite de Jack. Ele estava incrível. Até eu percebi que ele era o craque do jogo, indo

para cima do outro time, driblando e mergulhando. Eu, Donna, Ollie e Rich pulávamos na lateral do campo, torcendo.

“Alguém quer uma bebidinha?”, Rich perguntou, estendendo uma garrafinha.

“Eu quero”, disse Donna, tirando a tampa e recuando antes mesmo de tomar um gole inteiro. “Argh! O que é isso?”

Rich deu de ombros.

“Aguardente de cidra. Era isso ou vinho. E tem que ser muito bêbado para colocar vinho em uma garrafa destas.”

“Você sabe que não é obrigado a pegar toda a bebida dos seus pais. Pode comprar, como uma pessoa normal”, disse Donna, tomando um gole e fazendo uma careta. “Hum... Bela combustão”, ela disse, dando uma olhada na garrafa.

“Não é?”, confirmou Rich, entusiasmado, como se ele mesmo tivesse fermentado a bebida.

Donna passou a garrafa para Ollie, que deu alguns goles, e em seguida entregou para mim. Nem pensei. Simplesmente bebi.

“Meu Deus, que nojo.” Queimava e tinha gosto de remédio. Pus a língua para fora e abanei para aliviar o fogo.

“Uau, Sarah, bebendo durante a semana?” Donna sorriu e me deu um soquinho de aprovação no braço. “É isso aí. Vai te fazer bem.”

Eu esperava que sim. Estava prestes a devolver a garrafa a Rich quando algo me conteve. Dane-se. Tomei outro gole. E mais um.

Ao fim do intervalo, já estava bêbada. Mas tudo bem. Tudo ótimo, aliás. Eu estava me divertindo horrores. Tudo era Jack, os meninos, Donna, e definitivamente não era Joe.

O apito soou anunciando o início do segundo tempo, e voltamos nossa atenção novamente para o jogo. Dei alguns pulinhos no lugar quando Jack driblou os adversários em direção ao gol.

“VAI, JACK!”, berrei. Virei e comecei a conduzir um coral imaginário. “Lê... Lê-lê-ô...”, entoei, e sorri para os outros com expectativa.

Rich riu e balançou a cabeça.

“Sem torcidinha.” Ele mexeu a boca sem emitir som: “Não é legal”.

“O quê?” Fiquei pasma. “Torcer é o máximo!” Comecei a dar chutinhos e a sacudir pompons imaginários. “Vamos lá, pessoal! Vamos torcer!” Puxei o casaco de Donna. “Donna. Donna. DONNA. Torça comigo. DONNA!”

Ela tirou gentilmente os meus dedos da manga.

“Tudo bem, Sarah, mas vamos nos acalmar primeiro. Está começando a ficar um pouco irritante.”

Dei de ombros e me virei novamente para o jogo. Todos viviam no meu pé para que eu relaxasse, e lá estava eu, leve como uma pena. Fiquei dançando pela lateral do campo, gritando incentivos para Jack, depois virei para Rich, mas ele balançou a cabeça e segurou a garrafa longe do meu alcance.

“Você está bêbada.”

Fiz uma cara de “Dãã” para ele.

“Não! Sério?” Pulei para alcançar a garrafa, mas Rich me afastou com um empurrãozinho leve na testa.

“Por mais que eu adore a nova Sarah doida e pingüça, acho que você já bebeu demais”, ele disse. “Não é uma boa ideia continuar, acredite em mim.” Cambaleei e assenti, em seguida avancei assim que ele começou a guardar a garrafa no bolso.

“HÁ! Peguei!”, eu disse, segurando a garrafa por um segundo antes de jogar a cabeça para trás e tomar o resto. “Ih, acabou”, eu disse, segurando a garrafa de cabeça para baixo.

“Graças a Deus”, disse Donna. “Agora sente, por favor, antes que caia no chão.”

Mas eu estava um passo à frente dela. Minhas pernas se curvaram e caí pesadamente no chão.

“Ai! Doeu”, eu disse, com lágrimas de dor nos olhos. E todos sabem que uma lágrima pode iniciar uma tempestade... Um segundo depois era como se eu suportasse toda a dor do mundo nos meus ombros.

“Ah, amiga”, suspirou Donna, abaixando e colocando os braços ao meu redor. Apoiei a cabeça no ombro dela e chorei.



“PRONTO?”

Fiz que sim com a cabeça e limpei a boca com a mão. Estávamos no banheiro da casa de Donna, e eu tinha passado os últimos quarenta e cinco minutos vomitando um potente coquetel de aguardente de cidra, hambúrguer e batata frita. Virei e sentei no tapetinho, com as costas apoiadas na banheira. Donna se juntou a mim, sabiamente escolhendo o lado mais afastado da privada.

“Mil desculpas”, eu disse, colocando a cabeça nas mãos.

“Eu sei, você já disse isso, tipo, um milhão de vezes.”

Olhei para Donna por entre os dedos. Ela estava olhando reto, com a expressão neutra. Não parecia irritada, mas nunca dava para ter certeza com ela. Não éramos amigas porque tínhamos personalidades semelhantes. Ela era tranquila, tinha iniciativa, era bem direta. Eu era basicamente o oposto. Mas, apesar disso — talvez por causa disso, não sei — nos dávamos bem. Ela era divertida, gentil e honesta. De algum jeito me levou para a casa dela, convenceu o pai a me deixar ficar e segurou meu cabelo enquanto eu despejava o conteúdo do meu estômago na privada.

Eu estava no meio de um enorme ataque de culpa.

“Não mereço você”, eu disse, balançando a cabeça.

“Não enche”, ela disse, brincando. Examinou as unhas. “E pare de se preocupar com isso. Acontece nas melhores famílias.”

Suspirei.

“Comigo não acontece.”

Ela riu.

“Bem, já estava passando da hora.”

Ficamos sentadas em silêncio por um instante. Olhei em volta, à procura do meu telefone.

“Que horas são?”

“Quase meia-noite. Sua bolsa está lá embaixo.”

Tentei levantar, mas o banheiro começou a girar loucamente, então sentei outra vez.

“Tem certeza de que não tem problema eu passar a noite aqui?” Apoiei a bochecha na banheira. Já estava enjoada novamente.

“Tenho. Meu pai não se importa”, respondeu Donna, olhando para mim com cautela. “Você está bem?”

Assenti, apesar de não estar convencida daquilo.

“Preciso ligar para meus pais.”

“Não se preocupe. Já mandei uma mensagem para sua mãe do seu celular. Você disse a ela que o time de Jack ganhou, então viemos para cá comemorar, mas aí ficou tarde e você decidiu dormir aqui.”

“Ah, obrigada”, eu disse, aliviada por ter uma preocupação a menos. “Ela respondeu?”

Donna sorriu para mim.

“Não sei. Você começou a vomitar.” Dei um sorriso que seria descrito como pesaroso nos livros e tentei levantar outra vez. Donna pegou minha mão. “Cuidado. Devagar.” Ela ficou me segurando enquanto eu a seguia cuidadosamente para o quarto que ela dividia com a irmã até o ano anterior, quando Jess saiu de casa. Donna empurrou todos os livros e caixas de DVD que estavam sobre a cama da irmã para o chão. “Pode subir.” Deitei

agradecida no lençol frio e macio, e Donna me cobriu com a colcha. Na manhã seguinte eu me preocuparia com que roupa ir para a escola.

Sorri entorpecida, com os olhos já fechando.

“Obrigada.” Senti o colchão afundar quando Donna se sentou ao meu lado na cama. Ela retirou carinhosamente meu cabelo dos olhos.

“Sem problema. É para isso que estou aqui.”

Mas eu já estava dormindo.

Acordei com a claridade. As cortinas estavam abertas, e a colcha da outra cama estava jogada por cima dos lençóis, o que na República de Donna significa cama arrumada. Tentei ouvir alguma coisa. A casa estava vazia. Sentei e segurei a cabeça. Minha primeira ressaca. Minha boca parecia uma lixa que alguém tinha usado para limpar a bunda. Deitei cautelosamente outra vez, mas havia alguma coisa sob a minha cabeça. Apalpei atrás de mim, grunhindo com o esforço, e peguei um pedaço de papel entre os dedos.

S. Deixei você dormir. Meu pai está no trabalho.

Fique à vontade para tomar banho, se vestir e comer!!

Até mais. Bjs, D.

Gemi. Eu nunca tinha ficado bêbada, muito menos durante a semana, e nunca tinha matado aula, mas aquela era a segunda vez que alegava estar doente em uma semana. *Joe está fazendo isso com você*, disse uma voz na minha cabeça. *Você vai ficar muito melhor sem ele.* Ignorei. Eu ficava melhor com ele. A questão era justamente essa. Dãã.

Saí da cama aos tropeços e fui para o banheiro, que ainda fedia a vômito. Gemi outra vez. Duvidava que fosse ter coragem de voltar a olhar nos olhos do pai de Donna. Mas ele era o mais liberal dos pais do grupo — deu

maconha para Donna no aniversário —, então talvez não se importasse. Eu torcia muito para isso. Os pais sempre gostavam de mim. Meu jeito de menina ajuizada agradava.

Tranquei cuidadosamente a porta do banheiro e abri a torneira do chuveiro. Um jato de água gelada atingiu meu braço. Merda, merda, merda. Eu podia fazer o que quisesse, mas a água não esquentava. Lavei só as partes mais importantes do corpo com a maior pressa possível. Pelo menos clareei um pouco a mente.

De volta ao quarto de Donna, mantive a toalha enrolada em mim com uma mão e abri a gaveta com a outra. Peguei um par de meias pretas e a primeira calcinha que encontrei (as gavetas tinham uma hierarquia bem definida: meia embaixo, calcinha no meio, sutiã combinando em cima) e coloquei meu próprio sutiã. Em seguida abri o armário. Donna era menor do que eu, mas achei uma malha larga e uma calça jeans que poderia servir. Ficaria péssima com a sapatilha que eu tinha usado na noite anterior, mas disse firmemente a mim mesma que era o preço que eu pagava por ser tão tonta. Depois de vestida, peguei minhas próprias roupas fedidas e desci.

Minha bolsa estava pendurada no corrimão da escada. Encontrei meu telefone e senti uma pontinha de esperança ao ligá-lo. Três mensagens. Com o coração acelerado, abri as mensagens. Uma era de mamãe, dizendo que à noite nos encontraríamos, outra era de Donna, e a terceira era de Ollie, querendo saber como eu estava. Eu não esperava nada diferente, mas mesmo assim... Suspirei e fui até a cozinha, mas nada me apeteceu. Tinha uma lata de coca light na geladeira, mas me pareceu errado pegar a última. Peguei alguns biscoitos de aveia, busquei a bolsa e abri a porta da frente. Não queria ir para a escola e ter que encarar todo mundo. Não queria fazer nada além de dormir. Estava me sentindo péssima, e não só por causa da bebida. Bati no meu próprio rosto. *Pelo amor de Deus, garota, recomponha-se.* Sacudindo os ombros, o que não fez com que eu me sentisse melhor, fechei a porta atrás de mim e comecei a me arrastar na direção da escola.

Eu estava me concentrando tanto em não ceder à náusea que mais uma vez me dominava que não ouvi o telefone tocar até ser quase tarde demais. Peguei no último toque e, sem olhar para ver quem era, apertei o botão para atender.

“Alô?”

“Tudo bem?”

Quase derrubei o aparelho. Uma onda de felicidade, confusão e uma necessidade urgente de vomitar me atingiram.

“Hum... Sarah, você está aí?”

“Estou. Desculpe. Derrubei o telefone.” Esperei que ele falasse. Já tinha ensaiado aquele momento o suficiente para saber que tinha que deixar Joe falar.

“Então... Como você está?” Ele soou completamente normal. Como se o domingo na estação de trem nunca tivesse acontecido.

“Nada mal, obrigada. Com um pouco de ressaca.” Mantive a voz firme.

“Que chato. Então... Eu e os meninos vamos para Brighton neste fim de semana. Will vai dar uma festa na casa dos pais dele.”

“Ah, legal.” (*Vá com calma, Sarah, eu disse a mim mesma. Não se anime demais.*)

“Então... Quer ir?” Ele abaixou a voz. “Tenho pensado em você.”

Meu estômago revirou, e dessa vez não foi pela ressaca. Cada fibra do meu ser estava gritando para eu dizer que ia, mas em vez disso fechei os olhos e respondi: “Ah, droga, vou sair com meus amigos este fim de semana”.

“Eles podem ir também. Quanto mais, melhor”, Joe disse calmamente.

“Hum... Tudo bem.” Foi o melhor que consegui dizer naquele estado.

“Ótimo. Mando os detalhes por mensagem. Até lá, Sarah-que-não-gosta-de-cerveja.” E meu telefone apitou, indicando que ele tinha desligado. Fiquei encarando o aparelho por um segundo. Aparentemente eu veria Joe no próximo fim de semana, afinal.

Eu veria Joe! Dei um pulinho, e instantaneamente me arrependi quando os biscoitos ameaçaram voltar. De repente uma forte dor de cabeça se tornou o preço que eu devia pagar pela noitada, mas as nuvens escuras e baixas apresentavam uma luz no final do túnel. Percorri o resto do caminho para a escola com a maior animação que a ressaca de aguardente de cidra permitiu.



DONNA CHEGOU UM POUCO ATRASADA para a tutoria e veio pavoneando para o assento. Eu estava esperando a chegada dela para convidar todo mundo para a festa no sábado, mas pelo olhar convencido no rosto de Donna, ela ia contar alguma novidade antes.

“Você está parecendo bem feliz”, disse Rich. “Alguma novidade?”

Ashley revirou os olhos.

“Não dê trela, Richard.”

“Para falar a verdade, sim”, disse Donna, coçando a bochecha com o dedo médio para Ashley. Ela mexeu na bolsa, retirou um envelope e sacudiu como uma bandeira. “Alguém quer ingressos grátis para o show do Bombay Bicycle Club?”

Jack franziu o rosto.

“Nunca ouvi falar deles.”

“E daí?”, ela disse, balançando a cabeça com pena. “É uma balada de graça.” Donna olhou para todos nós. “Quem está dentro?”

“Quando é?”, perguntou Cass.

Donna suspirou como se estivéssemos estragando tudo com nossas perguntas descabidas.

“Sábado. Quando já íamos sair todos juntos mesmo. Vamos, pessoal! É de graça!”

Sábado?

“Ah, não, é o dia da festa de Joe!” Mordi o lábio. “Eu ia contar para vocês. Ele me ligou hoje de manhã e convidou todo mundo para a festa de um amigo dele, Will. É aqui em Brighton...” Fez-se um silêncio desconfortável.

“Ingressos grátis”, disse Cass, suplicante. “Não acontece todo dia. Você não pode encontrar Joe no outro fim de semana?”

“Na verdade não”, eu disse, tentando não soar chateada. “Não é fácil para nós dois.”

“Da próxima vez nós vamos. Prometo”, disse Rich, e Ollie e Jack disseram mais ou menos a mesma coisa.

“Meu pai vai ficar arrasado se não usarmos os ingressos”, acrescentou Donna. “Ele ficou muito feliz quando um cliente ofereceu a ele.”

(Eu nunca soube ao certo o que o pai de Donna fazia da vida, e já era tarde demais para perguntar. Será que tinha a ver com carros? Eu não fazia ideia.)

“Eu vou com você, Sarah”, disse Ashley, fazendo com que todos se virassem para ela com os olhos arregalados, como se tivesse acabado de admitir que na verdade era um homem ou coisa do tipo.

Pisquei, incrédula.

“Sério? Tem certeza?”

Fez-se uma ligeira pausa — longa o bastante para que meu coração quase quebrasse. Eu não queria ir sozinha a uma festa cheia de estranhos. Mas então Ashley disse: “Tenho. Gosto do Bombay Bicycle Club, mas me senti mal por não ter ficado com você ontem à noite...”. Ela sorriu. “Não posso perder outra oportunidade de ver sua versão bêbada em ação, posso?”

“Argh. Nunca mais”, eu disse, franzindo o rosto. “Mas obrigada, você é o máximo.”

Ela deu de ombros.

“Eu sei... E acho que existe uma *pequena* possibilidade de que eu queira conhecer esse tal de Joe.”

Sorri agradecida.

“Ótimo, Ash.”

Então, no sábado à noite, enquanto todo mundo ia para o show, Ashley foi até a minha casa e se sentou na minha cama enquanto eu sofria para escolher o que vestir.

“Meu Deus, não tenho nada”, lamentei, sentando com as pernas cruzadas, de sutiã e calcinha, sobre um mar de calças, blusas e saias.

“Tem, sim. Que tal essa?” Ashley apontou para uma saia jeans anos setenta que eu tinha comprado alguns meses antes, mas nunca tinha usado. Balancei a cabeça.

“Me deixa com cara de bibliotecária.”

Ela balançou as pernas trajadas com meia arrastão e botas.

“Não se você combinar com... não sei... com salto plataforma e uma blusa irônica.”

“Uma blusa irônica?” Olhei incrédula para ela. “E não tenho nenhum sapato com salto plataforma.”

“Tudo bem, então, vamos começar pelo sapato.” Ash se sentou. “O que você tem?”

Olhei em volta.

“All Stars, chinelos, botas longas, sapatilhas e esses aqui.” Apontei para um par de sapatos de salto fino de cetim lilás que tive que usar no ano anterior quando fui madrinha de casamento da minha prima.

Ash franziu o rosto.

“Não é uma boa lista...”

Quanta ajuda. Aquilo era ridículo. Eu ia a uma festa na casa de um estudante, não à entrega do Oscar. Peguei meu jeans justo favorito e uma túnica larga da Zara, depois calcei minha sapatilha mais nova.

“Pronto.” Parei com a mão no quadril e olhei para Ash.

“Poderosa”, ela riu. “Boa escolha. Você está linda. Podemos ir agora?”

Fomos até o bar onde Joe disse que encontraria os amigos. Ashley foi na frente e eu segui atrás, bastante nervosa.

“Vamos, apresse o passo”, Ash disse olhando para trás. “Ou eles já vão ter saído quando a gente chegar.” Trotei até ela.

“Você não tem medo de todas essas pessoas novas?”, perguntei.

Ash olhou para mim.

“Não.”

“Como consegue?” Eu realmente queria saber.

Ela deu de ombros.

“Finja. Eles não sabem que você está tensa, então finja que não está... É como minha mãe faz quando tem que vender vestidos de cinco mil libras para gente rica. Ela diz que no começo se impressionava tanto com os Porsches, as unhas perfeitas e as bolsas Chanel que mal conseguia falar com as pessoas. Mas hoje as clientes simplesmente presumem que minha mãe é tão rica quanto elas.”

Pensei sobre isso. Nunca tinha pensado que Ash fosse qualquer coisa que não naturalmente sociável.

“Claro, ajuda se você estiver um pouco bêbada”, ela acrescentou.

Ah.

“Isso eu não faço mais.” Minha boca se contorceu quando me lembrei do enjoo. Ash me cutucou afetuosamente.

“Ah, Sarah, você é tão amadora... É até bonitinho, para falar a verdade.”

Limpei a garganta e não disse nada. Ser bonitinha não era o objetivo daquela noite.

“Droga.” Ash parou onde estava quando avistamos o bar. “Estão olhando as carteiras de identidade.”

Meu coração se partiu.

“Você tem uma falsa?”

“Sempre. E você?” Mas ela já sabia a resposta. “Olhe, vamos combinar seu ano de nascimento antes de chegar, e você diz que esqueceu a carteira em casa. Vai dar tudo certo.”

Não fiquei convencida disso. Tenho um rosto muito jovem e não uso muita maquiagem. Ash provavelmente nem precisaria de carteira, com seus olhos e cabelos pintados. Mas eu com certeza precisaria. Endireitamos a coluna e marchamos até a porta.

“Muito bem, meninas”, disse o segurança vestido de preto. “Posso ver as identidades, por favor?”

Ashley mostrou sua carteirinha perfeitamente falsificada da faculdade de Brighton e passou. Joguei o cabelo para o lado e imaginei que era a amiga nojentinha de Joe, Mimi.

“Meu Deus, esqueci a minha em casa”, eu disse com petulância. Minha versão com dezoito anos aparentemente era sofisticada. Quem poderia imaginar? “Olhe, sou de cinco de janeiro de noventa e três”, eu disse. “Tenho quase dezenove, pelo amor de Deus!” Ri de uma maneira que torci para que fosse relaxada e madura.

O segurança balançou a cabeça.

“Desculpe-me, sem identidade ninguém entra.” E pronto. Ele já tinha se voltado para o próximo da fila. Ash passou espremida pelas pessoas que cruzaram com êxito a entrada e saiu novamente para se juntar a mim na terra dos barrados.

“E agora?”, perguntei, andando de um lado para o outro da calçada.

“Não há motivo para pânico”, Ashley disse suavemente. “Mande uma mensagem para Joe, dizendo que estamos atrasadas, e peça o endereço do amigo dele.”

Assenti freneticamente.

“Ah, boa ideia, vou fazer isso.” Ash balançou a cabeça ao perceber minha total falta de tranquilidade e sentou no meio-fio, passando a mão no lugar ao lado dela. Sentei e mandei a mensagem. Coincidentemente, ouvi alguém do grupo que tinha acabado de sair do bar receber uma mensagem na mesma hora. Merda! Peguei o pulso de Ash. “Olhe para baixo!”, sibilei. “É ele.”

Ash esticou o pescoço.

“Onde?”

Quase chorei.

“Por favor, olhe para baixo, Ash”, sussurrei. “Ele vai saber que fomos barradas se nos vir aqui.” Não me importava muito se Joe soubesse, mas e se as amigas nojentas dele estivessem lá? Achariam hilário, e isso eu não suportaria.

“Tudo bem, tudo bem”, Ashley sibilou de volta. Ela espiou através da franja. “Qual deles é Joe?”

“Com o casaco de camurça”, respondi através dos dentes cerrados. “Cabelo castanho-claro.”

“Bela bunda”, ela disse, em tom de aprovação. “Eles já foram. Pode relaxar.”

Levantei a cabeça lentamente e vi o grupo dobrando uma esquina à nossa frente. Fechei os olhos e exalei lentamente. O que estava acontecendo comigo?

“Você está bem?” Ash parecia preocupada e ligeiramente entretida.

Bati nos joelhos e levantei.

“Estou bem, obrigada.” Levantei o telefone. “Já estou com o endereço. Vamos.”

Foi uma caminhada curta até a casa do amigo de Joe. Era em uma rua arborizada cheia de casas grandes e caras, nada parecidas com a minha ideia de uma residência de estudantes.

“Chegamos.”

Paramos do lado de fora de uma casa vitoriana, branca, de três andares. Parecia saída de *Mary Poppins*. Ash olhou embasbacada, finalmente murmurando:

“Com uma colherada de açúcar!”

Olhei para ela e ri.

“Estava pensando exatamente isso.”

Ela entrelaçou o braço no meu.

“Então vamos violar o senhor Banks.” Emiti ruídos de vômito e corremos, rindo, até os degraus da frente.

Estava bombando. Havia pessoas por todos os lados: nas escadas, apoiadas nas paredes, sentadas ao redor de uma mesa de madeira escura na sala de jantar, encostadas nas bancadas da cozinha. Todo mundo estava bebendo e várias pessoas fumavam. Fiquei imaginando o que os donos da casa pensariam do cheiro de cigarro velho. Ninguém nos parou para perguntar quem éramos. Senti-me completamente deslocada.

“Legal a festa”, disse Ashley balançando a cabeça ao som da música que vinha da sala. Era alguma banda indie da qual eu nunca tinha ouvido falar, mas Ash obviamente a reconheceu. “Vamos pegar uma bebida”, ela disse, e fomos até a cozinha.

Uma mesa branca, de aparência cara, estava cheia de vinho e vodca. Embaixo dela duas latas de lixo cheias de gelo e garrafas. Vi um brilho branco em meio a todo aquele marrom e peguei uma garrafa de Smirnoff Ice. Era o bastante. Ash colocou uma dose generosa de vodca em um copo plástico e completou com coca.

“Saúde”, ela disse, segurando a bebida enquanto olhava em volta. “De quem você disse que era essa casa mesmo?”

“É minha”, disse uma voz atrás de mim. Vi os olhos de Ash se arregalarem ao ver o dono da voz. Virei, apesar de já saber quem era.

“Oi, Will”, eu disse.

Ele sorriu brevemente para mim.

“Oi, Sarah, tudo bem?” Mas estava olhando para Ash. Como ela fazia aquilo?

“Sou Ashley”, ela disse, estendendo a mão. “Aparentemente você é Will.” Ela olhou para ele com olhos enormes e um sorriso safado, uma mistura de puro sexo e garotinha perdida. Bastante eficiente. Will fez que sim com a cabeça, como se quisesse dizer *Ah, sim, minha reputação de deus grego me precede.*

“Onde está Joe?”, perguntei rapidamente.

Will gesticulou para a sala de jantar.

“Ali.”

“Certo. Vou atrás dele, então.” Comecei a perguntar para Ashley se ela ficaria bem, mas era uma pergunta tola. Ela capturou brevemente meu olhar e mexeu a boca sem emitir som: “Divirta-se”.

Eu sabia que *ela* se divertiria.

Passei pela multidão me espremendo, pedindo desculpas mais ou menos um milhão de vezes por pisar no pé das pessoas, e consegui chegar à sala de jantar. Joe estava sentado à mesa, com os pés em uma cadeira, conversando com um monte de gente, inclusive a maldita Mimi, o que detestei. Fiquei parada um instante para observá-los, mas ele me viu quase imediatamente. Um sorriso enorme se formou em seu rosto, e ele se levantou num salto e foi até mim. Joe me deu um abraço forte. Minha confiança já abalada enfraqueceu ainda mais. Ah, o cheiro dele...

“Que bom que você veio”, ele gritou por cima do barulho. Em seguida colocou a boca na minha orelha e disse: “Quer subir e gozar mais um pouquinho?”.

Mesmo que meu corpo inteiro implorasse que eu dissesse sim, soltei-me dos braços dele e recuei um pouco. Eu não era tão pateta ou burra para correr para a cama com ele outra vez depois do que acontecera na estação. E, além disso, para onde iríamos? Joe deve ter sentido minha hesitação, porque passou as mãos pelos meus braços e disse: “Olhe, Sarah, sinto muito por antes... Fiquei um pouco assustado, para falar a verdade”.

Olhei para Joe, cética, e ele pegou meu braço, levando-me para um canto da sala. “Não sinto isso por ninguém há muito tempo.” Ele passou a parte de trás da mão na minha bochecha. “Você é linda, engraçada, inteligente... mas é nova.”

Comecei a observar que era apenas três anos mais nova do que ele, que me conteve.

“Eu sei, eu sei. E você é madura para alguém da sua idade. Mas faz diferença.” Ele olhou para Mimi e eu segui seu olhar. Ela me encarava com tanto veneno que eu teria rido se não estivesse tão assustada. “Algumas pessoas não acham que eu deveria sair com você”, Joe prosseguiu. “Mas não consigo evitar.” Ele beijou gentilmente minha boca. “Por favor, suba comigo. Não posso conversar com você aqui.”

“Tudo bem”, eu disse. “Mas só para conversar.”

Joe assentiu e sorriu, mas seu rosto parecia sincero.

“O que você quiser.” Joe pegou minha mão e subimos. Ele parou do lado de fora de uma porta fechada, bateu rapidamente, depois abriu e espiou lá dentro. “Está vazio.” Entramos e ele fechou a porta atrás de mim.

“E se alguém entrar?”, perguntei, assimilando as duas camas de solteiro, as cortinas de *Toy Story* e os brinquedos no canto.

“Tenho a impressão de que ninguém vai dormir aqui hoje à noite”, Joe respondeu, pulando em uma das camas e esticando as pernas.

Empoleirei-me na beira da outra cama.

“De quem é essa casa?”

“Dos pais de Will. Eles foram passar um mês nas Bahamas. Este é o quarto dos irmãos gêmeos dele.”

Olhei em volta.

“Hum... Sem ofensa, mas este quarto não é um pouco infantil para dois caras de vinte anos?”

Joe pareceu confuso por um instante, em seguida riu.

“Não, tonta. Os irmãozinhos dele é que são gêmeos!”

“Ah!” Enrubesci ligeiramente e ri. “Os pais de Will devem ser bem ricos.” Passei os dedos na colcha bordada de estampa náutica.

Joe assentiu.

“São.” Em seguida ele acrescentou enigmaticamente: “Dinheiro antigo”.

“Ah, certo”, eu disse, sem entender o que ele queria dizer. Joe esticou a perna e cutucou gentilmente a minha com o dedo do pé.

“Então, Sarah-que-não-gosta-de-cerveja...” Eu não disse nada, simplesmente fiquei sentada, olhando para ele. “Venha sentar comigo”, disse Joe, fazendo charme. “Prometo que não vou agarrar você. Por mais que queira.” Ele me olhou de um jeito tão atrevido que não pude deixar de rir. Depois levantou, esticou o braço, e me puxou para perto quando me sentei ao lado dele. “Viu? Muito melhor.” Os segundos correram. Era tão bom estar com ele outra vez. Respirei lentamente, absorvendo seu cheiro.

“Hum, desculpe, mas... Você está me *cheirando*?” Ele pareceu chocado. Ri. “E estou cheirando bem pelo menos?”, ele perguntou.

Não hesitei nem por um segundo.

“Não.”

Joe jogou a cabeça para trás e riu.

“Ah, muito engraçado, mocinha”, ele disse, fazendo cócegas em mim. Eu me contorci, gargalhando, sem saída. Sabia o que ele estava tentando fazer, mas já não tinha condições de impedir. Em poucos segundos ele já tinha me

prendido na cama. “Posso te beijar agora?”, ele perguntou, com o rosto esperançoso. Fingi pensar a respeito um instante, e então assenti.

“Graças a Deus.”

Não o contive, nem quando ele desabotoou minha calça ou quando tirou a dele. Não me preocupei com o fato de que estávamos em um quarto destrancado. Eu o queria. E, quase antes que eu percebesse, estávamos transando no tapete.

Acordei em um quarto vazio. Outra vez. Suspirei, puxei a colcha até o queixo e olhei em volta desesperada. Era uma situação muito estranha. Eu estava deitada no tapete do quarto de uma criança, em uma casa cujos donos não faziam a menor ideia de quem eu era, com apenas uma colcha de barco cobrindo minha nudez. Levantei num pulo, vesti-me depressa e arrumei a cama da melhor maneira possível. Dava para ouvir que a festa ainda estava rolando no andar de baixo, o que foi um alívio. Não poderia suportar a ideia de sair sorratamente de uma casa vazia no meio da noite. Conferi meu telefone: era pouco mais de uma da manhã. Escutei através da porta para me certificar de que não havia ninguém do lado de fora, e então saí rapidamente.

Onde estava Joe? Passei apressadamente pelo corredor de portas fechadas, torcendo para encontrar uma com cara de banheiro, mas todas pareciam iguais. Finalmente achei uma porta aberta com uma privada dentro. Fiquei muito feliz em utilizá-la, e aproveitei a oportunidade para usar o espelho e me certificar de que não estava com cara de quem tinha acabado de transar. Ajeitei o cabelo, molhei um pouco de papel higiênico na pia e esfreguei embaixo dos olhos. As manchas de rímel não saíram. Desisti, saí do banheiro e corri para baixo. Queria encontrar Joe e Ashley, nessa ordem. Mas, é claro, a primeira pessoa em quem esbarrei — literalmente — foi Mimi.

“Cuidado”, ela se irritou quando topamos na base da escada. “Ah, é você.” Ela apoiou uma mão na parede, bloqueando minha saída. “Boa trepada?”, perguntou, sorrindo. “Mas onde está Joe?” Ela olhou atrás de mim como quem o procurava, numa encenação exagerada.

“Ele só foi ao banheiro”, respondi, com a máxima dignidade que consegui reunir.

Mimi riu de forma sórdida.

“Ah, sim.” Em seguida se inclinou na minha direção, de modo que tive que recuar. “Ouça, garota”, ela sibilou. “Joe está usando você.” Mimi enfatizou cada palavra ao dizê-la. “Ele está usando você só por causa da sua aranhazinha virgem e da sua adoração completa de menininha.” Fiquei boquiaberta. Não conseguia acreditar que um ser humano pudesse ser tão horrível.

“Como você sabe?”, perguntei rouca.

“Que você era virgem? Ele me contou.” A boca dela se curvou em um sorriso ao ver meu queixo cair. Mimi levantou a mão fingindo surpresa, mostrando suas unhas bem-feitas. “Desculpe, era segredo? Porque você deveria saber que é óbvio para, tipo, todo mundo, que você é uma menina frígida. Você já chupou, aliás?” Não respondi, e ela riu de um jeito que provavelmente considerou leve e despreocupado, mas que parecia a gargalhada de uma bruxa.

Eu estava prestes a literalmente morrer de humilhação quando alguém falou atrás de mim.

“E o que você tem com isso?”

Virei. Era Ashley. Quase chorei de alívio. A expressão de Mimi não se alterou. Ela deu aquele sorriso morto outra vez e disse: “Você trouxe uma amiguinha para te defender. Que fofo”. Ela deu mais uma olhada para Ashley e me avaliou rapidamente, enojada, então virou e saiu. Sentei no degrau.

“Quem era aquela vaca?”, perguntou Ash, sentando ao meu lado.

“Mimi. Uma das amigas dele.” Abaixei a cabeça até os joelhos. “Ela disse que Joe está me usando.” Não falei sobre o resto.

Ashley soltou uma risada breve.

“Bem, não dê ouvidos a ela. É claro que está com ciúme... Onde está Joe, aliás?”

Dei de ombros, desamparada.

“Não sei. Acabei dormindo e quando acordei ele não estava mais aqui.” Ashley não disse nada, o que dizia muita coisa. “Onde está Will?”, perguntei.

Ela se inclinou para trás, apoiando-se nos cotovelos.

“Não sei... Saí quando ele estava dormindo.” Ela olhou para mim, e eu caí na gargalhada. Logo estávamos as duas rindo na escada, a abandonada e a que abandonou — até que, de repente, não consegui mais rir.



DORMI ATÉ TARDE no dia seguinte e acordei com uma mensagem de Joe.

Não te vi mais ontem.

Ligo depois. Bjs.

Não sabia exatamente como “sair enquanto eu dormia” significava “não te vi mais”. Não era como se ele tivesse ido ao banheiro e eu tivesse desaparecido antes que ele voltasse... Depois parei para pensar que isso poderia mesmo ter acontecido. Mimi podia ter desdenhado quando eu disse que Joe tinha ido ao banheiro, mas e se tivesse sido isso mesmo? Aquela casa provavelmente tinha no mínimo três banheiros. Respondi a mensagem:

Ok. A gente se vê. Fds que vem??? Bj.

Após ter passado o que pareceram horas deitada sem dormir na noite anterior, pensando no que fazer com Mimi, achei que seria demais brigar com ele por ter contado a uma amiga sobre mim. Primeiro porque ele não teria tocado no assunto se houvesse alguma coisa entre eles dois, e segundo porque eu não queria que ele soubesse que ela me incomodava. Ashley

tinha razão: Mimi estava morrendo de ciúme. Esse pensamento fez com que eu me sentisse relativamente poderosa. (*O orgulho precede a queda*, disse uma voz irritante na minha cabeça.)

Desci de pijama para fazer uma torrada. Minha mãe tinha deixado um bilhete na geladeira:

*Dan está na casa de Oscar, papai está no mercado,
eu vou para a academia!*

Então eu tinha a casa só para mim. Maravilha. Comi a torrada enquanto me atualizava nas redes sociais — adicionei Joe no Facebook — e depois preparei um banho e fiquei na banheira por uma hora. Passei a tarde fazendo anotações para um trabalho de história da arte e uma tradução do francês. Fiz todos os deveres de casa antes do resto da família chegar, então comi com eles, passei a noite vendo programas ruins na TV e às dez já estava deitada. Nem me incomodei com o fato de que Joe não tinha respondido a mensagem. Eu já sabia que ele demorava mesmo, e eu podia esperar.

Sentei na cama. Um rápido telefonema antes de dormir não machucaria ninguém. Encontrei o número dele nos meus contatos e liguei. Caiu na caixa postal e deixei uma mensagem descontraída, dizendo que tinha sido divertido e que deveríamos repetir em breve.

Programei o despertador e peguei no sono logo depois. Tinha sido um dia estranhamente satisfatório.

Joe não respondeu no dia seguinte. Não consegui parar de pensar no que Mimi tinha dito. Mesmo que ela só estivesse com ciúme, isso não necessariamente fazia com que estivesse errada. E parte de mim ainda estava em choque por alguém me odiar tanto. Eu não estava acostumada a pessoas que não gostavam de mim. Isso me deixava com uma sensação desagradável

permanente, como se eu tivesse percebido que havia perdido uma prova muito importante.

Pedi para Ashley me encontrar no campo de futebol na hora do almoço. Queria conversar sobre Joe com alguém que o tivesse conhecido, não que eu tivesse mencionado isso para ela. Cheguei primeiro (claro), estiquei o casaco na grama e sentei para comer meu sanduíche. O tempo finalmente estava de acordo com a estação e fazia frio. Após um instante, vi Ashley se arrastando na minha direção.

Cheguei para o lado, para ela poder se sentar no casaco.

“Tudo bem?” Ela assentiu e sentou. Estava usando um fichário como bandeja, e em cima dele havia um prato de batatas fritas do refeitório. “Como você conseguiu trazer isso para fora?”, perguntei, pegando uma batata.

Ela sorriu.

“Não sei. Simplesmente contrabandeei.” Não me surpreendeu. “Então, tudo bem?”

“Tudo certo.” Mesmo aos meus próprios ouvidos isso soou falso. O tom agudo da minha voz contribuiu bastante para isso. Limpei a garganta. “Então, o que você achou de Will?”

Ashley balançou a cabeça.

“Ele é lindo, mas infelizmente é bem chato, e não é muito bom de cama.” Ela colocou uma batata na boca e falou de boca cheia. “Um pouco egoísta, se é que você me entende. Tive que terminar por conta própria no banheiro.”

“Ashley!”, gritei, chocada.

“Quê?” Ela riu ao ver minha expressão. “Todo mundo faz isso!” Enrubesci e desviei o olhar. Não ia ter essa conversa.

“E você, alguma notícia de Joe?”

Assenti.

“Ele me mandou uma mensagem ontem de manhã.” Em seguida, perguntei casualmente: “O que você achou dele, aliás?”.

Ashley comeu uma batata.

“Difícil dizer. Só vi o cara de longe.”

Balancei a cabeça ansiosamente.

“E?”

Ela deu se ombros.

“Ele é bonito.”

“É mesmo, não é?” Sorri ao pensar no meu homem maravilhoso, mas depois aquele risinho desdenhoso invadiu minha mente outra vez. “Mas não consigo parar de pensar no que Mimi disse.”

“Aquela psicopata? Acho que podemos ignorar com segurança tudo o que ela diz.” Ashley sorriu com a lembrança. “Ela estava morrendo de ciúme de você.”

Não achei graça. Fiquei enjoada.

“Mas e se ela estiver certa? E ela é tão bonita e, sei lá, arrumada.”

Ash revirou os olhos.

“Jesus, se poupe... Você tem um sorriso lindo, olhos enormes e adoráveis de vaca — e isso é um elogio. Eu seria capaz de matar por cabelos como os seus. E ele claramente gosta de você... Ainda que tenha te deixado esperando.”

“Não, não foi isso que aconteceu. Ele foi ao banheiro e eu saí antes que voltasse”, eu disse rapidamente.

Ash ergueu uma sobrancelha.

“Foi o que ele disse?”

“Não”, admiti. “Mas nem precisa dizer.”

“Certo”, Ash disse enigmaticamente, colocando mais batatas na boca. Ela limpou as mãos engorduradas na saia. “Mesmo assim, ele mandou uma mensagem ontem. Isso é bom. Para ele.”

Ignorei a pausa e tentei sorrir.

“Exatamente.” Ela devia estar certa — em relação a ele gostar de mim, quero dizer. Ashley sabia muito mais sobre esse tipo de coisa do que eu. Todo mundo sabia mais do que eu.

Peguei o telefone para ver a hora.

“Melhor voltarmos.”

Ash concordou e se levantou.

“Droga, me lembre de nunca mais sentar no chão com uma minissaia apertada.” Ela olhou em volta. “Não que eu ligue que alguém veja minha calcinha.”

Eis a diferença entre nós duas.

Na manhã seguinte meu humor tinha piorado outra vez. Já tinha deixado mais dois recados para Joe, e ele tinha acabado de mandar uma mensagem.

Trabalhando num bar,
não posso sair no fds por um tempo.
Te ligo. Bjs.

Fazia sentido que ele tivesse arrumado um emprego, e ele não podia trabalhar durante a semana. Mas me senti esnobada, e não podia suportar a ideia de que Mimi o via todos os dias na faculdade.

Amaldiçoando meus pais mentalmente por não terem me concebido três anos antes, fui para a escola, parando no banheiro antes de me arrastar da aula de matemática para a tutoria. Eu estava sentada em uma cabine, olhando negligentemente para uma nova pichação (“EC é uma piranha” — simpático), quando percebi vozes familiares do lado de fora, perto das pias.

“Não acredito que ele transou e fugiu.” Era Donna. Congelei, com o coração acelerado.

Em seguida veio a voz de Ashley.

“Eu sei. Ela concluiu que ele tinha ido ao banheiro e quando voltou não tinha ninguém lá, mas...” Eu podia imaginar a expressão no rosto dela quando falava isso.

“Ele só está nessa pelo sexo.” Donna outra vez.

“Eu sei. Pobre Sarah... Ela não enxerga. Está obcecada.” Cass também estava lá! Dava para entender mais ou menos Ashley e Donna discutindo pelas minhas costas, mas Cass? Ela era minha melhor amiga. Não deveria estar falando assim de mim. E como ela podia sentir pena? Como alguém como ela podia falar de mim? Fiquei enjoada. Não podia acreditar que minhas amigas achavam que eu estava iludida em relação a Joe. Donna e Cass nem o tinham conhecido, e Ashley só o tinha visto, eles nem tinham conversado.

Bem, elas podiam pensar o que quisessem, decidi. Não conheciam Joe como eu conhecia. Mas, mesmo assim, suas palavras doeram. Esperei um minuto após saírem do banheiro para me retirar. Ainda estava cedo para a tutoria, mas fui assim mesmo. Não estava pronta para encarar as meninas.

Na sala de matemática afundi em uma cadeira, mal tomando conhecimento da presença de Ollie, que mais uma vez tinha chegado cedo. Ele parecia estar sempre adiantado ultimamente.

“Tudo bem, Sarita?”, perguntou.

Suspirei pesadamente.

“Qual é o problema dos homens, Ollie?”

Ele pareceu penitente. Colocou a mão no coração.

“Em nome de todos aqueles que possuem pênis, peço desculpas”, Ollie disse, e pareceu tão sincero que eu ri. Ele girou uma caneta entre os dedos.

“Problemas com Joe?”

Mordi a bochecha e assenti.

“Bem, ele é um babaca, se você quer minha opinião”, Ollie disse calmamente. “Ele tem sorte de ter você.”

Levantei a cabeça, mas ele estava concentrado em girar a caneta. Dei uma risadinha nervosa.

“Ollie, você é o rei do sumiço no dia seguinte.”

Ele sorriu.

“Bem, só não encontrei a garota certa ainda.” Ele olhou para mim, com a expressão aberta. Relaxei. A última coisa de que precisava era que Ollie se interessasse por mim. Enrubesci ligeiramente por permitir que um pensamento tão ridículo entrasse na minha mente. A gente se conhecia desde os cinco anos de idade. Ele tinha me mostrado o pintinho no playground, e eu o tinha visto chorar depois de cair no chão. Ollie era doce, gentil e engraçado, mas era o rei dos arrotos, o cara que transava com todo mundo. E, de qualquer forma, por que gostaria de mim? Inclinei-me sobre a mesa e o abracei.

“Obrigada.”

Ele deu de ombros e sorriu.

“É para isso que estou aqui, linda.”

A manhã se arrastou. Eu tinha aula de francês, que normalmente era legal, mas eu não estava a fim aquele dia. Depois tinha um período livre, que passei na biblioteca fazendo pesquisa para o trabalho de história da arte. Era tudo muito chato. Os ponteiros do relógio se arrastavam até a hora do almoço, e minha mente se desligava das técnicas de pintura de Jackson Pollock e vagava para um dilema mais importante. O que fazer? Evitar as meninas (o que eu mais queria) ou ir até o refeitório como se não houvesse nada de errado (não era o ideal, mas a parte de mim que detesta confrontos apoiava totalmente essa escolha)? Por mais irritada que estivesse, evitá-las só adiaria o inevitável. Então — *suspiro* — eu teria que encará-las.

Mas é claro que eu não podia encará-las *de fato*. Isso definitivamente cairia na categoria “confrontos”. Tudo que eu precisava fazer era mostrar a cara.

Ficar normal. E não “obcecada”. Machucava o fato de pensarem isso de mim, mas ao mesmo tempo, eu entendia um pouco. Estava começando a irritar a mim mesma. Passei a ponta do pé no chão enquanto esperava aquele computador ancião desligar. Por que Joe não podia simplesmente *se organizar* para me encontrar? Sempre tinha que ser de última hora? Lembrei-me de que nem todo mundo era tão obcecado por planejamento quanto eu. Mas mesmo assim. Um *pouquinho* não mata ninguém.

O refeitório estava quase vazio quando cheguei lá, mas Cass e Jack estavam sentados à nossa mesa de sempre. Ambos tinham espanhol antes do almoço às terças-feiras — deviam ter sido liberados mais cedo. Comprei uma salada de macarrão e o suco de sempre e fui até eles.

Cass começou a falar antes mesmo que eu me sentasse.

“O que você vai fazer na semana do saco cheio?”

Olhei fixamente para ela.

“Quê?”

“Os meninos estão planejando uma viagem a Devon. Eu estava pensando que podíamos pegar o carro de Charlie emprestado e ir também.” O irmão de Cass tinha uns vinte e cinco anos, mas ainda morava em casa. Em tese deveria estar fazendo um curso de computação de meio período, mas nunca parecia estar ocupado com nada além de comer salgadinho e fazer coisas suspeitas na internet. Mas, convenientemente para nós, ele tinha um carro. E, melhor ainda, nunca o usava.

“Bem, pode ser que eu vá visitar Joe”, eu disse, antes que pudesse me conter. “Mas não passaríamos a semana inteira juntos”, acrescentei rapidamente. “Posso encontrar vocês depois.” Mesmo enquanto falava isso, eu sabia que furaria com meus amigos se Joe me pedisse. Não era como se fosse ser sempre assim. Enquanto ele estivesse ocupado com o trabalho e a faculdade, eu tinha que aproveitar cada oportunidade que aparecesse. Cass deveria entender melhor do que ninguém.

“Exatamente”, disse Cass, pegando um caderno e uma caneta na mochila casualmente, como se a conversa no banheiro nunca tivesse acontecido. “Vou fazer a mesma coisa com Adam.”

Não pude deixar de me sentir um pouco convencida. Cass podia ver Adam o tempo todo, mas pelo menos Joe era fiel. Ou por que motivo aquela Mimi teria tanto ciúme?

“Então vou te colocar na lista, está bem?” Cass estava com a caneta posicionada. Vi que tinha escrito “Viagem a Devon” no topo da página e sublinhado duas vezes. Ela adorava uma lista.

“Tudo bem”, respondi. “Mas é claro que tenho que ver com meus pais.”

“E você, Jack, vai?”

Ele riu.

“Bem, considerando que é a nossa viagem que vocês estão invadindo...”

Cass coçou a testa com a caneta.

“Dãã, claro. Desculpe.” Ela escreveu os nomes de todos os meninos e acrescentou o dela e o meu embaixo. “Vai ser tão divertido”, ela disse, batucando animadamente com a caneta na mesa. “Não fazemos nada assim desde Glastonbury.”

Jack concordou, com entusiasmo.

“Foi exatamente o que dissemos.” Ele começou a rir sozinho. “Rich e aquela garota chapada.” Cass gargalhou e eu sorri. Aquilo realmente tinha sido engraçado. Rich tinha passado mais ou menos duas horas tentando dispensar uma menina aleatória. Ela estava completamente doida e não parava de dizer que ele tinha uma alma linda, depois tentava enfiar a língua na boca dele. Comecei a rir também. O entusiasmo de Cass e Jack era contagiante. Senti uma onda de animação. Talvez um feriado com meus amigos fosse exatamente o que eu precisava. Simplesmente me afastar de toda aquela história de Joe e ficar com eles.

“Qual é a graça?” Rich puxou uma cadeira e sentou, e logo depois chegaram Ollie, Donna e Ashley.

“Só estávamos nos lembrando da sua namorada de Glastonbury”, Cass disse, rindo.

Rich revirou os olhos.

“Meu Deus, nem me lembre. Ela era péssima. E fedia a marzipã.”

Cutuquei o braço dele.

“Ela não tinha como saber que você odeia amêndoas.”

“Ninguém em juízo perfeito gosta de amêndoas. Tem cheiro de cianeto.”

Todos nós rimos. Já tínhamos contado essa história um milhão de vezes, sempre do mesmo jeito. Era um dos pontos altos da nossa amizade.

A conversa se concentrou em Devon. Quando iríamos, como chegaríamos. Todos nos curvamos sobre a mesa e fizemos sugestões enquanto Cass fazia as listas. Depois de um tempo me desliguei. Talvez eu e Joe pudéssemos ir a algum lugar no verão. Talvez até para a Espanha outra vez. Olhei para meu telefone. Nenhuma mensagem. Digitei um texto rápido.

Pensando em vc e na espanha
três pontinhos...

Ri sozinha ao apertar “enviar”. Ele ia gostar. E, como não podia deixar de ser, recebi uma mensagem alguns minutos depois.

Três pontinhos mesmo, safadinha.
Talvez ligue mais tarde.
Bem mais tarde...

Mordi o lábio. Ele estava falando de sexo por telefone? Eu nem sabia o que sexo por telefone envolvia, apesar de imaginar. Pensei em procurar no Google mais tarde e apagar o histórico depois, e guardei o telefone. Fiquei inquieta na cadeira. Pensaria em sexo com Joe pelo resto do dia. O que não

era ideal quando eu tinha que ir para a aula de inglês, apesar de ter certeza de que Jane Eyre sentia o mesmo pelo sr. Rochester. E eu preferia me dar mal a nunca tentar. (É isso aí, Jane. Somos farinha do mesmo saco.)

Sentei ao lado de Rich na aula de inglês, como sempre. O sr. Roberts gostava de passar a primeira parte de todas as aulas contando exatamente o que estava escrito nas folhas diante de nós. Um grande desperdício de trinta minutos, que passávamos fingindo fazer anotações freneticamente, quando na verdade escrevíamos bilhetinhos uns para os outros. Rich tinha muito talento para acenar entusiasmado com a cabeça nos momentos certos e em seguida aparentar escrever coisas inspiradíssimas. Claro, a outra vantagem de escrever bilhetes é que se pode dizer coisas que você não necessariamente diria em voz alta. Motivo pelo qual suponho que Rich tenha começado com: *Então, o que há entre você e Joe, hummm?*

Ergui uma sobrancelha e escrevi: *Direto ao ponto, não?*

Rich: *Sempre.*

Eu: *O que quer saber?*

Rich: *Ele é seu NAMORADO????*

Eu: *Estamos saindo.*

Rich: *Seeeeei.*

Eu: *O que isso quer dizer?*

Rich: *Sarah e Joe para sempre!*

Eu: *Aff. Quanta maturidade.*

Rich: *Sério. Você realmente gosta dele?*

Eu: *Gosto.*

Rich: *E ele gosta de você?*

Fiz uma pausa. Isso era mais difícil de responder. Suspirei e escrevi: *Como eu vou saber?*

Rich olhou para mim, mas fingiu estar se concentrando no que o sr. Roberts estava dizendo. Anotou alguma coisa, mas não olhei para baixo. Não sabia quanto queria revelar a ele. Tinha certeza de que qualquer coisa que dissesse seria transmitida aos outros, e, mesmo que Rich não me julgasse, eles julgariam. E eu detestava pensar nas pessoas falando de mim, ainda que bem.

Vi Rich escrever alguma coisa e sublinhar três vezes. Virei os olhos para poder ler sem que ele percebesse. *Há, há! Você olhou!!*

Abafei uma risada e escrevi: *Se não se importa, estou hipnotizada pela beleza do sr. R.* Rich riu e o sr. Roberts fechou a cara, mas nós dois imediatamente assumimos a postura de “entediados porém atentos”, e ele desviou o olhar.

Escrevi rapidamente outro bilhete. *Estou indo aos poucos. Ele está ocupado com a faculdade e tudo mais. Mas nos divertimos muito juntos e acho que vale o esforço. Tudo bem????*

Rich respondeu na hora: *Claro. Só não queremos que você se machuque.*

Queremos? Então os meninos também andavam falando de mim. Suspirei e voltei minha atenção novamente para a aula. Não queria drama, só queria que Joe gostasse de mim tanto quanto eu gostava dele. Era pedir muito?

No fim da aula teve início a onda habitual de pessoas ligando o telefone. O sr. Roberts era notório por confiscar celulares — se avistasse um, ficava com ele pelo resto do dia. Sempre dava para saber quem estava prestes a ter aula com ele, porque estaria colocando o aparelho no silencioso e guardando no fundo da mochila para abafar qualquer vibração.

Eu não tinha nenhum recado, mas Rich tinha uma mensagem de voz.

“Pode me dar um segundo?” Assenti e ele colocou o telefone no ouvido. Soube imediatamente que alguma coisa muito errada tinha acontecido. A cor sumiu do rosto dele e sua boca enrijeceu, curvando para baixo nos cantos.

Coloquei a mão no braço dele.

“Você está bem?” Era uma pergunta estúpida. Ele piscou e limpou a garganta.

“Hum... Na verdade, não.” Deu um sorriso estranho e confuso, como se o que estava prestes a dizer fosse tão bizarro que chegasse a ser engraçado. “Minha avó morreu.”

“Ah, Rich. Ah, não. A vovó Blue?” Ele e a avó eram muito próximos. Ela tinha cuidado dele até que tivesse idade suficiente para voltar a pé da escola sozinho, e ele continuou a visitando com frequência. Rich assentiu e seu queixo tremeu. Empurrei-o para a frente. “Vamos, vamos sair daqui.” Saímos da escola e atravessamos o campo em silêncio. Ele falaria quando tivesse se recomposto.

“Ela morreu durante a noite”, ele disse, após um instante. “Acham que teve um derrame. Meu avô acordou e ela estava morta.”

Esfreguei as costas de Rich, sem saber o que dizer.

“Sei que ela estava velhinha, mas não estava doente. Era saudável...”, ele disse, e ficou em silêncio.

“Sinto muito, Rich.”

Ele se virou para mim.

“O velório vai ser na sexta. Você...”

Eu o interrompi.

“Claro que vou. Vamos todos. Com certeza.”

Rich parou de andar e virou na direção da escola.

“Na verdade, estou bem. Só quero que aconteça logo. Entende?”

“Acho que sim”, respondi. “Quer ficar sozinho?”

Rich deu um sorriso breve e triste para mim.

“Não, com você não tem erro.” Ele entrelaçou o braço no meu. “Quero que esteja comigo quando eu contar para os outros.”

Ele foi muito corajoso. Houve um momento delicado em que Jack o envolveu em um abraço, mas Rich se conteve. No caminho para encontrar os outros, ele ligou para a mãe — vovó Blue era mãe dela — e teve uma conversa curta, de cortar o coração. A mãe estava devastada, o que era muito difícil para ele. Pobrezinho. Senti muito por Rich. Eu ainda tinha todos os meus avós, nunca havia perdido ninguém que amava, e só de pensar nisso morria de medo. Mais ainda porque eu sabia que um dia teria que acontecer.

O velório da vovó Blue seria mesmo na sexta. Todos teríamos que faltar à aula, mas eu tinha certeza de que meus pais deixariam. Para falar a verdade, problema deles se não deixassem. De qualquer forma, sexta era o último dia antes da semana do saco cheio, então não perderíamos muita coisa.

Fui para casa com Cass, e claro que conversamos sobre Rich, mas, quanto mais nos aproximávamos da minha casa, mais meus pensamentos se voltavam para Joe e para o telessexo. Mal podia esperar para ligar o computador. Corri para o meu quarto, no andar de cima, e parei subitamente quando vi o espaço vazio na minha escrivaninha e lembrei que o computador tinha quebrado. Mamãe tinha levado para o trabalho, para um dos funcionários consertar. Grunhi em voz alta ao pensar em ter que usar o da família. Já estava até ouvindo o barulho do teclado vindo da salinha. Daniel. Ótimo.

Coloquei um sorriso falso no rosto e coloquei a cabeça para dentro da sala.

“Tudo bem, Dan? Vai demorar?”

“Muito”, ele disse, sem olhar para trás. “Estou fazendo meu dever de casa.”

Meu Deus, ele era MUITO irritante. E aquilo que ele estava fazendo não era dever nenhum.

“Sério? Mamãe sabe que você está estudando *World of Warcraft* na escola?”

“Não enche, é um site de história.” Pude ver as maçãs do rosto de Dan se elevarem enquanto ele ria sozinho.

Reprimi a vontade de enfiar o rosto dele na tela.

“Não é não, babaca. Não sou burra.”

Ele puxou o ar por entre os dentes.

“Se você for ser grosseira, vou ter que passar a noite inteira aqui.”

Morrendo de raiva, bati a porta e voltei para o quarto. Eu poderia tê-lo arrastado da cadeira — ainda era mais forte do que ele —, mas ele teria puxado meu cabelo, eu teria prendido o braço dele nas costas, ele teria ido chorar para mamãe... Não valia o esforço. Mas ainda restava o dilema do telessexo.

À medida que o tempo foi passando, entrei em pânico. E se Joe ligasse e eu dissesse as coisas erradas? A humilhação acabaria comigo. No fim das contas me refugiei no meu quarto e liguei para Ashley. Ela agiu como se recebesse esse tipo de pergunta o tempo todo. Fiquei tão agradecida que basicamente a perdoei na mesma hora pela fofoca no banheiro.

“Vocês dizem coisas sensuais enquanto se masturbam”, ela informou com segurança. “Por quê? Joe sugeriu?”

“Não tenho certeza.” Li a mensagem dele.

“Parece que sim”, disse Ashley. “Você está a fim?”

“Hum... Não tenho certeza”, eu disse. “Nunca fizemos... isso... quando estávamos juntos.”

“Bem, não atenda se não quiser... Talvez não seja má ideia ser menos disponível.”

Caí para trás na cama e olhei para as estrelas coladas no teto, que brilhavam no escuro.

“Meu Deus, Ash, como tudo é tão simples para você?”

Ela ficou quieta por um instante.

“Não sei. Talvez eu só escolha bem minhas batalhas.”

Lembrei-me do que ela disse na noite da festa, sobre fingir.

“Certo. Obrigada pela informação. Você é meu dicionário de sexo pessoal.”

Ela riu.

“Pode contar comigo. Divirta-se. Não faça nada que eu não faria.”

Ashley ainda estava rindo quando desliguei.

No fim das contas meu problema se resolveu por si só, porque Joe não ligou. Peguei no sono perto da meia-noite, só para sofrer com cerca de um milhão de sonhos envolvendo telessexo. Acordar com o telefone tocando foi muito desorientador, como despertar e descobrir que você está mesmo nua diante da classe toda. Com o coração batendo alto, tentei ver o que aparecia na tela: Joe.

“Alô?”

Nada. Ouvi ruídos esporádicos de conversa, depois uma risada. Uma risada feminina. Devidamente acordada, desliguei e liguei de volta. Ele atendeu no quinto toque.

“Sarah?”

Limpei a garganta.

“Ah, oi. Só estou retornando a ligação.”

“Hum... Eu liguei para você?” Ouvi risinhos ao fundo.

“Hum... ligou. Dê uma olhada no seu telefone. Você acabou de ligar.”
Ouvi que ele estava se mexendo.

“Ah, certo. Então liguei. Desculpe, devo ter sentado no telefone ou coisa do tipo.” Mais risadas ao fundo.

“Quem está com você?”, perguntei, mantendo a voz tranquila.

“Ah. Ninguém em especial.” A voz dele se tornou menos distinta. “Diga oi para Sarah.” Alguém riu e disse alguma coisa que não consegui captar. Tive a impressão de ter escutado Joe fazendo “Xiu!”. Ela. Quem quer que

fosse. Apoiei a bochecha no travesseiro. Já que estava com ele do outro lado da linha...

“Então... Fiquei esperando seu telefonema mais cedo”, eu disse, tranquilamente. “Coloquei meu melhor pijama e tudo mais.”

Joe limpou a garganta.

“É mesmo, desculpe. Vamos deixar para depois.”

Por que os amigos dele não podiam sair de lá e deixá-lo para falar comigo em paz? Eu detestava o modo afetado como Joe falava quando eles estavam por perto.

“Estou livre amanhã à noite”, ronronei. Vi meu reflexo no espelho do armário e fiz uma careta. Quando me tornei uma menina que liga para um garoto às duas da manhã e emite ruídos felinos para ele?

Ele me ligou antes, lembrei a mim mesma, ainda que tenha sido accidental.

“É, parece bom...”, ele ia dizendo, mas se interrompeu. “Ah, não, vou trabalhar...” O volume de sua voz diminuiu. “Ouça, ligo logo. Prometo.” Comecei a responder, mas ele disse: “Olhe, tenho que ir”. Só tive tempo para um rápido “tchau” antes de Joe encerrar a ligação.

Encarei meu telefone por alguns instantes, a tela vazia de repente me parecendo muito irritante e metafórica. Será que ele estava com Mimi? A voz parecia ser dela. Apesar de Joe ter contado a Mimi sobre mim, eu detestava que eles fossem amigos. DETESTAVA. Ela era uma vaca cruel e vil, e ele era meu Joe, sexy e lindo. Eu morria de medo de que Mimi pusesse as garras nele, enfeitiçando-o com seus cabelos esvoaçantes idiotas e sua risada. Pude ouvir Donna me mandando ficar calma — ele tinha me escolhido, não? Mas era fato. Mimi estava lá com ele. Eu não.



AS PESSOAS SEMPRE falam do tempo nos velórios. Se chove, dizem que é muito apropriado; se faz sol, dizem que é irônico. Mas o clima na sexta-feira estava totalmente maluco. Chovia em um momento, fazia sol no outro. O que, na verdade, resumia um pouco o espírito do dia. O velório em si foi horrível. Rich chorou, o pai dele chorou, a mãe dele chorou, vários parentes, mais jovens e mais velhos, choraram. O avô dele era uma figura pequena e encarquilhada na primeira fila, inclinado, tremendo de tristeza. E eu, Cass, Donna, Ashley e até Jack e Ollie choramos porque foi horrível ver Rich tão chateado.

Muitas pessoas compareceram, e o padre fez um sermão bonito. Ele conhecia muito bem a vovó Blue, porque ela frequentava a igreja dele (apesar de Rich ter nos contado que sua avó só ia pelo lado social, e ele tinha noventa e nove por cento de certeza de que ela não acreditava em Deus). Rich disse algumas palavras sobre ela. Foi tão comovente que achei que minha cabeça fosse explodir por causa do esforço que tive que fazer para chorar em silêncio. Ele a amava muito. Meu coração doeu por ele, por pensar que ela tinha partido.

Nenhum problema maior ocorreu, mas ainda era nosso amigo se despedindo da avó, cujo corpo em decomposição se encontrava em uma

caixa de madeira na ponta da igreja.

A recepção realizada pela família em um bar depois foi completamente diferente. No começo tudo estava calmo, mas logo depois se instaurou uma atmosfera quase de festa, com pessoas fazendo brindes a vovó Blue e conversando sobre as boas lembranças dela. Era uma celebração de sua vida, suponho. Até Rich pareceu gostar, apesar de em alguns momentos ter desaparecido, a fim de se recompor.

Mas isso foi um pouco mais tarde. Chegamos ao bar — ou “pousada do século xvi”, como dizia a placa na nossa mesa — antes de Rich, que tinha ido à cerimônia de cremação, só para familiares. Reconhecemos algumas pessoas ali, mas na verdade não conhecíamos ninguém. Pareceu errado estar lá sem ele, como se fôssemos penetras. Não posso falar pelos outros, mas eu só queria me segurar nas roupas deles, como uma criança se segura nas roupas da mãe no primeiro dia em uma escola nova.

Assim que nos sentamos, recebi uma mensagem de Joe.

Desculpe pela outra noite.
Estou livre quinta e sexta.
Vem me ver? Prometo toda a
minha atenção. Bj.

Sorri para mim mesma, contendo um gritinho de alegria. A semana do saco cheio estava resolvida. Alguns dias em Devon, depois dois dias com Joe. Perfeito. Sem dizer nada para os outros, guardei o telefone para responder mais tarde. Até eu sabia que não era hora nem lugar de mandar mensagem.

“Pobre Rich”, disse Ash, verbalizando o que todos estávamos pensando. “Imagino o que ele deve estar passando.”

“E a mãe dele”, acrescentou Jack, que cuidadosamente rasgava o folheto do velório em tiras.

Suspirei.

“Vai acontecer com todos nós.” Donna começou a rir, com o copo de coca light ainda na boca. “O quê?”, eu disse. Mas já estava mordendo as bochechas, tentando não sorrir.

Ash balançou a cabeça.

“Vocês duas são doentes.”

“Ã-hã, então por que você está sorrindo?”, perguntou Cass, cuja boca se curvava nas pontas.

E então ficamos todos sorrindo em silêncio, olhando para baixo, para a mesa, para não cruzar o olhar com o de ninguém.

“Vamos todos para o inferno”, ganiu Cass.

“Eu sei”, concordei, apressando-me para pronunciar as palavras antes que outra onda de histeria me atingisse. “Que espécie de pessoa ri depois de um velório?”

“É só a tensão”, disse uma voz ao nosso lado. Rich. Aquilo nos calou. Não o vimos entrar.

“Ah, cara... Desculpe, não era nossa intenção...” Jack estava perturbado, mas Rich o conteve.

“Não se preocupem. De verdade.” Ele se sentou e colocou uma garrafa de espumante sobre a mesa. “Então..”, Rich começou, girando a rolha. “Quero beber em homenagem à vovó Blue.” Ele abriu a garrafa cerimoniosamente e serviu sete taças pequenas. “À minha avó”, disse, erguendo sua taça e tomando o conteúdo em um gole. Foi um pouco estranho, para ser sincera. Como algo que uma pessoa da idade dos nossos pais costumasse fazer. O resto de nós trocou olhares preocupados. “Não se preocupem”, ele disse, rindo. “Não vou me embriagar. Nem me drogar.” Rich deu de ombros. “Minha avó costumava brindar cada vez que bebia alguma coisa. Não precisava ser nada muito importante. Ela bebia em

homenagem a um dia ensolarado, ou a mais reprises de um seriado antigo, ou o que quer que fosse... Era uma das coisas que minha avó fazia.”

Cass ergueu a taça.

“À vovó Blue!”

Todos fizemos o mesmo.

“Como está seu avô?”, perguntou Ollie, depois que passamos pelo bufê para pegar nossos pratos de quiche e salada.

Rich deu de ombros.

“Não sei.”

“Será que vocês dois vão se aproximar agora que sua avó se foi?”, perguntou Donna.

Rich balançou a cabeça.

“De jeito nenhum. Não vejo razão para começar a ser legal com meu avô agora, se ele nunca me disse uma palavra gentil. E sempre foi um péssimo avô.” Seguimos o olhar de Rich, que se dirigia a seu avô, sentado sozinho, chorando com um copo de Guinness na mão.

“Não sinta pena dele”, disse Rich, vendo a expressão no meu rosto. “Por que você acha que ninguém está com ele, nem mesmo quando a mulher dele acabou de ser cremada?”

O esforço para não ter simpatia pelo homem fez com que Cass franzisse a testa.

“Como ele e sua avó se conheceram?”

“Ela era secretária dele. Meu avô é alguns anos mais velho do que ela. Do que ela era”, ele disse, corrigindo-se. “Ela diz... *dizia* que ele era charmoso e rico, e que ficou encantada... Mas o feitiço não durou. Só Deus sabe por que ela ficou com esse babaca.”

Como se pudesse nos ouvir, o avô de Rich levantou e cambaleou até nós, tropeçando, claramente bêbado.

“Ótimo”, murmurou Rich.

“Tudo bem, bichinha?”, o velho disse, batendo com a mão nodosa no ombro de Rich. “Que audácia, trazer seu namorado aqui.” Ele fixou os olhos remelentos em Ollie, que estava sentado ao lado de Rich.

“Ele não é meu namorado”, Rich respondeu, com os dentes cerrados, olhando para baixo.

“Sim, sim, acredito em você. Milhares não acreditariam.” E depois disso cambaleou na direção do banheiro.

Rich olhou para Ollie.

“Desculpe, cara.”

Ele deu de ombros.

“Não se preocupe.” Mas dava para perceber que estava um pouco abalado. Todos estávamos.

Rich tentou rir e deixar aquela história para lá.

“Ignorem o cara. Ele é um velho nojento, preconceituoso e bêbado. Minha mãe me contou que uma vez...” Rich começou a nos contar histórias que envolviam seu avô bêbado, e a maioria delas acabava com ele quebrando a cara. Eram tão escandalosas que não conseguimos parar de rir. Meu olhar encontrou o de Cass, e ela sorriu para mim. Rich de algum jeito sempre conseguia evitar qualquer conversa sobre sua sexualidade. Ele disse uma vez a Donna que não gostava de confissões. Ele era o que era, e não sentia necessidade de rótulos. O que, como Donna disse na época, era o jeito de Rich dizer que aquele assunto não era da conta de ninguém. Para ser sincera, por mais fôfo que Rich seja, acho que ele gosta de manter o mistério.

À medida que a tarde avançou, a atmosfera ficou mais leve, e lentamente nos dividimos em grupos menores. Cass, Jack e Rich foram conversar com os pais dele, enquanto Ashley e Donna eram cantadas por uns idiotas que

tinham no mínimo quarenta anos de idade — acho que nem estavam lá pela vovó Blue. Os bobocas achavam que iam se dar bem. Dava para vê-los trocar olhares em comemoração. Até parece. Ash e Donna estavam adorando aquilo. Bebiam com os olhos arregalados e davam sorrisos afetados. Sobramos eu e Ollie, sentados na mesa vazia, fazendo uma degustação de bolo.

“Humm... bom... bom...”, disse Ollie seriamente, concentrado, virando os olhos enquanto comia o doce como uma vaca mastigando capim. “Sinto açúcar, amido de milho... e um toque de glicerina.”

Rindo, dei uma garfada em um bolo, que parecia de plástico. Tentando imitar a expressão séria de Ollie — como ele conseguia fazer aquilo sem rir? — balancei a cabeça vigorosamente.

“Sim... Hum... Este é muito bom. Claramente contém emulsificante e... sim, é isso, agentes fermentadores. Definitivamente agentes fermentadores.”

Ollie pegou um pedaço de bolo do meu prato.

“Na verdade, parece bom.”

Observei-o colocando o bolo na boca.

“E então?”

Ele gemeu e revirou os olhos fingindo êxtase.

“Maravilhoosoooooso”, disse, sorrindo, com a boca cheia de bolo barato.

“Nada pode ser melhor do que um bolo vagabundo”, concordei, selecionando uma fatia bem pequena do bolo de chocolate do prato sortido montado por Ollie.

Ele olhou em volta.

“Estranho... Todos parecerem felizes.”

Assenti.

“Eu sei. Eu esperava que todo mundo ficasse quieto e melancólico. Conversas em voz baixa, muitos lenços sendo levados aos olhos.”

Ollie riu.

“Certo, porque você sempre anda com um lenço bordado.”

“É claro”, respondi, com afetação. “Guardo no bolso da minha calçola.”

“Não diga essas coisas. Vou morrer de desejo”, ele disse, esfregando as mãos para limpar os farelos de bolo.

“Então você gosta de calçolas?”

Ele fez um biquinho libidinoso em resposta, então perguntou: “Por falar nisso, como vão as coisas com Joe?”.

Sorri.

“A gente vai se ver semana que vem.” Pelo menos eu esperava que sim. Senti uma pontinha de medo de que pudesse ter arruinado tudo só dizendo isso em voz alta.

“Ótimo... Mas você vai para Devon, né?”

“Vou. Posso encontrar Joe depois.”

“Legal.”

Ficamos em um silêncio companheiro por um minuto, comendo bolo e observando as pessoas, então Ollie disse: “É seu primeiro velório?”.

Assenti.

“E o seu?”

“Bem, fui no do meu irmão, mas eu tinha acabado de nascer, então não conta.”

Eu me virei para ele.

“Seu irmão?”

Ollie olhou para mim.

“Isso. Eu tinha um irmão gêmeo, Zac. Ele viveu menos de um dia. Parece que não cresceu o suficiente no útero... Não sei direito.”

Fiquei atônita.

“Ollie, como eu nunca soube disso?”

Ele deu de ombros.

“Eu não saio anunciando. E não é nada de mais. Não é como se eu sentisse saudade dele.”

“Os outros sabem?”

Ollie sorriu.

“Por quê? Você gosta de receber informações em primeira mão?”

“Não! Não foi isso que eu quis dizer.” Fiquei completamente vermelha.

“Eu estava brincando, linda. Ih, você ficou toda vermelha!” Ollie passou a mão na minha bochecha, em seguida inclinou a cadeira para trás e começou a olhar em volta. “Na verdade, não lembro se os outros sabem. Se souberem é porque o assunto surgiu em alguma conversa.”

Mal consegui assimilar tudo aquilo.

“Coitados dos seus pais”, eu disse. “Não posso acreditar que nunca soube. Eles falam nele?”

“Falam, não é um tabu nem nada, e tem fotos dele. Éramos idênticos.” Ollie engoliu em seco e olhou para baixo. É claro que aquilo ainda tinha importância para ele.

“Deve ser estranho pensar que você dividiu o útero da sua mãe com alguém.”

Ollie assentiu.

“Às vezes até tenho uma sensação de que me lembro dele. É difícil descrever... não é nada concreto, só uma sensação.”

“Uau.” Olhei para Ollie sem saber exatamente o que dizer, e ele sorriu.

“Tudo bem. Vamos, não podemos ficar deprimidos num velório.” Ele revirou os olhos. “Seria muito clichê.”

De repente notei uma menina mais ou menos da nossa idade em uma mesa próxima olhando para Ollie. Cutuquei-o.

“Ei, tem alguém de olho em você.” Apontei discretamente na direção da menina.

Ollie ergueu as sobrancelhas.

“Ah, sim.” Ollie se virou novamente para mim. “Uma mulher de muito bom gosto, obviamente.”

“Vá falar com ela”, eu disse. “Não fique aqui por minha causa.”

Ele balançou a cabeça.

“Acho que não. Estou bem aqui”, ele disse sorrindo.



CHEGOU O DIA em que iríamos para Devon.

“Eles chegaram!”, disse Cass. Ela acenou para o Fiesta azul velho de Jack, que tinha aparecido na rua. Ele buzinou e nós quatro acenamos como loucas, dando gritinhos e nos empolgando exageradamente. Era o dia perfeito para uma viagem de carro. O céu estava completamente azul, não fazia frio demais, e as árvores poderiam estar num folheto de propaganda do outono. E eu tinha falado com Joe na noite anterior. Dias felizes.

Os meninos saltaram do carro e todos curtimos alguns segundos de alegria, dando pulinhos e nos abraçando. Jack se esforçou para agarrar Ash, Donna, Cass e eu em um abraço de grupo, até que Rich e Ollie se juntaram a ele e ficamos todos amassados em um grande bolo de felicidade.

Donna foi a primeira a se soltar.

“Muito bem, quando acabarem com a agarração, temos que ir”, ela disse, esfregando as mãos.

Em poucos segundos, Cass estava com um mapa aberto na capota do carro do irmão. Ela chamou todo mundo para perto.

“Certo, eu e Jack vamos dirigir até aqui.” Ela apontou para um posto perto de Bournemouth. “Então paramos para almoçar e Donna e Rich dirigem o resto do caminho.” Ela olhou séria para mim, Ashley e Ollie. “E

vocês três vão cuidar do jantar hoje à noite por não terem aprendido a dirigir a tempo para a viagem.”

Entramos nos carros — os meninos em um, as meninas no outro. Ash se inclinou para fora da janela e gritou para o carro dos meninos.

“Ei, vocês. Nada de correr, tudo bem? É ridículo. E nós ganharíamos.” Ela olhou para o carrinho de Jack. Ele fez um V com os dedos, e partimos.

Cass era uma boa motorista, tão cuidadosa quanto se imagina que uma menina viciada em fazer listas seja, porém muito mais confiante. Fiquei impressionada. Eu sabia que deveria aprender a dirigir, mas para ser sincera tinha um pouco de medo de ter em mãos o poder de matar alguém sem intenção. Não que algum dia fosse ter essa intenção... De qualquer forma, tive a sorte de sentar na frente. Foi esse tipo de dia. Analisei os CDs no porta-luvas. Cass obviamente tinha trocado a coleção do irmão pela dela.

“Muito bem, temos a trilha da primeira temporada de *Glee*...” Ashley fez som de quem estava vomitando. “Ou Adele, Marina and the Diamonds, Ellie Goulding, Rihanna... Nossa!” Virei-me para Cass. “Michael Bublê?” Gargalhadas no carro. Cass ficou roxa.

“É da minha mãe!”, ela protestou. “Nem imagino como foi parar aí!”

“Nunca vi uma seleção tão menininha na vida”, disse Ash. “Mas posso aturar um pouco de Rihanna. Desde que não toque ‘Umbrella’.”

Foi perfeito. Pouca coisa é capaz de animar alguém como uma viagem de carro a Devon com as melhores amigas cantando “Cheers (Drink to That)” a plenos pulmões, vendo quem fazia o melhor sotaque. Foi revigorante.

Depois de quase uma hora de cantoria e coreografias, fomos ficando quietas, embaladas pelo movimento do carro. Relaxei e fiquei olhando pela janela. Eu estava radiante de alegria. Mais três dias e estaria novamente com

Joe. Mal podia esperar. Sorrindo para mim mesma, comecei a escrever uma mensagem.

Indo para Devon.
Te vejo logo para muita
diversão e devassidão. Bjs.

“Para quem você está escrevendo?”, perguntou Cass. Ela devia ter uma ótima visão periférica — seus olhos não desviaram da estrada nem por um segundo.

Não levantei o olhar do telefone.

“Joe.” Ela balançou ligeiramente a cabeça, mas não disse nada. Estava concentrada em um caminhão imenso na nossa frente, que dava seta para entrar na nossa pista. “Mal posso esperar”, prossegui. “Parece que faz um século que a gente não se vê.”

“*Faz um século*”, disse Cass. “Não sei como você consegue. Sinto falta de Adam se não o vejo dia sim, dia não... Você não vê Joe há semanas!”

Isso foi bem irritante.

“É, nossa relação é um pouco diferente”, eu disse, fazendo o possível para manter um tom de voz tranquilo. “Joe mora em Londres, eu moro em Brighton... Não temos como nos ver todos os dias.”

Cass tirou a mão do volante para poder fazer um carinho na minha perna.

“Pobre Sarah.”

“Não, tudo bem”, eu disse. “Quando nos encontramos é como se todas as vezes em que poderíamos ter estado juntos se concentrassem em...” — revirei os olhos e fiz uma voz brega de comercial — “supersexo.”

Cass sorriu.

“Informação demais, moça.”

Ri. Ainda era novidade para mim possuir informação demais. Virei o pescoço para olhar o banco de trás. Ash e Donna estavam dormindo. A

cabeça de Ashley estava apoiada no ombro de Donna, e saliva escorria da lateral de sua boca. A cabeça de Donna estava caída para trás e sua boca estava aberta, como se estivesse tentando pegar uma mosca. Cutuquei a mão de Cass e disse pelo canto da boca: “Olha só as Belas Adormecidas ali atrás”. Ela olhou pelo retrovisor e riu.

“Tire uma foto, rápido!”

Eu já estava com o telefone na mão. Aquilo com certeza ia para o Facebook.

Aceleramos em um silêncio camarada por mais alguns minutos. Então Cass disse: “Na verdade, faz alguns dias que não vejo Adam. Ele está muito ocupado no trabalho”.

Foi minha vez de fazer um carinho na perna dela. Era tolice me irritar com Cass. Ela estava tendo dificuldades com o namorado — tínhamos que apoiar umas às outras.

“Cass...”, comecei, grata por ela ter que manter os olhos na estrada. “Você alguma vez... não sei... já se perguntou se está fazendo a coisa certa ficando com Adam? Só estou perguntando porque, você sabe, eu e Joe...”

“O tempo todo”, ela disse, sem hesitar.

“Então... por que continua com ele?”, perguntei.

Cass mordeu o lábio inferior.

“Porque eu morreria se a gente terminasse.”

Examinei o rosto dela, para ver se estava fazendo graça sendo excessivamente dramática, mas sua expressão não tinha mudado.

“Uau.”

Ela sorriu por um momento.

“Eu sei.”

Passei a mão no cabelo.

“Às vezes fico pensando... Sobre Joe, quero dizer... Ele contou para aquela Mimi que eu era virgem antes dele... e outras coisas.”

Foi a primeira vez que contei aquilo para alguém, mas Cass não pareceu muito incomodada, apesar de eu não conseguir ver a expressão no rosto dela.

“Bacana da parte dele”, ela disse ironicamente. “O que Joe disse quando você falou disso com ele?”

“Bem... eu meio que deixei essa história para lá...”

Cass me lançou um olhar.

“Sarah, Adam tem os defeitos dele — sei que vocês acham que eu não sei, mas, acredite, eu sei. Mas também sei que ele jamais falaria com outra garota sobre nossa vida sexual.”

“É. Mas Joe e Mimi são amigos. Amigos conversam.” Mesmo ao falar pensei: estou fazendo exatamente o que Cass faz. Ela defende Adam quando é mais do que óbvio para todo mundo que ele está sendo um babaca.

Cass pareceu incrédula.

“Que bela amiga essa Mimi é.” E eu tinha que concordar. Decidi que confrontaria Joe quando o encontrasse. Ele precisava saber como essa suposta amiga tinha falado comigo e que eu não me sentia confortável com ele revelando esse tipo de coisa a meu respeito. Discutiríamos como adultos e superaríamos o problema. Eu não podia permitir que coisas assim passassem se íamos ter um futuro juntos.

“Acho que eu e Joe já vamos estar morando juntos quando formos um casal há tanto tempo quanto você e Adam são agora”, devaneei. Tive que morder minha bochecha para parar de sorrir como uma idiota.

“Hum... Então agora vocês são um casal?”, perguntou Cass. “Quando isso aconteceu?”

“Hum... bem... *casal* é modo de dizer”, recuei. “Não é como se ele tivesse dito isso ou algo assim.”

Cass ergueu as sobrancelhas — estaria sendo cética? — e ficamos em silêncio novamente.

Após alguns minutos eu comecei a dizer: “Cass, você não vai contar aos outros...?”.

Ela me interrompeu.

“Claro que não. Não seja tola.”

Chegamos à primeira parada antes dos meninos. Não que fosse uma corrida — o que seria imaturo —, mas entramos no lugar, rindo como idiotas, correndo para pegar uma mesa, para que parecesse que já estávamos lá havia um tempão quando eles chegassem. Nem precisávamos ter nos incomodado. Eles chegaram uns bons quinze minutos depois, tranquilos, como se não estivessem nem aí. Até parece. Ashley ergueu uma sobrancelha e Jack levantou a mão.

“Antes que diga alguma coisa, tivemos que parar para abastecer.”

Cass sorriu convencida enquanto folheava o guia *Lonely Planet* de Devon e Cornwall.

“Deviam ter enchido o tanque antes de sair, como eu fiz.”

“Mimimimimi”, caçoou Rich, fazendo movimentos com as mãos indicando que Cass falava demais. Ela não levantou o olhar do livro, mas pude ver as maçãs do seu rosto se elevando com um sorriso.

“Então”, eu disse, esfregando as mãos. “Estou morrendo de fome...”

Todo mundo estava, mas ficamos discutindo por uns bons dez minutos até que todos decidissem o que queriam. Eu e Ollie ficamos encarregados de ir ao Burger King.

“Você acha que vão nos fazer trabalhar a semana inteira porque não sabemos dirigir?”, perguntei enquanto esperávamos na fila.

Ele pareceu sorumbático.

“Provavelmente. A gente vai ser como a Cinderela, acordando antes do amanhecer para varrer a lareira.”

“E quando exatamente foi a última vez que você varreu alguma coisa?”, perguntei, erguendo uma sobrancelha, como Ashley costumava fazer.

“Exatamente. Não vai prestar.” Ele balançou a cabeça lamuriosamente. “Parece que você terá que varrer, Sarita.”

Ri.

“Pobre Ollie.”

Ele inclinou a cabeça, em reconhecimento, depois acenou para o atendente.

“Fique esperta, somos os próximos.”

A segunda metade da viagem não foi tão divertida. Ficamos presos no trânsito durante horas por causa de um acidente, então quando chegamos ao albergue já era tarde e estávamos doloridos, cansados e aborrecidos. Donna se irritou com Cass por dar ordens a todo mundo, Ash perdeu a paciência com Jack por jogar críquete com uma bola invisível em vez de participar de uma discussão sobre a divisão dos quartos, e Rich exagerou no bocejo quando mencionei casualmente que estava esperando uma mensagem de Joe. Tudo isso enquanto ainda fazíamos o check-in.

“OH I DO LIKE TO BE BESIDE THE SEASIDE!”

Uma cantoria absolutamente horrorosa cortou o ar. Completamente desafinada. Viramos para encontrar de onde vinha, e Ollie fez uma reverência. “Obrigado. Agora será que posso pedir respeitosamente que fiquem todos calmos? Estamos de férias, pessoal.” Ele agarrou a manga de Donna com uma mão, o braço de Cass com a outra e colocou as duas lado a lado. “Agora deem um beijinho e façam as pazes, depressa, para que a gente possa começar a beber.”

Rich lambeu os lábios de um jeito nojento.

“Hum... Cenas lésbicas sensuais.”

Donna fingiu chutá-lo.

“Ah, é, porque você deve ter altas fantasias assim.”

Rich fechou os olhos com um sorriso que dizia “Não me faça perguntas e não mentirei para você”, e fomos todos para o quarto dos meninos.

Donna colocou vodca e coca nas canecas que pegamos emprestadas na cozinha do albergue. Estávamos sentados no chão, apoiados nos dois beliches de metal do quarto. Os meninos estavam em uma fila diante de mim, Ash, Donna e Cass. Era bem desconfortável, mas a alternativa seria sentar nas camas de cima, onde não havia apoio para as bebidas. Então tínhamos que ficar ali mesmo.

“Quem topa um jogo da verdade?”, perguntou Donna, enquanto lambia a espuma que escorria pela lateral do copo. Houve muitos resmungos, mas todos concordaram. Eu e Cass trocamos um olhar. Tínhamos conversado sobre isso antes. Se alguma ideia partia de Donna, Ashley ou dos meninos, era boa. Tipo, às vezes podia ser boa-irônica (o jogo da verdade definitivamente caía nesta categoria), mas era sempre boa. Se nós duas tivéssemos sugerido uma coisa dessas, teria sido descartada como ridícula. Sorri para ela e dei de ombros. Na verdade estava satisfeita em jogar. Agora eu tinha um... namorado? Agora tinha Joe, de qualquer forma, e tinha um passado sexual para relatar. Uma vez jogamos — estávamos no segundo ano, acho — e causei uma gargalhada geral quando fiz algum comentário sobre sêmen ser amarelo. Não conseguia lembrar por que achava que era amarelo, nem mesmo por que o assunto surgiu, mas depois disso só de me lembrar do ocorrido ficava completamente vermelha, com vergonha retroativa. Quer dizer, quando você sabe alguma coisa, a ideia de que alguém não saiba é impensável. Se eu agora ouvisse alguém dizer que esperma é amarelo, provavelmente teria vergonha por essa pessoa.

Donna bateu levemente com a ponta do dedo nos lábios.

“Quem quer começar?” Ela franziu os olhos e examinou cada um de nós.

Finalmente Ollie disse:

“Eu tenho uma pergunta.”

Donna passou a palma da mão no retângulo de carpete azul entre os dois.

“O chão é seu.”

Ele tamborilou na lateral da caneca por um segundo.

“Vocês já...” — ele fez uma pausa dramática — “se apaixonaram?”

Pisquei, surpresa. Estava esperando alguma coisa sexual: você já transou em público? Já soltou pum durante o sexo oral? (Uma pergunta particularmente adorável que Donna fez a Ashley na última vez em que jogamos, à qual Ashley respondeu com um “Eca, nunca, sua vaca nojenta”.) Rich colocou o braço nos ombros de Ollie e segurou um microfone imaginário na frente do rosto dele.

“Então, quando exatamente você decidiu se tornar uma mulher?”

Ollie sacudiu os ombros para se soltar.

“Não enche. Sempre tem que ser sobre sexo?” Ele estava rindo, mas parecia ligeiramente incomodado.

Rich, Donna e Ashley se entreolharam.

“Tem!”, todos disseram.

“Concordo com Ollie, se é que isso importa”, Jack disse calmamente.

Ollie apertou a mão dele.

“Obrigado, cara.”

“Vá em frente, então.” Ashley esticou a perna e cutucou o pé de Jack.

“Qual é sua resposta? Você já se apaixonou?”

Ele sorriu, pegado de surpresa.

“Para falar a verdade já.”

Isso chamou a atenção de todo mundo.

“Não acredito!”, disse Ash. “Por quem?”

“Leanne Hannigan.”

Rich franziu a testa.

“Por que conheço esse nome?”

Cass estalou os dedos para ele.

“Leanne Hannigan! Ela tinha uma irmã gêmea chamada Carrie-Anne? Fez xixi na calça na aula de educação física uma vez?”

Rich sorriu ao recordar.

“Meu Deus, é mesmo. Leanne Hannigan.” Em seguida fez uma careta. “Mas nem pensar, a gente tinha, sei lá, cinco anos de idade. Não conta.”

“Conta sim”, disse Jack. “Eu era completamente apaixonado por Leanne. Ela morava na nossa rua e jogava futebol comigo depois da aula. E jogava bem.”

“Ah, que bonitinho”, entoou Cass, com a cabeça inclinada para o lado. “E o que aconteceu?”

“A família dela se mudou. Fiquei arrasado.” Ele deu de ombros e sorriu.

Ollie passou a mão no ombro do amigo.

“Complicado, cara. Complicado.”

“E você, Ollie?”, Donna puxou a barra da calça jeans para coçar uma mordida de inseto, em seguida sentou com os joelhos dobrados e as pernas separadas, como um menino. Vi Jack olhar para a virilha dela e desviar rapidamente.

Ollie colocou as mãos atrás da cabeça e esticou as pernas.

“Vocês me conhecem. Não nasci para namorar a sério.”

“Nem para namorar de brincadeira”, Ashley disse, seca. “Você gosta é de arrasar os corações das meninas da escola.”

“Não é verdade!”, Ollie disse, indignado. “Diga um coração que eu tenha arrasado.” Ashley discordou de má vontade. Ele tinha razão. Todas as meninas continuavam gostando dele. Transar com Ollie parecia parte do pacote da amizade. Ele tratava todas as meninas exatamente igual e isso nunca mudava, independentemente do que tivessem feito juntos. Ou pelo menos era a impressão que eu tinha, vindo de fora. Nenhuma de nós nunca tinha transado com ele — seria estranho demais. Ele e Donna já tinham ficado uma vez, anos antes, mas tinha sido coisa de criança.

“Nunca me apaixonei. Nem cheguei perto disso”, disse Donna, como se também tivesse acabado de se lembrar do incidente. Ela não parecia incomodada com a falta do amor. Eu não entendia como conseguia se sentir atraída por alguém o suficiente para transar, mas não se apaixonar pelo menos um pouquinho.

Ashley balançou a cabeça.

“Nem eu. Mas, olhem só para mim...” Ela passou a mão pelo próprio corpo como se estivesse se abanando.

“O quê?” Rich sorriu. “Você se acha descolada demais para se apaixonar?”

“Não enche, não foi isso que eu quis dizer.”

Rich soprou um beijo para ela, que retirou uma meleca imaginária e jogou para ele em retribuição. Ele fingiu pegar com a boca.

“Hum... Delícia.”

“Eu já me apaixonei. Continuo apaixonada”, disse Cass, depois que as risadas e as expressões de enjoo cessaram. “Mas vocês já sabiam disso.”

“Ah sim, o adorável Adam”, Donna disse antes de tomar alguns goles da caneca. Cass lançou a ela um olhar ferido, mas não mordeu a isca. Houve uma pausa na conversa.

“E você, Sarah?”, perguntou Rich. “Está muito quieta aí.”

Eu pensava no que dizer. Estava apaixonada por Joe, não havia dúvida, mas me parecia algo importante demais para revelar em um jogo. Como se declarar tornasse aquilo menos real. E, de toda forma, não queria que os outros comesçassem a me encher ou me achassem precipitada demais. Era cedo para ter sentimentos tão fortes, mas quando é real você simplesmente sabe.

“Olha quem fala”, retorqui para ganhar mais tempo. “Você ainda não respondeu.” Ele esfregou a parte das costas que tinha apoiado contra a cama metálica.

“Passo.”

“Você não pode passar”, disparou Cass.

“Quem disse? O livro de regras?”, argumentou Rich, com razão. “Desculpe, não vou responder essa.” E, porque era Rich e estávamos sendo legais com ele por causa de sua avó, deixamos passar. Queria ter passado antes dele, porque agora não podia mais, ou achariam que eu o estava imitando.

“Vamos, Sarita, desembuche.” Ollie levantou as sobrancelhas para mim.

“A resposta é não”, eu disse, olhando para o copo a fim de evitar contato visual. “Nunca me apaixonei.” Esperava que todos caçoassem de mim, mas ninguém disse nada.

“Certo, minha vez”, disse Ash, esfregando as mãos. “Vocês já tiveram um sonho erótico com um professor?”

Algumas horas depois, no quarto das meninas, deitei na cama de cima do beliche e mandei uma mensagem para Joe. Ele não tinha respondido a mensagem anterior, mas eu sabia que estava fazendo turno duplo no bar.

A voz de Cass veio flutuando da cama de baixo: “Você está mandando uma mensagem para Joe”.

“Nada de mensagens eróticas em espaços comuns, por favor”, acrescentou Ashley. “É péssimo.”

“Até parece.” Mas eu não estava ouvindo o que elas diziam. Estava concentrada pensando se escrever “hj” em vez de “hoje” seria deselegante ou me faria parecer relaxada e tranquila. O corretor automático corrigiu para “hoje”, e eu decidi que seria ridículo demais escrever errado de propósito uma palavra.

“Como vão as coisas?”, perguntou Donna. “Vocês vão se encontrar na quinta, certo?”

Pressionei “enviar” e apertei o botão que apagava a tela. Virei para o lado, as molas da cama vibrando e rangendo sob mim. Pude sentir minhas pupilas

dilatando na escuridão.

“Vou. Está tudo bem, obrigada... Ele está bem.”

“Ooooh!”, gritou Ashley. “Tá namorando!”

Sorri.

“Mal posso esperar para ver Joe. Gosto muito dele. Espero que dê certo desta vez. Temos muito azar — alguma coisa sempre acontece e ele precisa cancelar. Acho que deve ser assim mesmo quando você tem um namorado” — sorri após dizer a palavra — “que é estudante universitário. Ele trabalha, tem prazos, essas coisas... Temos vidas diferentes, sabe? Mas, sei lá, daqui a dez meses também vou estar na faculdade. Só temos que enfrentar esta primeira fase complicada. Vamos chegar lá.”

Parei para respirar, mas antes que eu pudesse continuar Ashley arfou e mudou de assunto, o que fez meu estômago se contrair. Eu estava falando sem parar sobre Joe? Não estava! E Donna não deveria ter perguntado se não queria ouvir a resposta. Suspirei para mim mesma. Preparei-me para continuar e...

“Meu Deus, e Rich, que se recusou a dizer se já se apaixonou? O que foi aquilo?”, perguntou Ash.

“Eu sei! Você acha que ele é apaixonado por...” — Cass diminuiu a voz para um sussurro escandalizado — “um menino?” Rimos de forma um pouco histérica. Não era um assunto que deveríamos discutir. Mesmo só entre nós mal falávamos nisso, apesar de eu não saber exatamente por quê. Acho que era assim porque Rich não falava a respeito, então, como amigas dele deveríamos presumir que ele era heterossexual, apesar de todas acharmos que não fosse. Nenhuma de nós queria ser a primeira a dizer em voz alta, caso estivéssemos erradas.

“Talvez ele esteja apaixonado por alguma de nós”, eu disse, com cuidado. “Ele comeu uma de suas melecas, Ash. Só alguém que ama muito faria isso.”

“Ai, nada a ver. Ele não faz nem um pouco meu tipo.”

“É bom saber que você tem algum limite”, disse Donna. “Mesmo que o limite seja pessoas que não gostam de meninas.”

“Você não sabe disso”, disse Cass, séria. “Ele pode ser bissexual.”

Donna de repente se sentou, fazendo a cama toda tremer.

“Meu Deus, acabei de pensar uma coisa. Ele e Jack são melhores amigos há séculos. Jack não tem namorada...”

“Putz, você tem razão. Eles devem estar transando no quarto ao lado agora mesmo.” Ash tentou manter o tom seco, mas estava tão animada quanto todas nós.

“Ai, não”, disse Cass. “Pobre Ollie.”

Ri. Todos me achavam doce e ingênua, mas Cass era bem pior.

“Você sabe que eles não estão transando de verdade, né?”

“Não enche.” Mas pela voz dela percebi que estava sorrindo. “Mas é triste, se a gente parar para pensar”, ela continuou. “Que Rich ache que precisa esconder seus sentimentos.”

Revirei os olhos no escuro.

“É. Ou ele só quer parecer misterioso e interessante.”

“É um bom argumento”, disse Ash. “Exatamente o tipo de coisa que ele faria.”

E com isso a conversa se esgotou e fomos dormir.

“Vamos acordar, hora de comer!”

Espiei pela beira da cama para encontrar a fonte da voz absurdamente alegre e da batida rítmica. Era Donna fazendo polichinelo. Claro.

“Que horas são?”, resmunguei. Passei a língua nos dentes. Seria capaz de matar por um copo d’água.

“Nove e pouquinho.” A voz de Donna tremulou. Ela continuava com os exercícios matutinos. Donna estava com uma aparência ótima, só ligeiramente assustadora. Cabelos rebeldes por todos os lados, manchas de

rímel nas bochechas, seios soltos saltando loucamente sob a blusa do pijama, que tinha uma estampa do Snoopy.

“O que você está fazendo?”, Ashley resmungou sob as cobertas. “Ainda nem clareou.”

Donna começou um exercício que envolvia dar pulinhos e socos alternados no ar. Eu preferia morrer a fazer ginástica. A coordenação motora não é minha melhor amiga. Uma vez tropecei na minha própria sombra. (Não é piada. A cicatriz no meu joelho é prova disso.)

“Estou me energizando”, ela disse, arfando e dando socos. “E já é tarde. O café da manhã acaba em, tipo, vinte minutos.” Ela se sentou na beira da cama, respirando forte.

“Vou com você, estou morrendo de fome”, eu disse, descendo da cama. A escadinha do beliche emitiu um rangido metálico.

Donna fez sinal de positivo com os dois polegares, sem fôlego.

“Boa.”



No fim das contas, todas descemos para comer. Cass e Donna se recusaram a ir antes de tomar banho e passar maquiagem, então, quando chegamos ao refeitório, precisamos usar toda a nossa lábia para que nos servissem. Bem, Cass e Donna usaram toda a lábia delas. Afinal, estavam mais apresentáveis. Eu e Ash parecíamos corvos desidratados de pijama. Surpreendentemente os meninos já estavam lá, completamente vestidos e comendo linguiça, ovos e feijões. Rich nos chamou acenando com o garfo.

“É disso que eu gosto, um homem brandindo a salsicha para mim assim que acordo.” Ash sentou na cadeira ao lado dele e roubou uma batata do seu prato. “Desde quando isso é aceitável como café da manhã?”

“Pegue a sua”, ele agarrou o prato. “E batata é a comida dos campeões. Todo mundo sabe disso.”

“Que seja.” Um jovem louro com dreadlocks veio anotar nosso pedido. “Quero o mesmo que eles”, disse Ash, aceitando graciosamente o cumprimento irônico de Rich.

Todas nós pedimos e nos inclinamos nas cadeiras, contentes. Nada de pais, nada de prazos, nada de responsabilidades. A sensação era boa.

“Então, o que vamos fazer hoje?”, perguntou Cass, tirando o caderninho da manga, em um passe de mágica do transtorno obsessivo-compulsivo. “Que foi? É útil!”, ela disse em resposta às nossas brincadeiras.

Jack passou as mãos nos cabelos dela.

“Você será uma ótima esposa para alguém um dia... Vai organizar jantares e dizer para todo mundo o que não deve ser feito.” Ele sorriu timidamente e girou o garfo. Como se seus pais dessem grandes jantares...

Cass sorriu ao escrever e sublinhar alguma coisa no topo da folha.

“Acho que você vai descobrir, jovem Jack, que minhas habilidades de organização serão muito úteis quando eu for primeira-ministra.”

“Isso mesmo, amiga”, eu disse, dando um soco no ar. Ash e Donna contribuíram com alguns gritinhos. Cass se alegrou, mas suas bochechas ficaram vermelhas. Era raro ela ser o centro das atenções, mas Cass não estava brincando — pelo menos não muito. Por baixo daquela aparência de filhotinho, havia uma ambição de aço. A garota tinha planejado os vinte anos que viriam pela frente, pelo amor de Deus. Eu mal tinha planos para a próxima semana, e todos sabíamos em que — ou quem — eles se baseavam.

Como em um passe de mágica, meu telefone tremeu, emitindo um *brrrr* frenético ao vibrar sobre a mesa de plástico.

“Ã-hã, que grosseria”, disse Ash, direcionando um olhar severo a mim.

“Desculpe, desculpe. Eu estava esperando por isso. Guardo em um segundo.” Digitei rapidamente a senha e a mensagem abriu:

Legal. Não beba demais.

Nos vemos logo. Bj

Na maioria das vezes que Joe me escrevia eu tinha que ver minhas mensagens de novo para saber exatamente o que ele estava respondendo. Eu tinha mandado muito mais mensagens para ele do que o contrário. Mas meninos são assim. Eu estava morrendo de vontade de escrever de volta, mas guardei o telefone no bolso e me concentrei em devorar o imenso prato de comida que tinha acabado de ser colocado na minha frente.

Acabamos não montando a lista de Cass. Jack convenceu todo mundo a jogar vôlei na praia. Eu, Rich e Ash contra Donna, Cass e Ollie. Jack ficou de juiz, porque não seria justo com o outro time se jogasse. Ele desenhou a quadra na areia com um graveto.

“Muito bem, aqui é a rede. A bola tem que cair no chão do lado adversário. Vai ser melhor de três.” Ele segurou a bola que pegamos emprestada no albergue sobre a linha e a jogou para o alto. Se Jack tivesse um apito, teria soprado com força.

Rich e Cass saltaram para a bola, e Rich — que tinha uns bons doze centímetros a mais que Cass — a empurrou por cima da “rede”. Cass se jogou, conseguindo pegar. Fui na bola, que escorregou pelas minhas mãos. Um a zero para eles.

“Boa, Sarah”, irritou-se Rich, pegando a bola e me lançando um olhar antipático. Não liguei. Ele e Cass se transformavam em tiranos em qualquer tipo de competição. Faziam basicamente tudo para ganhar — inclusive roubar. Não valia a pena me irritar.

Ash deu uma cotovelada em Rich.

“Calma, Venus Williams, é só um jogo.”

Ele olhou para ela de um modo fulminante.

“Venus Williams joga tênis!”

Eu, Ash e Ollie trocamos olhares. Como irritar Rich em um único passo.

Jack esticou a mão para pegar a bola.

“Muito bem. Um a zero para Cass, Donna e Ollie. Bom trabalho, Cassie.”

Ela sorriu para ele, exibindo as covinhas.

“Obrigada, Jack.” Mas a cabeça dele já estava de volta no jogo. Esporte era uma coisa muito séria para Jack.

“Preparados?”

Assentimos, pulando de um pé para o outro e arfando de forma extravagante. Só Rich e Cass estavam levando o jogo a sério. Jack lançou a bola novamente.

“MINHA!”, Ash gritou, e bateu a mil por hora para o outro lado.

Mas Ollie estava atento.

“AAAGGGGHHHH!” Ele deu uma manchete e a bola subiu pelo ar em espiral, parecendo pairar no ar por um segundo, como o coioite antes de cair do penhasco, depois voltou e aterrissou a um milímetro da nossa quadra. Ele olhou para nós, com um sorriso torto no rosto. “Droga. Quais eram as chances disso acontecer?” Caímos na gargalhada, mas Cass, é claro, não achou graça. Ollie a envolveu com o braço. “Desculpe. Faço melhor na próxima.” Ela franziu o rosto, brincando. Era impossível ficar irritado com Ollie por muito tempo.

O jogo continuou. Ganhamos, mas por pouco. Rich foi um bom vencedor, afagando as costas de Cass e dizendo que tinha sido por pouco e tinha sido uma questão de sorte, o que era verdade. Foi ótimo. Alegre, tempestuoso e divertido. Como se só estivesse esperando o fim do jogo, a temperatura caiu e o céu começou a escurecer enquanto voltávamos ao albergue para almoçar. Tinha sido uma manhã perfeita.

Após um almoço de sanduíches molengas e batatas chips baratas, todos decidiram que estavam loucos para jogar nas máquinas de caça-níqueis com

vista para o mar. Desnecessário dizer que não foi sugestão minha nem de Cass, apesar de ela ter parecido bastante animada. Eu não conseguia pensar em nada mais deprimente, então fiquei para trás, sentada na sala do albergue, tomando chá e lendo revistas na frente da lareira. No último instante Ash decidiu não ir e fez uma piadinha sobre preferir nadar. Então o resto foi rasgar dinheiro, enquanto eu fiquei com uma edição velha de uma revista feminina e Ash, pronta para me perturbar. Eu podia sentir sua presença na cadeira. Sabia que ela queria alguma coisa antes mesmo que abrisse a boca.

“Sarah?”

Suspirei.

“Oi?”

“Posso pedir um favor muuuuuuito grande?”

Outro suspiro, ainda maior.

“O quê?”

“Vem nadar comigo? No mar?”

Fiquei boquiaberta. Era sério?

“Não, maluca, surpreendentemente, não vou.” Fiz questão de me voltar novamente para a revista.

“Ah, vamos, por favor”, Ashley pediu. “Não seja covarde. Vai ser incrível.”

Balancei a cabeça.

“Nem pensar. Não vou nadar no mar no fim de outubro. Nem trouxe biquíni.”

“Então só vem comigo. Por favor.” Ela me olhou suplicante.

Larguei a revista.

“Droga.”

Ela bateu palmas.

“Oba! Obrigada, amiga.”

Limpei a garganta, peguei um casaco e saí com Ashley pela porta da frente.

“Por que você quer fazer uma coisa dessas?”, perguntei quando íamos aos tropeços na direção da praia. “Está um gelo. E moramos em Brighton, pelo amor de Deus. Lá não tem mar o suficiente para você?”

Ash deu de ombros alegremente. Ela estava saltitando ao meu lado como uma criancinha.

“Sempre quis fazer isso. Quando era pequena, vi na televisão sobre essas pessoas que nadam em temperaturas árticas e, não sei, pareceu incrível... Como...” — ela parou, procurando as palavras certas — “como se estivessem vencendo a natureza. E Brighton não é especial o bastante para isso.”

Coloquei as mãos nos bolsos, contrariada.

“Não é vencer a natureza... é só loucura. E por que você quer que eu esteja lá?”

Ash entrelaçou o braço no meu.

“Não sei. Talvez para que alguém presencie. Vamos, Sarah, essa é uma das dez coisas que tenho que fazer antes de morrer. Fique feliz por mim.”

Eu me virei para ela, surpresa.

“Você tem uma lista?” Ash fez que sim com a cabeça. “O que mais tem nela?”

Sem parar para pensar, ela começou: “Dar a volta ao mundo, tocar no festival de Glastonbury, escrever um livro, transar com uma menina, casar, ter filhos, tomar anestesia geral, pilotar um avião, aprender a cozinhar”.

Pensei por um instante. Transar com uma menina? Interessante. Anestesia geral? Estranho, mas dava para entender mais ou menos. Esfreguei o olho.

“Você quer casar e ter filhos?”

Ash riu.

“Sabia que você ia se surpreender com isso.” Ela tinha uma expressão leve no rosto, mas sua boca estava tensa. Então não era brincadeira. Mudei o semblante.

“Não tenho culpa de querer o que quero”, ela disse. Caminhamos em silêncio por alguns segundos. “É como...”, Ashley começou a dizer, então parou. “Você acredita em Deus?”

Dei de ombros.

“Não sei. Acho que sim.”

“Bem, já pensei muito no assunto”, ela disse. “Seria muito legal acreditar no Paraíso e tudo mais, mas não acredito. Não consigo... É o mesmo com casamento e filhos. Preferia não querer, mas quero.”

Sorri para ela.

“Nossa senhora, você realmente pensou sobre isso.”

Ela ergueu uma sobrancelha.

“Nossa senhora?”

“Não enche.”

Ash riu e continuou saltitando alegremente, enquanto eu me arrastava ao lado dela e pensava no que colocaria na minha lista. Pelo menos já sabia qual seria o item principal dela.

“E agora?”, perguntei, enquanto andávamos pela praia. A chuva da hora do almoço tinha deixado a areia pesada e escura, e o mar estava cinza e agitado. Nada convidativo. Ash estava tirando a calça jeans e puxando o casaco por cima da cabeça, revelando o maiô preto que usava embaixo. Ela deu alguns saltinhos.

“Você pode ficar aqui se maravilhando enquanto enfrento as ondas.” Ela tremeu, rindo vertiginosamente. Sua alegria era contagiante. Meu estômago se contraiu, como quando eu esperava a nota de uma prova.

“Vá em frente, então”, eu disse, rindo. “Nade como o vento!”

“UHHHHHHUUUUUU!” Ash jogou os braços para o ar e correu para as ondas, o eco de seu grito reverberando pelas correntes de ar. Ela nadou forte por alguns metros, em seguida virou e acenou. Retribuí o aceno,

depois coloquei o casaco na areia molhada e sentei, colocando o casaco de Ashley no ombro para me aquecer. Havia alguns surfistas na água, mas não vi nenhum barco. Estremeci. Não conseguia pensar em nada pior do que me prender a uma prancha de surfe e me jogar nas ondas geladas, apesar de ter sido mais ou menos isso que Ashley fez — sem a prancha.

Ela aparecia e desaparecia em uma linha paralela à costa. Era difícil identificá-la. A visibilidade estava péssima. O horizonte parecia muito próximo, e o céu e o mar se fundiam em uma espécie de neblina. Tirei o elástico do cabelo e tentei alisar os cachos que o vento tinha emaranhado. Depois coloquei o elástico de volta, o mais apertado possível. Meu olhar vagou pela costa. Levei alguns segundos para ver Ashley de novo. Ela estava nadando de costas. Dava para ver os braços dela se movimentando. Então ela parou.

Levantei e fui até a beira da água. Será que estava olhando para mim? Acenei, mas ela não respondeu. Por que tinha parado de nadar? Cerrando os olhos, tentei entender o que Ashley estava fazendo. Vi seu rosto, pequeno e pálido sobre a água, desaparecer em seguida sob a superfície. Alguma coisa no ângulo da cabeça me deixou nervosa, como se ela estivesse lutando para manter a boca e o nariz acima da água. De repente um poema que lemos na aula de inglês invadiu minha mente. Era sobre um nadador acenando para espectadores na praia. Só que ele não estava acenando.

Devo ter pensado em alguma coisa — tomado uma decisão —, mas não consigo lembrar direito. Só recordo que instintivamente arranquei o casaco, fui até o mar e mergulhei. O choque da água gelada me fez engasgar, mas não parei de pensar em algo que tinha lido uma vez: uma pessoa, em média, se afoga em menos de um minuto.

Parecia surreal estar no mar, vestida, com o nariz preenchido pelo mesmo cheiro salgado e de alga que senti em todas as férias que passei à beira-mar. Era um pesadelo. Quase como se eu estivesse olhando a mim mesma de fora, apesar de o frio e as ondas serem suficientemente reais. A corrente

puxava minhas pernas com força, meus jeans ensopados pesavam. A sensação era a de que eu carregava sacos de areia comigo — minhas pernas pareciam não estar colaborando, e, de fato, depois disso, meus braços passaram dias doendo —, mas o medo me impulsionava. Ao me aproximar, vi os olhos de Ashley arregalados e vazios, e a boca contorcida de dor enquanto lutava contra algo sob a superfície ao mesmo tempo em que tentava manter a boca acima da água. Cada vez que a água subia, ela engolia um monte e vomitava. Repetindo para mim mesma que eu não podia entrar em pânico, apesar de haver tubarões em Devon, nadei até ela. As ondas eram fortes, porém não mais do que eu. Ash não tinha me visto, e nos poucos segundos que levei para alcançá-la, com as ondas me puxando ligeiramente para trás a cada avanço, eu a vi desistindo. Ash fechou os olhos e eu gritei, mas ela já estava afundando. Eu me joguei para a frente e a agarrei pelo ombro. Por algum milagre segurei a alça do maiô dela. Puxei para cima o suficiente para conseguir colocar a mão por baixo da axila dela, e então trouxe sua cabeça de volta à superfície.

“Ashley!”, gritei, mal reconhecendo minha própria voz. “Abra os olhos.” Ela fez o que mandei e me encarou entorpecidamente. Parei e rezei em agradecimento por Ash ainda estar lutando. Precisei de toda a minha força para segurá-la. “Tudo bem. Você está bem”, gritei. “Só fique de costas. Eu cuido do resto.” Ela me ignorou, fechando os olhos novamente. “NÃO!” Tentei sacudi-la, mas a água me impediu. Foi como um pesadelo. “Ash, por favor, ME OBEDEÇA”, implorei, choramingando de frustração e medo. Nadei atrás dela e tentei puxar seu corpo de volta para cima da água. Ash continuou não respondendo, então rapidamente tirei uma mão que estava apoiando os ombros dela e puxei seu cabelo, com força. Sua cabeça balançou, e ela finalmente entendeu o recado, inclinando-a para trás, de modo que o resto do corpo seguiu.

Comecei a nadar de volta para a costa, segurando-a com uma mão e nadando com a outra, invocando lembranças de quando eu tinha dez anos

de idade e tive que nadar de pijama para ganhar uma medalha de salva-vidas. Pensei que deveria falar com ela e dizer que estava tudo bem, mas não tinha forças para isso. E, de qualquer forma, ela estava exausta demais para fazer qualquer coisa além de obedecer. Murmurei as mesmas palavras a cada braçada, como um mantra para me levar para a praia. Menos de um minuto. Menos de um minuto. Parte de mim notou que Ashley estava mais pesada e respondia menos, mas no momento parecia quase irrelevante. Menos de um minuto. Menos de um minuto. Menos de um minuto. Menos de...

“Sarah, estou indo!” Era a voz de Jack. Olhei em volta. A praia estava mais próxima do que eu imaginava. Abaixei a perna para testar, pronta para reunir força o suficiente para levantá-la outra vez se ainda estivesse fundo demais. Quase chorei quando meu pé tocou a areia. Jack se juntou a mim em poucos segundos. Grunhindo com o esforço, ele levantou Ashley para fora da água e caminhou para a praia. A cabeça dela pendeu, e as mãos estavam soltas nas laterais do corpo. Jack caiu de joelhos na beira da água e colocou Ash sobre a areia, levando um segundo para esticar seus braços e suas pernas, de modo que ela ficasse bem esticada. Assistia tudo isso muda de pavor.

“Pegue meu casaco. E tire essas roupas molhadas.” A voz dele estava firme. Eu meio me arrastei, meio corri pela areia molhada até o casaco, e o joguei para Jack. Ele pegou o telefone do bolso e o entregou para mim. “Chame a ambulância.” Em seguida esfregou Ashley com o casaco antes de cobri-la da cintura para baixo. Eu tremia tanto que derrubei o telefone. Praguejando, peguei-o do chão, fechei os olhos e me concentrei em inspirar e expirar ao apertar o botão de chamada de emergência. Quando abri os olhos Jack estava curvado sobre Ash, fazendo respiração boca a boca.

“Uma ambulância está a caminho. Ficarei na linha”, disse o atendente. Quase me acalmei. Pelo menos por enquanto estava tudo sob controle.

“Ele está tentando reanimar Ashley”, eu disse, respondendo à pergunta do atendente. “Ele é treinado. É salva-vidas.” Meu peito tremeu de pesar,

medo e orgulho enquanto observava Jack, que tinha gotas de suor se espalhando pelas costas enquanto respirava por nossa amiga, forçando-a a continuar viva.

O atendente disse alguma coisa.

“Pediram para dizer que você está fazendo um ótimo trabalho”, eu disse para Jack. Ele assentiu. Estava checando o pulso de Ashley outra vez.

Fiquei tonta, mas conseguia ouvir as ondas quebrando na costa, a respiração de Jack e as ocasionais palavras do atendente do outro lado da linha.

E então Ashley engasgou e abriu os olhos, e Jack se animou. Ele a virou de lado e ela vomitou, chorando enquanto seu corpo se esforçava para se livrar da água do mar e só Deus sabe o que mais. A tosse era áspera e horrível, mas ela estava respirando.

Quando teve a certeza de que não viria mais nada, Jack a colocou cuidadosamente na posição de recuperação. Em seguida ele se sentou, baixou o queixo e chorou.

Encerrei a ligação de emergência. Segundo o telefone de Jack, a chamada tinha durado exatamente dois minutos.

Quando a ambulância chegou, percebi pela primeira vez que estava tremendo descontroladamente.

Não me lembro muito do que aconteceu imediatamente depois disso. Eu e Ashley fomos levadas para o hospital. Eu estava com uma leve hipotermia, e Ashley estava com... bem, com tudo o que um afogamento causa. Jack tinha ficado para encontrar os outros. Cass me contou depois que ele se debulhou em lágrimas assim que começou a contar o que tinha acontecido, e que por alguns segundos de tortura eles acharam que uma de nós tinha morrido.

Quando acordei, não tive aquela sensação de *Onde estou?* de que tanto se fala. Soube instantaneamente que estava no hospital. Onde mais estaria? Mesmo assim pareceu que eu tinha acordado em outra dimensão, onde era noite, mas não era noite. As pessoas nos outros cinco leitos do quarto pareciam estar dormindo, mas o local estava banhado por uma espécie de meia-luz, e ruídos estranhos e desencarnados pontuavam o silêncio — uma espécie de chiado e alguns apitos, com ganidos ocasionais de sapatos sobre o chão brilhante de plástico.

“Ah, você acordou.” Uma enfermeira conferia uma prancheta que ficava ao pé da minha cama. Ela foi até o meu lado e pegou meu pulso para checar os batimentos. Tinha a mão fria e seca. Eu não queria que ela me soltasse.

“Que horas são?”, perguntei, mas soou como um sussurro rouco. Limpei a garganta e tentei novamente.

“Mais de três da manhã.” Ela colocou um aparelho de medir pressão no meu braço e apertou um botão no monitor. O aparelho inflou, apertando meu braço. A enfermeira anotou a leitura. “Sua pressão está dez por seis.” Dirigiu-me um sorriso breve, porém caloroso. “Isso é bom. Como está se sentindo?”

“Hum... Bem, acho”, eu disse, fazendo uma verificação mental. “Só muito cansada.”

A enfermeira tirou o aparelho do meu braço e assentiu.

“Volte a dormir. Seus pais estão aqui, vocês podem se ver de manhã.”

Mamãe e papai? Tentei sentar, mas a enfermeira tocou meu ombro.

“Agora não. Volte a dormir. Eles estarão aqui quando acordar.” Caí de novo sobre os lençóis. O sono me invadia desde os dedos dos pés, como água morna. Cerrei os punhos. Não era a melhor das analogias.

“Onde está minha amiga?”, resmunguei.

“Olhe para a direita.”

Virei a cabeça o suficiente para ver que Ashley estava na cama ao lado, os cabelos escuros espalhados no travesseiro, o cobertor subindo e descendo

enquanto ela dormia.

“Obrigada”, eu disse, cansada demais para mover os lábios.

A enfermeira afagou meus ombros.

“De nada.”

Acordei com a luz do sol e o barulho. Abrindo minimamente os olhos, tentei olhar em volta sem que ninguém notasse. Parecia que eu estava dormindo em uma vitrine. As pessoas passavam por ali, e eu ouvia o tilintar de talheres. Hora do café. Minha barriga roncou e eu ouvi uma risada suave. Mamãe! Virando na direção do som, vi os joelhos dela perto do meu travesseiro. Aconcheguei-me junto a eles e ela colocou a mão na minha cabeça.

“Oi, mãe.” Fiquei feliz por estar com o rosto escondido. Não confiava em mim mesma o suficiente para não chorar, o que, dadas as circunstâncias, teria parecido melodramático demais.

“Oi, querida.” A voz de mamãe falhou e abracei seus joelhos com mais força.

Me mexi para que ela pudesse ver meu rosto.

“Há quanto tempo está sentada aí?”

“Bem, o horário de visita começou às oito.” Ela olhou para o relógio. “E são oito e quarenta e dois agora.”

“Contaram o que aconteceu?” Uma imagem de Ashley afundando invadiu minha mente. Engoli em seco e estiquei as pernas, flexionando os dedos contra o algodão rijo do lençol. Mamãe não respondeu. Quando olhei, ela estava chorando, com a mão na boca. Meu pai estava com o braço em volta dela — eu não o tinha notado até então —, e os olhos dele estavam cheios de lágrimas. Senti um aperto no peito. Ver meu pai chorando era como ver o mundo de pernas para o ar. Como quando ele bateu o carro na traseira do carro da frente e o outro motorista começou a gritar com ele. Ver meu pai

levar uma bronca significava a mesma coisa que vê-lo chorar. Era errado. Torci o lençol. “Desculpe, pai.”

Mamãe riu, sua boca oscilando entre rir e chorar. Eu conhecia a sensação.

“Ah, Sarah, não se desculpe. Estamos tão... tão orgulhosos de você.”

Meu pai pegou minha mão.

“Só estávamos pensando no que poderia ter acontecido.”

Mantive os olhos no lençol, pressionando-o entre os dedos.

“Não pensem”, eu disse baixinho.

“Eu sei, Suz, você tem razão.” (Meu pai me chama de Suz. Não me perguntem por quê.) “Só nos dê um minuto para assimilar. Ficaremos bem.”

Mordi o lábio. Eles haviam tido a noite inteira para assimilar, mas tudo bem.

“Onde está Dan?”, perguntei, para ter o que dizer enquanto meus pais curtiam o momento.

“Ficou na casa de Oscar. Viemos com a mãe de Ashley.”

A estranheza de ter meus pais e a mãe de Ashley no mesmo carro temporariamente encobriu a percepção de que eu nem tinha pensado na minha amiga. Virei, tossindo ao engasgar com minha ansiedade. Ela estava apoiada nos travesseiros, comendo cereal. Tinha uma aparência cinza e cansada, mas, fora isso, parecia bem, considerando a situação.

“Olá, salva-vidas”, ela disse, sem levantar os olhos do café da manhã. “Que bom ver você aqui.”

Sorri. Nunca tinha ficado tão feliz ao ver alguém derramando leite e cereal no queixo.

“Como você está?”

Ela sorriu.

“Ah, bem.” Ashley olhou para mim e riu, mas em seguida soluçou e seus olhos se encheram de lágrimas. Levantei num pulo, peguei o pote de cereal e coloquei na mesa de cabeceira, depois deitei na cama ao lado dela.

Cobrindo nós duas com o lençol, eu disse: “Espero que esteja usando calcinha”.

Ash tirou as lágrimas dos olhos com os dedos.

“Por quê? Caso eu decida riscar sexo lésbico da minha lista?”

“Exatamente. Posso ser uma boa amiga a ponto de ver você quase se afogando, mas tenho que traçar o limite em qualquer atividade sexual.”

Ashley fechou a mão em torno da minha. Alguma coisa havia mudado. O equilíbrio entre nós duas estava alterado. Eu ainda não sabia se era uma coisa boa.

“Então”, eu disse. “Onde está sua mãe?”

“Foi à loja. Ela estava me dando dor de cabeça.”

“Sabia que ela pegou carona com meus pais?” Olhei para eles, do outro lado. Continuavam ali, olhando para nós com um sorriso no rosto. Já não estavam mais tão estranhos. Dirigi um rápido sorriso a eles e me virei novamente para Ashley. Ela arregalou os olhos, mas falou baixo.

“Sabia. Aparentemente seus pais são ‘um casal adorável’.” Ela desenhou aspas no ar, o que me pareceu desnecessário. Eles *são* um casal adorável. “Imagino que tenham achado minha mãe uma anoréxica bronzada”, ela disse sussurrando, para que eles não ouvissem.

“Quê? Não!”, protestei. Mas, para falar a verdade, eles provavelmente tinham achado isso. Não eram adeptos do bronzamento artificial e das unhas postiças.

Ashley deu de ombros.

“Teriam razão em achar.”

Eu me mexi na cama. Não tinha imaginado uma conversa assim. Eu estava esperando um agradecimento cheio de choro, um reconhecimento profundo da mãe dela — talvez até um repórter querendo ouvir minha história. Uma Ashley temperamental não estava no programa.

Olhei para ela. Queria perguntar qual era a sensação de achar que ia morrer, se tivera alguma visão mortal, se tinha lembranças de ter sido

resgatada, recebido boca a boca, mas não podia. Do mesmo jeito que você vê uma pessoa sem cabelo e com um lenço na cabeça e não vai até ela perguntar: “E então, como é ter câncer?”. Quer dizer, eu não tinha certeza se seria falta de sensibilidade tocar no assunto.

Então no fim me contentei com o chato porém seguro: “Como está se sentindo?”.

Ela sorriu.

“Uma merda... Mas, você sabe” — ela fez um gesto preguiçoso de jazz — “viva.”

Mais tarde no mesmo dia, os outros foram nos visitar. Ashley passou quase toda a manhã dormindo enquanto eu cochilava e folheava revistas. Mamãe e papai foram procurar um hotel para dormir um pouco, apesar de as enfermeiras acharem que eu seria liberada naquele mesmo dia. Fiquei me sentindo estranhamente arrasada quando eles saíram, mas estava exausta demais para me preocupar.

Quando Cass, Donna, Rich, Ollie e Jack chegaram, encontraram nós duas sentadas na cama, comendo um macarrão com molho de tomate surpreendentemente aceitável que tinham servido no almoço. Eles formaram um círculo em volta das nossas camas, o que foi um pouco estranho, mas visitas no hospital devem ser assim mesmo. Ash ergueu rapidamente uma sobrancelha para mim quando entraram, querendo dizer: “Hummm, como será que vai ser?”. Eu sabia como ela estava se sentindo. Todos pareceram um pouco nervosos inicialmente, e nos abraçamos alternadamente.

Rich, um anjo, lacrimejou um pouco, e até Donna, que passou horas abraçando Ashley, estava com os olhos um pouco molhados quando a soltou.

“Você faz qualquer coisa para chamar a atenção”, ela disse, limpando rapidamente as lágrimas com a parte de trás da mão.

Ash riu, cansada.

“Pois é. Da próxima vez acho que vou caminhar pela estrada.”

Então Donna se jogou em cima de mim.

“E graças a Deus que você estava lá!” Retribuí o abraço, enrubescendo, mas adorando. Quem não adoraria?

“Você foi incrível”, disse Cass, sorrindo para mim. “Estamos muito orgulhosos.”

“E Jack...”, eu disse, esticando a mão para pegar a dele. “Ele é o verdadeiro salvador.”

“Não seja tola”, ele disse, discretamente. “Você fez tanto quanto eu.”

Rich passou o braço nos ombros do amigo.

“Você é um herói, cara. Os dois são.” Sorri e mordi o lábio; Jack apenas sorriu e olhou para baixo.

“Então”, disse Cass, colocando uma caixa de chocolates Celebrations na cama. “Compramos para vocês. Queríamos comprar Heroes, mas Donna vetou.”

“Vetei mesmo”, ela confirmou. “Óbvio demais.”

“Qualquer chocolate me agrada”, eu disse, abrindo a caixa e colocando um monte na cama. “Podem pegar.”

“Hum... Eles são para Ashley também”, disse Cass.

Enrubesci.

“Claro. Você não se importa de dividir, né?”

Ashley deu de ombros, mas não quis comer.

Cass pegou um e sentou na beira da cama de Ash.

“Então, como você está, se não for uma pergunta idiota?”

Ash se sentou um pouco mais ereta e ajeitou os lençóis sobre as coxas.

“Acho que estou bem, considerando que quase morri e tudo mais... Parece que nem todo o sono do mundo basta, mas fora isso... estou bem.”

Os olhos de Cass desviaram para os outros, e Donna e Rich acenaram encorajadoramente com as cabeças.

“Você quer contar o que aconteceu?”, ela acrescentou, com gentileza. Entendi na hora. Eles deviam ter discutido antes se haveria problema em perguntar ou não. Não os culpei. Afinal de contas, eu mesma não consegui perguntar, e tinha estado lá.

“Não há muito o que contar, para falar a verdade”, disse Ashley. “Tive cãibra. Nunca tive antes, então me desesperei um pouco. Foi como se alguma coisa estivesse me atacando.” Ela sacudiu a cabeça ao lembrar. “Pensei que... fosse o fim.” Arregalou os olhos e balançou os dedos ironicamente, mas seus olhos pareciam assustados. Pobrezinha, ela realmente tinha passado por uma experiência aterrorizante. Não podia imaginar qual deveria ser a sensação de acreditar que se está morrendo.

“Ainda bem que você estava lá”, disse Cass, esticando a mão e passando na minha perna.

Dei de ombros.

“No lugar certo na hora certa. Nem pensei. Só fui para a água.” Conteí a história toda. Foi bom verbalizar. Não exagerei nem um pouco, mas vi Donna lançar um olhar a Rich, como se eu estivesse adorando. Não me importei. Provavelmente ela só estava com ciúme. Adorava ser o centro das atenções.

Olhei para Ollie, que não tinha dito uma palavra.

“Tudo bem?”

Ele piscou e limpou a garganta.

“Tudo. Só estou feliz porque vocês estão bem.” Ele arriscou um sorriso emocionado. Ah, que manteiga derretida. Quem poderia imaginar que Ollie ia se emocionar?

“E você, Jack?”, eu disse. “Como apareceu bem na hora? Repassei a cena na minha cabeça mil vezes, mas não consegui entender.”

Ele encolheu os ombros, com as mãos nos bolsos da calça jeans.

“Eu estava procurando meu cachecol. Tinha esquecido na praia quando jogamos vôlei. Aí reconheci sua bolsa e o casaco de Ashley...” Ele deixou a frase solta no ar.

“Ah, ceeeerto”, eu disse. “Meu Deus, fiquei pensando que você fosse vidente ou coisa do tipo. Ainda bem que você tinha esquecido o cachecol... Posso ter tirado Ashley da água, mas não saberia fazer respiração boca a boca e tudo mais.” Eu provavelmente tivera que fazer isso para ganhar a medalha de salva-vidas anos antes, mas não conseguia me lembrar de nada.

Jack deu de ombros.

“Nós dois fizemos o que tinha que ser feito.” Ele parecia desconfortável de verdade, como se preferisse que não insistíssemos no assunto. Sinceramente, eu poderia ter passado o dia falando naquilo. Talvez não tenha representado tanto para Jack porque ele sempre fora esportista — ele adorava o desgaste físico e se vestia de salva-vidas sempre que ia trabalhar na piscina —, mas aquela talvez fosse a única coisa incrível que eu faria em toda a minha vida. Então poderia muito bem aproveitar o momento.

Ficamos em um silêncio desconfortável por um instante, e uma enfermeira apareceu para contar que o médico estava vindo nos ver. Era a deixa para o pessoal sair.

“Voltaremos amanhã”, disse Cass. “Cuidem-se.”

“Aqui, não temos como fazer diferente”, disse Ashley. “Mas obrigada. Todos vocês.”

Mais uma rápida rodada de abraços e eles se foram, deixando a ala parecendo quieta e vazia. Fiquei imaginando para onde iriam. O albergue e a praia pareciam pertencer a um universo paralelo desde que eu tinha ido para o hospital.

Comecei a dizer isso para Ashley, mas ela já estava com os olhos fechados outra vez. Fiquei preocupada em vê-la assim. Obviamente estaria no tratamento intensivo se os médicos achassem que havia algum problema, mas mesmo assim... E se a água tivesse provocado algum dano nos pulmões

que ninguém tivesse percebido? Enquanto esperava a consulta, observei o peito dela subir e descer, e tentei não pensar no que poderia ter acontecido — ou no que poderia acontecer.



Oi Joe. Voltando mais cedo de Devon.
Estava no hospital. Longa história.
Mas tudo bem. Louca p/ te ver. Bjs.

Que aconteceu? Bj.

Ash quase se afogou e eu a resgatei.
Tive hipotermia, mas estou bem. Bjs.

Vc tem talentos infinitos ;)
Que bom que está bem. Bj.

Tb acho! Até quinta.
Ansiosa pra te ver.
Três pontinhos! Bjs : P

Atualização de status no Facebook

Sarah Millar: acha que nadar no inverno não é lá essas coisas.

Comentários:

Cass Henderson: Concordo! Que bom que você está bem, heroína! Bjs!

Oi Sarah. Já chegou?
Devon não é a mesma
coisa sem vc! Bjs.

Obrigada, Cass. No carro com Ash
e a mãe dela. Ash dormindo.
Acho que está exausta. Bjs.

Aposto que sim. Estava mto quieta
no hospital, mas td bem. Ela tem sorte
de ter vc e Jack. Bjs.

Hum... Não sei se ela concorda! Bjs.

Como assim? O que ela disse? Bj.

Nada! Nem agradeceu.
Não esperava mto, mas
alguma coisa seria bom! Bj.

Estranho. Não se preocupe. Deve estar em choque. Dê um
tempo a ela. Bjs.

Eu sei. Tem razão.

O que estão fazendo? Bjs.

Donna e Rich voltaram pra cama de ressaca. Ollie, Jack e eu estamos tomando chá! Bjs.

NÃO! Que inveja. Não acredito que estou perdendo os bolinhos! Voltam depois de amanhã? Bj.

Isso. Ligo quando chegar.
Cuide-se. E divirta-se com Joel!!! Bjsss.

Vou me divertir muito!
Mal posso esperar.
Curtam o resto das férias. *snif* Bjs.

Rsss. Bjs.

Oi Sarita como está?
E os planos de dominar o mundo??

Rá. Mto engraçado, Ollie.
Estou pensando em usar a calcinha em cima da calça, tipo super-herói.
Estiloso, não?

Não.

Rs. *tapa na cabeça de Ollie*

Chorando como uma menininha

Que sirva de lição.
Espero que aproveite Devon
apesar do vazio que deixei.

Está uma maravilha.
Estou comendo BOLINHOS
agora mesmo. SÓ DIGO ISSO.

Tudo bem não precisa jogar na cara.
Vou dormir agora mas não pq
vc é chato. De jeito nenhum. *ronco*

Ah, estou arrasado. Até mais. Bj.

Até mais. Bj

Oi, Jack, como vai?
Ainda se sente estranho??
Estou muito estranha. Parece irreal. Bj.

Oi, Sarah. Eu sei.
Muito estranho e irreal.
Tento não pensar nisso!
É estranho aqui sem vc e Ash.
Ela está bem? Bj.
Sim. Está dormindo no carro agora. Se cuida. Nos vemos na
escola. Bj.

Até lá. Divirta-se com Joe. Bj.



EM VINTE E QUATRO HORAS estávamos de volta a Brighton. Devon tinha ficado a quilômetros de distância em todos os sentidos. Parecia que aquilo tudo tinha acontecido com outras pessoas.

A viagem de volta tinha sido silenciosa. Passei o caminho mandando mensagens e pensando em Joe, imaginando como seria vê-lo novamente. Só faltavam mais dois dias. Mal podia esperar. Sério, eu literalmente não podia esperar. As quarenta e oito horas seguintes pareciam ter um potencial sinistro. E se eu fosse atropelada por um ônibus antes de conseguir vê-lo? Minha vida inteira estava concentrada no momento em que entraria no trem para Londres.

Em Brighton deixamos Ashley e a mãe em casa, pegamos Daniel no amigo dele, depois voltamos para a nossa casa, que estava quieta e fria. Dan ficou me encarando como se eu fosse um ET. Mamãe preparou torrada com queijo e me fez comer em uma bandeja, como se eu estivesse doente. Eu me sentia bem, apesar do cansaço. Acabei a torrada e dormi de novo.

Acordei nove horas depois com uma chuva torrencial e com dor de cabeça por ter dormido demais. Eu não conseguia parar de pensar no hospital. Quase me senti nostálgica da rotina de refeições regulares e de mim e Ash na nossa pequena bolha. Tentei não pensar naquilo que tinha nos

levado até lá, apesar de “Salvei uma vida” ficar aparecendo na minha mente como alguém passando em um ringue com uma placa na mão. Fazia meu estômago doer de medo e incredulidade, mas também de animação e orgulho.

Meu quarto se fechava em volta de mim. O médico no hospital tinha dito a mamãe e papai que eu precisava ir com calma, o que eles interpretaram como um passe livre para me manter na cama. Tudo no meu quarto era irritante. A colcha lilás, os livros nas prateleiras entre os apoios em forma de S, a colagem de fotos com meus amigos... Infantil e cotidiano. Até o cheiro do travesseiro era claustrofobicamente familiar. Estava com saudades da estranheza do hospital, de me sentir especial. Olhei para o teto e a apatia me cobriu como um cobertor de concreto. Meu celular estava sobre o peito, onde o derrubei quando não tinha mais nada para ver nele. E eu nem podia ter longas conversas com Joe — ou retomar de onde paramos no quesito telessexo —, considerando que ele estava em uma de suas péssimas fases em termos de contato. Suponho que não houvesse razão para me procurar: íamos nos encontrar no dia seguinte.

Amanhã! Acessando a agenda, cliquei no nome dele, em seguida encerrei a ligação quando minha mãe invadiu o quarto. Bem, não foi exatamente uma invasão, ela não é esse tipo de pessoa. Mas não adiantava nada bater se ela não esperava pela resposta. Colocou uma pilha de roupas na escrivaninha.

“Aqui estão suas roupas de Devon, todas lavadas.”

Maravilha.

“Obrigada.”

Minha mãe ficou parada um instante, com a mão no quadril, olhando para mim. Encarei de volta. Ela cruzou os braços.

“Como está se sentindo?”

“Ah, você sabe.” Suspirei e pus um sorriso duro no rosto. “Continuo ótima, mas estou enlouquecendo presa aqui.”

Mamãe sentou na beira da cama e passou a mão no meu cabelo. Tentei não me esquivar.

“Você passou por uma experiência traumática”, ela disse. “Seu corpo precisa de tempo para se recuperar.”

“Hum-hum.” Eu já tinha ouvido isso aproximadamente umas duzentas e quarenta e oito vezes.

“Só mais alguns dias de repouso, querida. Você pode ver televisão no nosso quarto se quiser.” Mamãe começou a abrir as gavetas e guardar minhas roupas.

“Obrigada, mas não tenho tolerância infinita para o confinamento...” Ela colocou cuidadosamente uma pilha de calcinhas dobradas com perfeição na minha gaveta. “Mãe, não precisa. Eu guardo...” Mas eu não teria guardado. Só olhar para ela fazendo aquilo já me deixava cansada. “Seja como for, já tenho quase dezoito anos”, reclamei, voltando para a questão da reclusão. “Acho que sei determinar se estou doente ou não.”

Ela começou a arrumar minha escrivaninha. Absolutamente irritante. Depois limpou meu abajur com um lenço úmido.

“É claro que não podemos te manter aqui, Sarah, mas você ainda não é adulta. Ainda sabemos o que é melhor para você, gostando ou não...” Ela ergueu a mão e falou por cima da minha reação indignada. “Pelo menos no tocante à sua saúde.”

Encolhi-me de volta na cama. Era obediente demais para meu próprio bem. Depois me sentei, tão depressa que fiquei tonta.

“Não posso passar mais dois dias na cama! Vou para Londres amanhã.”

Mamãe não parou a arrumação frenética.

“Desta vez não. As meninas vão entender.”

Comecei a chorar. Não pude evitar. Ela olhou para mim, surpresa, depois sentou na beira da minha cama.

“Querida, você passou por um choque horróroso. Não tem como não ficar emotiva.” Ela colocou a mão no meu rosto e eu estendi os braços para que pudesse me abraçar. Queria que me dissesse que ia ficar tudo bem.

“Não é o choque”, soluzei no ombro dela.

“O que é, então?”, perguntou mamãe, suavemente.

Fiquei em silêncio, inspirando aquele aroma familiar da minha mãe e imaginando a preocupação no rosto dela. Não adiantaria nada, eu não podia contar sobre Joe. Só de pensar em todas as perguntas que viriam depois que meus pais se acostumassem com a ideia, o entusiasmo de se considerarem liberais e as provocações inocentes... Eu morreria de vergonha.

“Só quero que tudo volte ao normal... que eu possa ficar com meus amigos. Está planejado há semanas.” Fiz um esforço tremendo para manter a voz calma — ficar histérica não ajudaria em nada —, mas só de pensar em não encontrar Joe... Eu estava prestes a chorar de pânico.

Mamãe se desvencilhou do nosso abraço e colocou uma expressão de praticidade no rosto.

“Não há motivo para ficar tão abalada. Basta reprogramar para o fim de semana.”

“Não dá”, eu disse. “Donna vai ficar com a mãe e Cass, com Adam.”

“Bem, sinto muito, querida. Terão que ir sem você desta vez.”

Respirei e alisei a calça do pijama. Mantendo a voz baixa, disse: “Eu estou bem. O hospital não teria me deixado vir até aqui se os médicos achassem que eu não estivesse. Não estamos planejando fazer nada que exija muito esforço. Vamos ficar na casa da prima de Donna, fazer compras e depois voltamos”.

“Você pretendia ficar lá?”, perguntou minha mãe, com a voz esganiçada.

“Eu já tinha dito isso”, respondi.

Ela foi até a porta, preparando-se para dar a última palavra.

“Sinto muito, Sarah, mas você não vai. Acredite em nós, é a coisa certa a fazer. Ou você perde um evento com os amigos ou perderá vários porque

não se recuperou adequadamente.” E saiu, fechando a porta com um clique suave para demonstrar como estava calma e no controle da situação.

Debulhei-me em lágrimas outra vez. Precisava ver Joe. Precisava. Não conseguia acreditar que aquela semana que tinha tanto potencial ia se transformar em um fracasso.

Após cinco minutos de muito choro, assoei o nariz e fiquei deitada em um mau humor exaurido, considerando minhas opções. Quase imediatamente pensei: *Que se dane*, e liguei para Joe. Estava me preparando para deixar um recado quando, incrivelmente, ele atendeu.

“Sarah.” A voz dele pronunciando meu nome era a coisa mais sexy que eu já tinha ouvido.

“Joe. Tudo bem?” Percebi que estava lambendo meu telefone involuntariamente, o que não só era estranho, como também era muito anti-higiênico. Parei, ainda que apenas para ele não ficar imaginando o que seria aquele ruído estranho.

“Tudo bem. Quinta está de pé?” Ele abaixou a voz. “Estou planejando manter você nua por quarenta e oito horas.”

Fechei os olhos de desejo e decepção. Possivelmente a combinação mais insatisfatória da história da humanidade.

“Sinto muito, Joe, não posso ir... Os médicos disseram que tenho que ficar na cama até sexta.” Silêncio do outro lado da linha. Mordi o lábio.

“Estou a caminho.”

Engoli em seco.

“Como?”

“Disse que vou até aí.” Pude ouvir o sorriso na voz dele. “Sem problemas.”

De zero a cem em dez segundos. Eu queria dançar à luz do sol, com meus cabelos brilhantes e cheirosos esvoaçando.

“Nossa, seria ótimo!”, eu disse entusiasmada, esquecendo todos os conselhos dos meus amigos sobre manter a calma.

“Legal. Mando uma mensagem do trem... Só uma coisa... Quão doente você está, Sarah-que-não-gosta-de-cerveja?”

Sorri.

“Não se preocupe. Um pouco de exercício deve ser exatamente do que preciso... Vou estar na cama, certo?”

“E no chão, na mesa, contra a parede...”

Depois que desliguei, fiquei deitada por um instante em uma síncope desenfreada de desejo. Mas a linda história de amor ao estilo *Romeu e Julieta* com que eu sonhava logo apresentou seu lado sombrio. O que eu ia falar para meus pais? Como explicaria que Joe ia me visitar? “Sim, Joe, da Espanha. Não mencionei que estamos juntos? Opa, devo ter esquecido. Ah, a propósito, ficaremos sozinhos no meu quarto trancado.” Eu bolava mil planos na minha cabeça, mas nenhum acabava bem. Enquanto ponderava sobre alguma forma de persuadir meus pais a saírem com Daniel à noite, mamãe apareceu na porta.

“Não vamos demorar, querida. Tem um pouco de espaguete à bolonhesa para você e Dan. É só esquentar no micro-ondas.”

Eu me sentei.

“Aonde vocês vão?”

Mamãe entrou no quarto. Estava com um casaco de lantejoulas e brilho labial.

“Ao teatro com Steph e Mark. Eu disse para você ontem à noite...” Ela franziu a testa. “Podemos cancelar se quiser.”

“Não! Não, não, não”, respondi apressadamente. “Agora lembrei. Divirtam-se!” Sorri alegremente.

Mamãe hesitou.

“Tem certeza?”

Assenti loucamente. Minha mãe parou por um instante, e meu coração parou junto, mas então ela acenou e desapareceu. Problema resolvido! Esperei até ouvir a porta da frente fechar e corri lá para baixo para encontrar Dan. Era ótimo poder usar minhas próprias pernas novamente. Ele estava jogando Xbox na sala, que era onde sempre ficava, a não ser quando ficava no computador.

“Tudo bem, Dan?”, perguntei. Ele me ignorou. Suprimi o impulso de estapeá-lo e fiz uma careta para a parte de trás da cabeça dele, cheia de caspa. Esse menino precisava de uma lição de higiene pessoal. A puberdade definitivamente estava começando a mostrar sua cara feia. Argh, só de pensar já quis vomitar. Decidi esperar e sentei ao lado dele no sofá. Após alguns minutos ocorreu uma explosão enorme na tela, e membros voaram por todos os lados. *Game over*. Ele olhou para mim.

“O que foi?”

Sorri.

“Nada. Só fiquei entediada sozinha lá em cima.”

Ele grunhiu.

“Mamãe e papai disseram que preciso dar um tempo para você superar seu trauma.”

“Eles disseram isso?” Sentei sobre minhas pernas.

Os segundos foram passando.

“Você teve medo... no mar?”, ele perguntou, de repente parecendo uma criancinha outra vez.

“Na hora não. Mas depois tive.”

Ele olhou para o controle nas mãos.

“Fico feliz que esteja bem.”

Sorri, surpresa. Chocada, até.

“Obrigada, Dan. Também estou feliz por estar bem...” Eu me mexi, para ficar de frente para ele. “Na verdade, preciso pedir um favor.”

Ele pareceu chocado.

“O quê?”

“Promete que não vai contar para mamãe e papai?” Foi o suficiente. Ele se concentrou por completo em mim.

“Prometo.”

“Dan, é muito importante. Vou confiar em você.” Olhei seriamente no olho dele, que franziu o rosto.

“Eu *já disse* que prometo.”

“Ótimo. É o seguinte...” Como se diz uma coisa dessas? “É que vai vir alguém aqui hoje à noite. E eu queria que você ficasse na sala enquanto ele estiver aqui.” Olhei para o controle na mão dele. “Compro um jogo novo de Xbox para você.”

“*Ele?* É seu namorado? Você quer que eu fique aqui para poder transar com ele no quarto, né?”

Pausei.

“É.”

Ele ligou o jogo outra vez.

“Tudo bem.”

Hum... Mais fácil do que eu tinha imaginado.

“Mas, se quer que eu fique quieto, são dois jogos novos.” Os olhos de Dan estavam fixos na tela.

“Combinamos um jogo.” Merdinha.

Ele deu de ombros.

“É pegar ou largar.”

Suspirei.

“Tudo bem. Mas, se você mostrar a cara quando Joe estiver aqui, conto para mamãe e papai que anda fumando.”

“Tudo bem, tudo bem, já disse que fico quieto.” Ele fez uma cara de nojo. “Nem quero ver esse cara. Ele deve ser muito feio ou muito louco — ou os dois — para querer transar com você.”

“Então tá. Babaca.”

“Vaca.”

“Ele vai chegar logo, então...”

“Já sei. Vou ficar aqui.” Dan fez uma careta, mas ignorei. Missão cumprida! Operação Romeu e Julieta iniciada!

Eu subia as escadas correndo para preparar um banho, pensando que Joe deveria estar no trem naquele momento, quando ele ligou.

“Oi, gostoso”, ronronei. (Bem, foi ele que começou, com todo aquele papo sobre nudez e mesas.)

“Desculpe, não vou poder ir.” Ele parecia arrasado. Mas não tanto quanto eu.

“Por que não?” Nem me incomodei em conter a decepção na voz.

“Me ligaram do trabalho. Alguém ficou doente e faltou, então precisam que eu vá... Não posso recusar.”

Parecia quase inevitável. Claro que não íamos nos encontrar. Nunca dava certo. E eu teria que encarar uma noite sozinha com meu irmão irritante. Será que podia piorar?



ARRASTEI-ME PARA A SALA para transmitir a Dan as boas-novas.

“Então fica só um jogo de Xbox”, ele disse, sem desgrudar os olhos da televisão.

“O quê? Nem pensar! Não vou comprar nenhum jogo para você.” Quase ri. Que audácia a dele!

Dan deu de ombros.

“Então digo para mamãe e papai que você recebeu um menino aqui.”

Cerrei os olhos.

“Eles não acreditariam.”

“Por que eu mentiria?”

Quando meu irmão caçula se tornou um babaca ardiloso? Fui para o sofá ao lado dele. Era o pior dia de todos os tempos.

“Diga o que quiser, eu não ligo”, disse, suspirando.

“E quem é esse Joe?”, perguntou Dan, pausando o jogo.

Exalei irritada.

“Um cara que eu conheci na Espanha.”

Dan fez uma careta.

“Aquele magrelo metido?” Assenti. “Você está transando com ele?” Dan riu. “Deve ser tipo Balu transando com Mogli.”

Contraí a boca, enojada.

“Em primeiro lugar, isso é doentio. Em segundo lugar, pare de dizer ‘transar’. E em terceiro lugar, eu não sou gorda...”

“Não muito.”

Ignorei-o. Algum dos amigos idiotas dele devia ter ensinado que chamar a irmã mais velha de gorda era um jeito ótimo de encher o saco dela. Bem, comigo não funcionaria. Eu já tinha inseguranças o suficiente. Dan teria que se esforçar mais. Esfreguei os olhos. Não podia acreditar que não encontraria Joe. DE NOVO.

“Ah, saudades do Joe?”, entoou Dan.

Dei um tapa nele.

“Cala a boca, babaca.”

“Ai! Vou contar para a mamãe.” Ele esfregou a cabeça.

“Diga o que quiser”, repeti. Que tristeza. Suspirei fundo. “Um dia você vai entender, se o improvável acontecer e você virar um cara atraente.”

“Já beijei três meninas, se você quer saber”, ele disse, bufando. “De língua. E uma delas deixou que eu pegasse no peito dela.”

Que nojo.

“Espero que ela tenha tomado um banho depois”, eu disse, exaurida. Isso não estava me ajudando a melhorar, mas qualquer coisa era melhor do que ficar me lamuriando no quarto. Eu não aguentava mais aquele lugar. Sentei em silêncio enquanto a musiquinha idiota e os barulhos de armas e explosões do jogo preenchiam o recinto. Então meu telefone tocou outra vez. Joe.

Levantei e saí dali. Dan estava tão concentrado em matar alemães que nem percebeu. Atendi.

“Oi.”

“Tive uma ideia. Por que você não vem no fim de semana? Vou trabalhar no sábado à noite, mas você pode se distrair por algumas horas, né?”

“Claro”, respondi rapidamente. A montanha-russa de emoções que era a minha vida de repente me levava lá para o alto outra vez. “Para mim é

melhor mesmo. Pego o trem no sábado de manhã, como da última vez.”

“Ótimo. Maravilha. Até lá então.”

“Até lá. Mando uma mensagem do trem.” Mas ele já tinha desligado.

Refleti por um instante sobre como meninos são péssimos ao telefone, mas meus pensamentos rapidamente se voltaram para o fim de semana. Dois dias de preparação significavam que haveria tempo para raspar as pernas e escolher com calma o que vestir — talvez eu até pudesse encomendar lingerie nova pela internet. Era até bom que Joe não tivesse ido me visitar. Não fora minha própria mãe que sugerira que eu fosse a Londres no fim de semana? Sorri para minha foto brega, de macacão, aos cinco anos de idade, que ficava na parede da escada havia séculos. Já era hora de a minha sorte mudar.



Reencontrar Joe foi tão incrível quanto eu tinha imaginado. Foi como se jamais tivéssemos nos separado. Ele não me encontrou na estação dessa vez. Eu pedi que não fosse. Não queria que me achasse uma menina provinciana que tinha medo de Londres. (Não que ele fosse do gueto. Era de algum lugar de que eu nunca tinha ouvido falar, mas, também, eu morava em Surrey. Não era exatamente uma selva urbana.) Peguei o metrô até a casa dele sem problemas, e aproximadamente noventa e quatro segundos após minha chegada já estávamos rolando nus no chão do quarto. Foi incrível: sexo suado, voraz e barulhento. Senti-me total e completamente livre. Como se tivesse me libertado de mim. Não era mais Sarah: virginal, feminista, ingênua e gentil. Eu era uma combinação de sentimentos, ruídos, pele sobre pele. Não me importava de estar com o rosto rubro e contorcido, porque Joe também estava. Tudo se resumia a nós dois. Meus

amigos, meus pais, meu irmão... eram uma parte da minha vida sobre a qual eu podia pensar de forma indulgente. Era bom tê-los, mas eles eram um bônus. Tudo se resumia a nós dois: eu e Joe.

Isso tudo passou pela minha cabeça enquanto estávamos deitados no chão do quarto de Joe, cobertos por uma colcha. Ele fez cócegas na minha testa com a ponta do dedo.

“No que está pensando?”

Não era minha pergunta favorita. Nunca dava uma resposta sincera, porque normalmente estava pensando em algo estúpido como “Será que minhas pernas ficariam parecendo pinos de boliche em calças harém?”, ou “E se meus sonhos forem a realidade, e a vida real for o sonho?”.

Suspirei contente e me aconcheguei nele.

“Em nada, na verdade... Só em como isso é legal.” O que era a versão mais resumida da verdade.

Ele beijou minha cabeça.

“Você é fofa.”

Fechei os olhos. Ia ficar tudo bem com a gente. Como poderia não ficar?

Quando acordei estava escuro lá fora, e eu estava toda dolorida por ter ficado no chão. Arrastei-me até a cama, levando a colcha comigo. Parecia o lugar mais caloroso e aconchegante do mundo. Ouvi a descarga e Joe voltou para o quarto, vestido, com o cabelo molhado do banho. Ele se sentou na beira da cama e pegou minha mão. Ver a expressão no rosto dele me deu um frio no estômago.

“Desculpe, mas meu chefe me pediu para trabalhar o dia todo amanhã, e hoje à noite.” Ele apertou meus dedos. “Você sabe que não posso recusar.”

Sorri corajosamente. Não queria ser muito pegajosa.

“Tudo bem. Espero você voltar hoje à noite e vou embora amanhã quando sair para trabalhar.”

Ele passou a mão no meu pescoço e no meu peito.

“Para falar a verdade, seria melhor se você fosse hoje. Só volto bem depois da meia-noite e vou querer dormir.” Ele passou a mão por baixo da colcha para apertar meu peito e diminuiu a voz. “Você é má influência para mim.”

Eu sabia quando estava sendo consolada, mas não tinha raiva. Só me sentia triste. A lembrança da expressão de Mimi na festa surgiu como uma espécie de aviso para que eu mantivesse a calma. Talvez fosse assim que funcionassem algumas relações. A de Cass e Adam não era assim, mas quem queria ser como eles?

Passei a mão sob a cintura do jeans de Joe e beijei o ombro dele.

“Talvez mais uma antes de você sair?”

Ele afastou meu braço e se levantou, quase irritado.

“Tenho que ir.” Ele beijou minha cabeça. “Eu ligo, tá? Pode sair com calma. Tem pão para fazer torrada, acho.”

“Tá. Então tchau”, eu disse desolada para as costas dele, que já estava se retirando. Nem tive a chance de confrontá-lo sobre por que tinha revelado nossos segredos para Mimi, o que eu realmente pretendia ter feito. Fiquei olhando para o nada até ouvir o clique da porta da frente fechando, e, em seguida, nua e sozinha em uma casa vazia, naquela cidade de milhões de pessoas, chorei. Saí da cama, vesti a roupa sem tomar banho e fui embora. Só queria ficar longe dali, longe de Londres. Ainda estava choramingando quando caminhava da casa de Joe para a estação. Mantendo os olhos atentos a possíveis ladrões, dei uma olhada na agenda no celular. Ashley, Cass, Donna... Não queria conversar com nenhuma delas. Jack? Ele teria um ataque. Rich? Nem pensar, ele já tinha problemas demais. Meu dedo pairou sobre o nome de Ollie. Ele era engraçado e nunca julgava ninguém. Liguei e ele atendeu quase imediatamente.

“Sarita Cabrita, você não deveria estar fazendo coisas impúblicáveis com Joe?”

Tentei rir, mas soou como choro.

“Tudo bem com você, linda?”

Ah, Ollie... Ele era tão fofo. Por que não podíamos gostar um do outro? Limpei a garganta e me forcei a parecer alegre, mas devo ter soado drogada e louca.

“Tudo bem. Estou saindo da casa de Joe e indo para a estação, na verdade.” Fez-se uma pausa. Por que eu tinha feito aquilo? Nunca tinha ligado para Ollie para conversar antes. Não era assim que funcionava com os meninos. Engoli em seco. “Então. Hum... Eu estava pensando... O que vai fazer amanhã?” Ouvei ruídos do outro lado da linha, seguidos pelo som de algo crocante. Ollie estava comendo salgadinhos. Maravilha.

“Nada de mais”, ele respondeu com a boca cheia de (provavelmente) batatinhas. “Dormir até tarde. Ver televisão... Por quê?”

Boa pergunta.

“Bem... hum... Eu estava pensando em juntar todo mundo para fazer alguma coisa. Antes de voltar para a escola. Esse tipo de coisa.” Boa, Sarah. Eloquente.

“Tá, conte comigo. Os outros vão?”

“Não sei. Liguei primeiro para você, na verdade.” Joguei a cabeça para trás e a sacudi desesperadamente sob as nuvens pesadas do fim do outono.

“Ah, Sarita, não sabia que você gostava tanto de mim.”

Funguei.

“É, você é legal. Mando uma mensagem quando souber o que vai rolar, tá?” Eu já tinha chegado à estação. O painel informava que um novo trem sairia em dois minutos. De repente estar naquele trem se tornou a coisa mais importante do mundo. Dei pulinhos no lugar, como se isso fosse apressar Ollie.

“Beleza”, ele disse. “Tem certeza de que você está bem, linda?”

Meus olhos se encheram de lágrimas. Maldito Ollie, sempre gentil.

“Tenho. Total. Até amanhã.” Guardei o telefone no bolso da mochila, limpei os olhos com a manga e corri pelas escadas para a plataforma. Pulei no trem quando as portas estavam se fechando, achei um assento vazio e fiquei nele. Joe àquela hora já estava no trabalho, sorrindo para estranhos, conversando com os colegas atrás do balcão. Eu queria tanto estar com ele que chegava a doer.



SENTADA NO SOFÁ DO CAFÉ COSTA com meus amigos no dia seguinte, desejei não ter sugerido o encontro. Nunca um dia pareceu tanto um domingo. Estava um gelo e o céu parecia carregado e cinza. Meus olhos estavam pesados, já que eu tinha chorado até dormir na noite anterior. Tudo nos meus amigos que já tinha me irritado ao longo da vida estava me irritando de uma vez só naquele dia. Cass falando sobre Adam — “Ele anda tão diferente, está se estabelecendo, me ama de verdade”. Mimimi. Ah, é. Até a próxima vez que transar com uma qualquer em uma balada. Ash tinha tirado os sapatos e as meias e estava sentada de pernas cruzadas no sofá, descalça. Estávamos em um café na rua principal — realmente não havia necessidade de ser TÃO alternativa O TEMPO TODO. Donna estava de ressaca e falava sem parar sobre como tinha ficado muuuuuito bêbada e a noite tinha sido excelente. SONO. Rich estava deprimido e rabugento — também por causa de ressaca, mas não de bebida. Jack estava irritantemente alegre por ter vencido um jogo de futebol naquela manhã, e Ollie tomava distraído a espuma do cappuccino com uma colher.

Eu me encolhi no canto do sofá e entrei no Facebook de Mimi. O perfil dela não era privado, o que me deixava livre para xeretar quando quisesse. Não havia nada de novo ali. Algumas conversas no mural. Seu status dizia:

“Mimi Sedgwick é o máximo, para dizer o mínimo”. Oito pessoas curtiram e havia seis comentários, um dos quais dizia: “Mi Mi Mo, te amooooo”. Desliguei o telefone enojada e liguei de novo quase imediatamente, caso Joe escrevesse. Mandei uma mensagem para ele, só para garantir — era a terceira desde que eu tinha saído de Londres na noite anterior, mas eu estava em um ponto que já não fazia diferença.

O dia tá um saccooooo.

Espero que o seu esteja melhor. Bj.

Deletei todos os “o” extras em “saco”, e em seguida os acrescentei novamente. Joe ainda não tinha me aceitado no Facebook, mas devia ser porque ele nunca entrava. Sua foto de perfil era a mesma desde que tínhamos nos conhecido (era de Stewie, o bebê malvado de *Uma família da pesada*).

“SARAH?”

Levantei os olhos, surpresa. Estava concentrada procurando a família de Joe no Google. Ele era filho de advogados. Eu achava que advogados ganhavam uma fortuna, mas talvez eles fossem o tipo de pessoa que acredita que os filhos devem aprender sozinhos o valor do dinheiro e essa coisa toda. Apaguei a tela do telefone e pisquei para os rostos que me encaravam com expectativa.

“Oi?”

“Ollie estava dizendo que vai fazer um luau na casa dele.” Ashley me encarou com os olhos pesados, a cara que fazia quando queria deixar claro que não estava surpresa.

“Ah. Certo. Boa ideia”, eu disse, olhando para Ashley. Seus olhos não hesitaram, e eu desviei primeiro, com o rosto vermelho. O que tinha acontecido? Estávamos discutindo?

“Isso”, disse Ollie, desviando os olhos do rosto de Ash para o meu. “A casa vai estar vazia, então...” Ele abriu as mãos e sorriu.

“Joe pode ir?” Ter um evento para o qual eu pudesse convidá-lo era justamente do que eu precisava. Posso jurar que Ashley, Donna e Cass reviravam os olhos, mas não liguei. Elas só estavam... Bem, na verdade eu não sabia qual era o problema delas. Mas mesmo assim. Não liguei do mesmo jeito.

Ollie deu de ombros.

“Quanto mais, melhor.”

Sorri para ele.

“Obrigada.” Quando os outros voltaram a conversar, peguei o telefone novamente e mandei uma mensagem para Joe.

Festa aqui no sábado 5 de nov.

Coloco seu nome na lista?? Bjsss.

Quando levantei o olhar, Cass e Donna estavam vestindo o casaco e Ashley calçava os sapatos.

“Vocês estão indo?”, perguntei, subitamente não querendo que fossem. Pelo menos não sem mim.

“Estamos pensando em ir ao cinema”, disse Donna, olhando para baixo ao fechar o zíper da jaqueta.

“Ah... tudo bem.” Não sei por que não disse que ia com elas. Era o que eu faria normalmente, mas alguma coisa na maneira como não me olharam deu a entender que não tinha sido convidada. Cass me perguntou se eu queria ir, mas tenho certeza de que Ashley olhou torto para ela nesse momento. Primeiro Joe, agora meus amigos. Eu não aguentava mais ter que aceitar migalhas.

Depois que elas saíram eu pisquei algumas vezes, tomei um pouco de chá e limpei a garganta enquanto coçava a sobancelha. As lágrimas

desapareceram. Levantei.

“Também preciso ir. Tenho uma tradução de francês para fazer.” Estiquei a boca para formar um sorriso e, sem olhar para nenhum dos meninos, fui costurando pelas mesas e saí.

“Tudo bem, amores?” Era o primeiro dia de aula desde a semana do saco cheio e Ashley tinha acabado de sentar ao meu lado, na nossa mesa habitual na sala de matemática, e abriu uma lata de coca light. “Parece que se passaram séculos desde a última vez em que sentamos aqui.”

Fato. Mal podia acreditar que nosso ousado resgate no mar tinha se passado havia menos de uma semana. Sorri para ela, feliz por tudo estar de volta ao normal. Todo mundo tinha direito a uns dias de mau humor. Não queria dizer que odiaria os amigos para sempre.

Ash me ofereceu um gole da coca. Balancei a cabeça.

“Como foi o filme?”

“Uma merda. Você não perdeu nada.”

Imaginei se teria problema conversar sobre Devon e decidi arriscar. Estava me sentindo corajosa após sobreviver à esquisitice do dia anterior.

“Então, está totalmente recuperada agora?”

Ela balançou a cadeira para trás. Tinha um adesivo preso na sola da bota. Era a figura de um crocodilo risonho dizendo “Eu cuido dos meus dentes”.

“Estou, total. Tenho que ir ao médico amanhã para um exame, mas estou bem.” Ela fez uma pausa. “Acho que eu nem agradei... pelo que fez. Você sabe que sou muito grata, né?” Ash sorriu para mim, quase tímida. Era bom ouvir, mas antes que eu pudesse responder ela olhou na direção da porta e disse: “Uau. Alguém está animado”.

Não só nosso tutor tinha chegado assustadoramente cedo, como também tinha cortado caminho até nossa mesa, puxando uma cadeira e sentando de

pernas abertas. Sorri e vi Ashley me olhando. O sujeito era muito intrometido.

“Recesso dramático, não é?”, ele disse para Ash.

“Acho que podemos dizer que sim.”

“Bem, vá com calma essa semana, está bem? Nada de esforço físico.” Ele sorriu.

Ash ergueu as sobrancelhas.

“Certo. Obrigada, Paul.”

“Todos os professores estão sabendo sobre sua... situação, então, não se preocupe se precisar ficar de fora de alguma aula só essa semana enquanto se recupera.” E com isso deu uma piscadela absolutamente ridícula, estalou duas vezes a língua e se retirou. Só faltavam cinco minutos para a chamada, mas tudo bem. Ele aparentemente estava muito ocupado.

Ash o observou enquanto se retirava.

“Por acaso ele acha que fiz um aborto em um beco?”, disse, balançando a cabeça. Ashley imitou o sorriso torto de Paul e disse: “‘Sua *situação*’. Que babaca”.

“Ele é um idiota”, concordei.

“Não quero causar nenhum alvoroço com essa história”, Ash declarou. “Sério, só quero esquecer o que aconteceu. Seguir em frente, sabe?”

“Claro”, eu disse, apesar de parte de mim (a mesma parte vergonhosa que queria a mídia no hospital) se sentir estranhamente magoada.

Fui para o campo sozinha na hora do almoço. Queria poder ligar para Joe e mexer no telefone em paz. Ele não atendeu — óbvio —, então mandei uma mensagem:

Ollie quer fechar a lista para a festa.

Você vem? Muitas gatas (tipo eu).

Dei mais uma olhada no Facebook de Mimi enquanto comia um sanduíche. O status dela era algo chato sobre o telefone não estar funcionando. Estava prestes a entrar no site da faculdade de Joe quando ele me respondeu.

Parece legal. Devo ir.

Mas tenho que ver. Bj.

Soltei uma espécie de gritinho, jogando o resto do sanduíche nos arbustos em volta do campo e correndo para o refeitório.

“Onde você estava?”, perguntou Cass, tirando a bolsa da cadeira que tinha guardado para mim.

“Precisei fazer uma pesquisa... Onde está Ollie?”

“No banheiro.”

“Ah, ótimo, quero avisar que Joe vai à festa.” Tirei a tampa do iogurte que tinha acabado de comprar e cheirei. “Está com um cheiro estranho?”, perguntei, esticando para todos à mesa.

Donna o pegou da minha mão e cheirou.

“Está bom.” Ela devolveu o pote, mas o deixei de lado. Leite e iogurte precisam estar em excelentes condições se forem passar pela minha boca. Do contrário, seria o mesmo que tomar catarro rançoso.

“Ele está muito a fim de vir”, continuei. “Vocês vão adorar Joe. Ele é um amor, e é muito inteligente. Não é, Ash? Nossa, não acredito que você é a única que o conheceu!”

Ashley deu de ombros.

“Bem, não o conheci de verdade.”

Sentei ereta na cadeira.

“Nossa, outro dia foi tããão engraçado. Estávamos indo para a casa de Joe, de metrô, e ele ficou fingindo que estava coçando a bochecha, mas na verdade estava me mostrando o dedo do meio. Quase fiz xixi nas calças de tanto rir. As outras pessoas no trem devem ter me achado louca.” Ri sozinha. Cass, Jack e Rich tentavam esboçar um sorriso encorajador, como se estivessem esperando a graça da história, mas os rostos de Ash e Donna estavam completamente sem expressão.

“Deve ter sido engraçado na hora”, disse Ash. Ela acenou com a cabeça para meu iogurte podre. “Você vai comer isso?” Empurrei-o para ela. Limpei a garganta e passei a mão no cabelo casualmente. Ela tinha razão — era uma péssima história. E uma mentira completa. Eu só queria ter algo para contar que não envolvesse sexo ou decepção. Eu e Joe não nos víamos com frequência, mas com o tempo isso mudaria. Levantei.

“Vou comprar um chocolate. Alguém quer alguma coisa?”

Tentei respirar fundo enquanto esperava para pagar. Detestava aquilo. Era como se tudo que eu dissesse ou fizesse estivesse sendo armazenado pelos outros em uma lista invisível de crimes que eu cometia sem saber. Bati os dedos contra os dentes. Conseguir falar com Cass sozinha ajudaria. Ela entendia o que era ter um namorado. Resolvi que a convidaria para fazer compras depois da aula. Eu estava dura depois de Devon, mas ela sempre acabava comprando alguma coisa (os pais lhe davam, tipo, cem libras por mês de mesada para roupas), e eu poderia começar a conversa enquanto ela estivesse distraída.

Sentindo-me ligeiramente melhor, voltei para a mesa. Ollie estava lá, e todos discutiam se havia alguma maneira de fazer uma fogueira no jardim sem que os pais dele descobrissem. Com isso eu podia ajudar. Meus avós faziam fogueiras o tempo todo na casa deles.

“É só cavar uns buracos na grama, depois colocar a terra de volta”, sugeri, com a boca cheia de chocolate. “Não é difícil.”

Ollie se inclinou sobre a mesa, pegou meu rosto em suas mãos e deu um beijo na minha testa.

“É disso que estou falando, pessoal. Um pouco de bom senso.” Ollie sorriu para mim. “Muito bem, linda.”

A aula seguinte era de história da arte, e Andrea, a professora, estava sentada na ponta da mesa, com as pernas cruzadas. Ela falava sobre o estúdio de Andy Warhol em Nova York nos anos sessenta, onde artistas, escritores e astros do rock se reuniam para produzir arte e “praticar o amor livre”. Foi fascinante. Sério, a sala inteira estava prestando atenção. Andrea era boa professora. Todo mundo gostava dela, e dava para perceber que ela adorava a cena da arte nos anos sessenta. Até sua aparência batia com o tema: ela usava um lenço estampado, calça cargo e sapatilhas.

Andrea nos mostrou a foto de uma mulher, não muito mais velha do que nós, que era a musa de Warhol. Ela o inspirava. A mulher estava inclinada para trás, mas meio que jogava o corpo para a frente. O que não era nada sensual, porque ela não tinha seios. Estava segurando um cigarro e um copo de, não sei, vodca? Supus que não fosse água. Vestia uma blusa preta justa e enormes brincos pretos, e olhava para a câmera com olhos enormes, negros, bem anos sessenta. Era linda e parecia confiante e despreocupada. Tudo nela fazia com que eu parecesse tediosa e convencional. Mesmo quando ficamos sabendo que ela tinha morrido de overdose aos vinte e oito anos, tive inveja. Não queria ter que usar drogas nem morrer jovem (dãã), mas gostaria de conseguir ser um pouco menos... óbvia. Um pouco menos preocupada com o maldito Joe, e com “Será que ele gosta de mim?”. Suspirei. Queria muito, muito mesmo, ser a musa de alguém. Mas se Joe,

que nem era um artista, só um estudante de ciência política, parecia me esquecer da noite para o dia, que esperança eu poderia ter?

Mordi uma unha. Lembrei a mim mesma de que autopiedade era um sentimento horrível. E Joe não tinha me esquecido, porque ia à festa de Ollie. Eu só tinha que me acalmar.

Depois que a aula terminou, fiquei pairando do lado de fora da classe, esperando que todos saíssem para que eu pudesse ligar para Joe. Deixei um recado dizendo que estava ansiosa pela festa e que ele poderia me ligar ou mandar uma mensagem para combinar. Estava prestes a ir para o refeitório comer um bolinho quando Andrea saiu da sala. Estava com uma bolsa grande de lona, listrada de azul e branco. Em uma loja não teria nem prestado atenção nela, mas no ombro de Andrea, com a roupa dela, eu queria.

“Tudo bem, Sarah?”, ela perguntou, sorrindo para mim.

“Tudo, obrigada... Eu não estava esperando por você”, eu disse, e em seguida me preocupei instantaneamente que ela duvidasse das minhas palavras.

“Certo, muito bem. Boa noite!”, ela disse, e, sentindo-me estranhamente desapontada, observei-a se afastando de mim pelo corredor em direção à sala dos professores.

“Deixei outro recado, mas ele ainda não retornou.”

Cass pegou uma blusa cinza, com pequenos passarinhos costurados na bainha. Colocou-a na frente do corpo e ergueu as sobrancelhas.

Olhei para ela.

“Ótima”, eu disse, e em seguida voltei a morder a cutícula. Já passava das cinco. Estávamos fazendo compras havia duas horas, e eu estava com fome. Não tinha perguntado por que ela, Ashley e Donna estavam estranhas comigo. Agora que estava ali percebi que tal pergunta envolvia Cass. E isso

não só provocaria uma briga, como também reforçaria a posição dela ao lado de Ash e Donna, deixando três contra mim. Em vez disso, eu estava tentando conquistar a solidariedade de Cass no quesito Joe. Pensei que se o pintasse como um cara um pouco babaca ela desejaria me ajudar com sua (considerável) experiência. Afinal de contas, éramos as únicas do grupo que tinham namorado (ou algo assim).

Cass dobrou a blusa quase com a perfeição original e a colocou de volta na pilha, cuidadosamente. Voltou-se para outra pilha, com outras blusas.

“Se não quiser esperar, pode ir para casa.”

Esfreguei a testa.

“Desculpe, Cass. Só estou cansada. Não dormi bem nos últimos dias.”

“Você já disse isso”, indicou Cass, quase para si mesma. “Que tal esta?” Ela mostrou a mesma blusa, só que de outra cor.

Tentei acenar entusiasmadamente com a cabeça e sentei no chão. Ainda ia demorar muito. Fiquei mexendo na alça da bolsa.

“Então... será que Joe vai me ligar hoje à noite?”

Cass fechou os olhos, com cara de sofrimento.

“Não sei, Sarah. É impossível dizer. O histórico dele não é dos melhores, então...”

Senti um toque de irritação. Amigos deveriam ficar felizes em ouvir os problemas dos outros. Cansei de escutá-la reclamando de Adam.

“Na verdade, acho que já vou.” Apoiei-me na parede para levantar. “Acabei de lembrar que minha mãe disse que ia ter chá, para a reunião dos escoteiros de Dan.”

Ela mal olhou para mim.

“Tudo bem. Até amanhã.”

Tentei fazer com que nossos olhares se cruzassem, mas ela aparentemente estava muito concentrada em comparar blusas.

Senti-me culpada e estranha ao andar para pegar o ônibus, como se estivesse sendo filmada. Adotei um sorriso vago e cantarolei suavemente

para mim mesma. Era um comportamento estranho, mas conteve as lágrimas traiçoeiras que mais uma vez se formavam nos meus olhos.

No ônibus lotado, milagrosamente encontrei um assento. Liguei para Donna. Ela e Cass não se davam tão bem. Dois anos antes, Donna dissera na cara dela que Adam era um traidor babaca e que só uma imbecil ficaria com ele. Tiveram uma briga horrorosa, que terminou com Cass se debulhando em lágrimas e Donna se retirando enojada. Fizeram as pazes não muito depois — Donna pediu desculpas e Cass aceitou —, mas ainda havia um clima estranho entre as duas. Por isso, ligar para Donna não era a atitude mais bacana a se tomar, mas Cass não tinha sido muito bacana comigo também.

Como sempre, Donna atendeu quase imediatamente.

“Oi, amiga. Espere um segundo...” Ouvei uns ruídos vagos no barulho do ônibus. “Desculpe, só estou colocando umas batatas no forno.” Donna e o pai dividiam o trabalho na cozinha, o que fazia com que eu me sentisse uma inútil. Eu nem sabia cozinhar uma batata. “Compraram muito?”, ela perguntou.

“Na verdade não”, eu disse. “É por isso que estou ligando... Cass estava estranha.”

“É?” Isso chamou sua atenção. Pude imaginá-la se apoiando na bancada da cozinha, abrindo e fechando a máquina de lavar louça com o pé.

“É. Eu estava falando sobre Joe, e ela basicamente disse que não queria saber.”

Silêncio do lado de Donna.

“Ah.”

Meu estômago apertou. Tive a impressão de que fora tema de discussões em grupo nada amistosas. Mas continuei mesmo assim.

“Quer dizer, quantas vezes já sentei e escutei enquanto ela falava sobre Adam ter sido infiel?”

Donna fungou.

“Sim, mas na maior parte do tempo ela não fala de Adam. Já Joe é literalmente seu único assunto.”

Cocei o olho e ajeitei o cabelo, apesar de meu olho não estar coçando e meu cabelo estar arrumado.

“Quando foi a última vez que você me perguntou como eu estava? Aliás, que perguntou a qualquer um de nós qualquer coisa sobre nossas vidas?” Donna não podia me ver, mas meu rosto estava queimando. Sentia minha própria pulsação nos ouvidos. Donna disse: “Sei que você detesta confrontos, mas isso não quer dizer que sempre tenha razão...”. Ela suavizou um pouco o tom. “Sério, nós te amamos, mas você precisa desencanar dessa história. Queremos a velha Sarah de volta.”

Limpei a garganta.

“Sinto muito se acham que estou negligenciando vocês... Sinto muito mesmo. Mas nunca terão a velha Sarah de volta...” Respirei devagar. Eu me sentia mais corajosa, ainda que só por não ter mais nada a perder. “Independentemente de você e os outros estarem felizes ou não, conheci alguém de quem gosto muito... Não posso ser a Sarah tediosa e segura só porque é melhor para vocês.” Afastei o telefone do ouvido. Donna estava falando, mas eu não queria mais escutar. Desliguei e guardei o telefone na bolsa, depois olhei para a frente e apoiei minhas mãos nas pernas. Rezava para que os meninos ainda gostassem de mim.



Não consegui tomar café na manhã seguinte. Pensei em fingir que estava com enxaqueca e ficar na cama, mas concluí que teria que encarar as meninas em algum momento, então que fosse logo. Não queria que achassem que as estava evitando. Eu não tinha do que me envergonhar.

Mesmo assim, esperei até o último minuto para sair de casa. Podia perder a chamada um dia. Mandeí uma mensagem para Ollie dizendo que tinha

perdido a hora e pedindo que ele dissesse a Paul que eu estava no banheiro.

Ele respondeu: “Sem prob, bjs”. Eu me senti um pouquinho melhor. Ao que parecia pelo menos Ollie ainda estava do meu lado. O dia começava com aula dupla de francês, o que significava que eu não teria que encontrar as meninas até a hora do almoço. Um pouco mais satisfeita, consegui comer torrada com geleia.

A aula de francês foi de compreensão auditiva, então precisei de toda a minha concentração e não pude conversar com Ollie. No final eu estava exausta, mas pelo menos durante uma hora não tinha pensado em nada além da viagem de madame Rochelle e dos dois filhos, Pierre e Delphine, a Paris. Desgastada, vesti meu casaco e peguei a bolsa.

“Tudo bem, linda?”, perguntou Ollie. “Você parece triste.” Para meu verdadeiro horror, meus olhos se encheram de lágrimas instantaneamente. “Ah, não, Sarita. O que foi?” Ele colocou o braço ao meu redor e eu enterrei o rosto em seu ombro. “Vamos”, ele disse, conduzindo-me para fora da sala. “Você tem um horário livre agora, não tem?” Assenti no tecido espesso do casaco dele. Cheirava a sabão em pó. “Bem, eu ia mesmo matar a aula de música. Podemos sofrer juntos.”

Levantei a cabeça.

“Por que *voce* está sofrendo?”

Ele olhou rapidamente para baixo e sorriu.

“Na verdade não estou.”

Acabamos caminhando pelo parque perto da escola. Era exatamente daquilo que eu precisava. Era um daqueles dias úmidos de outono que de algum jeito lembram caminhadas alegres seguidas de chá com torradas em cozinhas aconchegantes, e não nuvens baixas e um frio absurdo.

Ollie puxou minha mão.

“Então, o que foi?”

Observei as folhas volumosas que deixavam marcas molhadas nas minhas botas.

“Nada. É uma bobeira.”

“Ah, cala a boca”, Ollie disse amigavelmente. “Eu não perguntaria se não quisesse saber.”

Então contei tudo a ele. Foi ótimo poder desabafar e não me sentir na obrigação de editar o discurso, caso estivesse sendo chata, apelativa, ostensiva, ou o que quer que fosse que as meninas não gostavam em mim. Quando terminei, Ollie ficou quieto por um tempo, mas não foi um silêncio ameaçador como com Cass e Donna. Foi um silêncio pensativo, como se ele estivesse esperando minhas palavras encontrarem um lugar no mundo.

“Pobrezinha”, ele disse, afinal. “Que droga.”

Ri desconsolada e concordei.

“Pois é.”

“É claro que não tenho um único conselho útil a oferecer. Não entendo nada de relacionamentos. Principalmente entre meninas.” Ele balançou a cabeça como que assustado com a estranheza das interações femininas. Eu sabia o que ele queria dizer. Caminhamos em um silêncio companheiro por um tempo.

“Tem uma coisa que me preocupa... mais do que todo o resto, quero dizer”, eu comecei, após cinco minutos considerando se deveria falar ou não.

“Diga.”

Mordi o lábio. Mal tinha tido coragem de fazer a pergunta a mim mesma.

“Você acha que Joe quer ficar comigo? Tipo... como namorado?” Aquilo soava infantil vindo de mim, como quando você tem um namorado durante uma tarde na escolinha, faz com que ele se case com você de mentirinha e depois o deixa sozinho e vai brincar de outra coisa.

Mas Ollie não pareceu achar infantil. Ele parou de andar e coçou o nariz.

“Não sei, linda... Ele deveria querer. Você é incrível.” Ollie sorriu para mim e eu retribuí o sorriso, grata. “Você realmente quer minha opinião?” Assenti. “Acho que a essa altura ele já deveria ter dado mais pistas do que deu...” Pareceu que Ollie ia dizer mais alguma coisa, mas deixou ficar por isso mesmo.

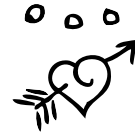
Chutei um tronco de árvore.

“Era isso que eu temia.”

Ollie começou a andar outra vez.

“É só minha opinião. E quem sou eu?”

Não disse nada, e voltamos em silêncio para a escola.



EU NÃO PODIA EVITAR as meninas para sempre, então fui para o refeitório na hora do almoço, com o coração na garganta e o estômago embrulhado.

Quando cheguei, só Jack e Rich estavam ali. Sabia que Ollie tinha ido até a sala de música descobrir o que perdera durante nossa caminhada, mas onde estavam Donna, Cass e Ashley? Engoli em seco. Não podia ser coincidência. Sentei e comecei a desembulhar meu sanduíche.

“Onde estão as meninas?”, perguntei casualmente.

Jack olhou para Rich, que revirou os olhos e estalou a língua:

“Estão ali.” Ele acenou com a cabeça e apontou para o fundo do refeitório, onde todos os alunos do sétimo e do oitavo anos se sentavam. Eu me virei. Sim, lá estavam minhas amigas, sentadas a uma mesa cercada de pirralhos. Virei de novo para os meninos e tentei sentir raiva. Aquele tipo de briga era ridículo na nossa idade. Mas, para ser sincera, estava me sentindo exatamente como quando era criança, ou seja, enjoada. Eu ia chorar. Mais uma vez. Esfreguei os olhos furiosamente e dei uma mordida no sanduíche.

“Sarah...”, disse Rich.

“Tudo bem.” Cocei o nariz e continuei comendo.

Mas ele continuou:

“Se serve de consolo, estamos fora disso.”

Jack assentiu.

“Nem deixamos que elas contassem o que está acontecendo. Não temos nada com isso.”

Eles me olharam, sérios, e não pude deixar de sorrir ao ver aquelas expressões.

“Obrigada, meninos, vocês são o máximo.”

Rich limpou a garganta.

“Mas, sabe, se *voce* quiser nos contar...” Ele balançou as sobrancelhas sugestivamente.

Dei de ombros.

“Para falar a verdade, eu mesma não tenho certeza do que está acontecendo. Elas estão irritadas comigo porque sempre falo de Joe, disso eu sei. Mas por que não posso falar sobre ele quando elas vivem tagarelando sobre suas vidas amorosas e sexuais quando bem entendem?”

Rich se inclinou para trás na cadeira.

“Concordo... Mas, você está um pouquinho obcecada ultimamente...”

Jack riu.

“É... Joe é como o homem invisível.” Ele começou a imitar uma voz grossa de narrador de trailer de Hollywood: “Ele governa sua vida, no entanto, ninguém nunca o viu...”. Sorriu para mim, mas depois pareceu assustado ao ver minha expressão. “Desculpe, Sarah. Foi só uma piada.”

“Não, tudo bem. Vocês têm direito a uma opinião.” Empurrei a cadeira para trás e levantei.

“Sarah, por favor”, disse Jack, tentando me puxar pela blusa. “Desculpe.”

“Fique calma”, Rich disse sorrindo.

Tentei ser simpática.

“Vocês têm razão. Só estou um pouco sensível agora.” Peguei meu casaco e minha bolsa. “Tenho que ir.” Lancei um rápido olhar na direção das meninas. Cass me viu, disse alguma coisa para as outras duas, depois se

levantou e me chamou. Mexi a boca dizendo “desculpe” sem emitir nenhum ruído e cutuquei meu pulso onde estaria meu relógio, se eu usasse um, em seguida me apressei para fora do refeitório. Estavam loucas se achavam que eu ia aturar uma sessão no tribunal delas.

A sala de música estava quieta quando cheguei. Um aluno mais novo de fone de ouvido mexia em um programa de música em um dos computadores, mas não vi Ollie. Em seguida ele bateu na janela de uma das cabines à prova de som.

“Dois minutos”, ele disse erguendo dois dedos.

Sorri, fiz que sim com a cabeça, e sentei para esperar por ele. Peguei o telefone. Nenhuma mensagem. Mimi tinha atualizado o status no Facebook: “Ganhei!!”. Pfft. Quanta modéstia.

A porta da cabine de Ollie se abriu e ele colocou a cabeça para fora.

“Desculpe, linda... O que foi?”

Sorri.

“Só passei para dar um oi.”

“Ah. Certo...” Ele olhou para a cabine. “Bem, para você sempre tenho tempo, Sarita.” Ele pegou uma cadeira e a estacionou ao lado da minha.

“Então. Como foi?”, perguntou. “Todos amigos novamente?”

Balancei a cabeça e contei a ele sobre Ashley, Donna e Cass irem para outra mesa, mas não falei sobre Rich e Jack. Não queria colocá-lo em posição desagradável. E, verdade seja dita, não queria que ele ficasse do lado deles.

Quando concluí meu triste conto ele me olhou com espanto.

“Que coisa. Meninas são loucas... Sem ofensa.”

Inclinei a cabeça.

“Tudo bem.”

“O que acontece agora?”

“Não faço ideia. Elas queriam conversar comigo, mas... não sei. Não quis sair abanando o rabo quando me chamaram, entende?”

“Bem, sou apenas um menino, então, não leve muito a sério o que eu digo, mas não seria melhor resolver logo essa história? Não estou falando de uma briguinha de arranhões...” Ele parou para olhar sonhadamente para o nada. “Hum... Briguinha de arranhões...” Bati nele, que riu, segurando o próprio braço em uma simulação de agonia. “Mas falando sério. Fale com elas sem rodeios.”

Suspirei.

“Eu sei. Mas e se elas ficarem falando sobre mim depois?”

Ollie me olhou com os olhos pesados.

“Elas são meninas. Vão falar sobre você. Até eu sei disso. Não significa nada. Aceite e siga em frente.”

Apoiei-me nele, cutucando-o com o ombro.

“Você é bem esperto, né?”

Ollie entrelaçou os dedos, virou as mãos e esticou o braço à frente do corpo.

“Só descobriu isso agora?”

Meu telefone vibrou com um alerta de mensagem de texto e eu saltei da cadeira para pegar minha bolsa, mas era só um spam de um salão de beleza ao qual só tinha ido uma vez, mais de um ano antes. Merda. Detestava spam.

“Más notícias?”, perguntou Ollie.

Joguei o telefone de volta na bolsa.

“Não. Só não era o que eu esperava.”

“Certo... Então, melhor eu voltar.” Ele bateu nos joelhos e se levantou. “Mas você está bem?”, perguntou, sério.

Dei um abraço nele.

“Estou. Obrigada, Ollie.”

Ele retribuiu o abraço. Era um menino largo e sólido — bem diferente de Joe.

“Quando quiser, linda.” Ele voltou para a cabine de som e fechou a porta, em seguida cutucou a janela e mexeu a boca dizendo: “Converse com elas!”. Ele tentou transmitir o recado com uma linguagem ridícula de sinais, girando o dedo ao lado da cabeça no final. Ri e levantei os polegares para ele, exageradamente. Ollie respondeu com uma piscadela, depois se virou de costas. Ainda sorrindo, fui até a aula de inglês, onde pedi desculpas a Rich por ter sido tão dramática. Ele era um menino, e já tinha quase se esquecido do ocorrido. Só faltava falar com as meninas.

Naquela noite, no meu quarto, liguei para Donna. Ela era a única por quem me sentia verdadeiramente mal.

“Oi.” Donna atendeu com a voz neutra, o que não era um bom sinal. Ela era muito boa em ser discreta e letal.

Eu sabia o que tinha que dizer.

“Mil desculpas. Eu não devia ter desligado na sua cara.”

“Tem razão, não devia...” Ela fez uma pausa e meu estômago se contraiu, mas então disse: “Mas tudo bem. Para ser sincera foi bom ver você se defendendo pelo menos uma vez na vida”.

Fechei os olhos e sorri aliviada.

“Ótimo. Obrigada.”

“Mas você precisa conversar com Cass”, ela continuou. “Você não devia ter largado sua amiga sozinha. Ela ficou muito magoada.”

Parei de sorrir. As palavras dela ativaram algum disjuntor interno e de uma hora para outra fiquei enfurecida.

“Eu não a larguei de jeito nenhum! Ela praticamente me mandou ir para casa!” Estava quase gritando. “E por que a gente não fala de Cass ter *me* magoado se recusando a *olhar* para mim?”

“Ah, sim. Desculpe, Sarah, esqueci. Tem sempre que ser sobre você”, disse Donna, com a voz fria como gelo.

Eu estava quase chorando de frustração. Como alguém que em tese era minha amiga podia me interpretar tão mal? Ainda estava tentando responder sem explodir em lágrimas quando Donna disse:

“Estou indo. Tchau.”

Olhei para a tela do meu telefone. Ligação encerrada. Só porque disse “tchau” não significava que ela não tinha desligado na minha cara.

“Vá se foder, Donna”, eu disse em voz alta. E aí? Eu não ia ligar para Cass. Ela e sua mágoa que fossem para o inferno. Quanta babaquice. Tentei Ash.

“Sarah, estou falando com Donna. Posso ligar depois?”

Merda.

“Pode. Até já.” Mas eu sabia que ela não ligaria, não depois de falar com Donna, então enviei uma mensagem.

Lamento que esteja tudo péssimo
no momento. Espero que esteja td bem
entre a gente. Bj.

Sinceramente, o único problema entre nós era que eu tinha brigado com a melhor amiga dela. Só me restava torcer para que a postura não convencional de Ash em relação à vida significasse que toda aquela história não dizia respeito a ela. Mas eu não tinha grandes esperanças. Ela podia não usar sapatos e querer transar com uma menina, mas tirando isso Ashley era tão convencional quanto todas nós. Querer ser diferente sempre também era seguir um código de conduta, na minha humilde opinião, ainda que outro.

Sentei diante da escrivaninha e liguei o computador enquanto esperava um retorno de Ash. Ainda não tinha revelado a ninguém, muito menos a meus pais, mas estava pensando em mudar um pouco meus planos para a

faculdade. Dependendo das minhas notas, eu pretendia me inscrever para estudar história da arte em universidades respeitáveis, como Manchester e Leeds, mas passei a cogitar seriamente a faculdade de Joe também. Ele estava no último ano, mas tinha dito que pensava em fazer mestrado. Tudo era perfeito quando estávamos juntos, então fazia sentido estudarmos no mesmo lugar, principalmente se eu tinha perdido todos os meus amigos.

Meu pai morreria de rir (depois que terminasse de gritar) se soubesse que eu estava pensando em estudar ciência política, ainda que estudasse história da arte também. Ele vivia falando como era espantoso que uma pessoa inteligente como eu fosse tão ignorante em relação aos acontecimentos do mundo e se perguntava o que exatamente ensinavam na escola. E por aí ia. Blá, blá, blá.

Mas eu estava disposta a trabalhar duro. Se isso significava que eu teria que começar a acompanhar os noticiários em vez de assistir a canais de clipes, assim seria. E, além do mais, Londres é bem mais perto de Brighton do que qualquer uma das minhas escolhas originais. Pelo menos com isso mamãe e papai ficariam satisfeitos. Eu também tinha muita esperança quanto às chances de entrar. A faculdade de Joe não tinha a mesma reputação de Manchester ou Leeds e exigia notas bem mais baixas. Talvez até fizessem uma boa proposta. Não que eu fosse aceitar. Só estava investigando.

Isso me lembrou de escrever para Joe perguntando que trem ele pegaria.

Entrei no Firefox e acessei meu e-mail. Nada, só um spam prometendo “quinze centímetros a mais para fazê-la gritar!!!”. Ash uma vez respondeu a um desses e-mails: “Prezado senhor/senhora, sou mulher e, portanto, não possuo um pênis. Por favor, não me incomode mais com seu produto enganoso. Boa sorte com suas futuras investidas no mercado de aumento de genitália. Saudações, Ashley (menina)”. Na época achamos hilário, mas depois ela foi bombardeada com literalmente centenas de spams semelhantes, então nunca mais fizemos aquilo.

Como se tivesse adivinhado que eu estava pensando nela, Ashley escolheu aquele exato momento para responder minha mensagem com um telefonema. Meu estômago saltou, mas atendi na hora, antes que tivesse tempo de me acovardar.

“Oi, Ash, tudo bem?” Mesmo aos meus próprios ouvidos minha voz soou falsa, excessivamente afetada e alegre.

“Tudo... Soube do que aconteceu com Donna.” Era impossível prever como acabaria. Ash soava monótona até nas melhores ocasiões.

“Hum”, murmurei cautelosamente.

“Se quer minha opinião, estou com ela nesse caso.”

Que surpresa. Eu não disse nada.

“Você tem estado um pouco... monotemática ultimamente”, prosseguiu. “Quer dizer, existem coisas mais importantes na vida do que perseguir um menino, principalmente um tão esquivo quanto Joe.”

“Ele não é tão esquivo assim”, protestei. “Só é ocupado.”

Ash suspirou, a respiração dela estalando no meu ouvido.

“A questão não é essa. Estamos preocupadas com você, e sentimos falta da sua versão antiga. Você não é mais divertida.”

“Uau. Pegou pesado.” E então, antes que pudesse me conter, acrescentei: “E quanto a Devon?”

“O que tem Devon?”, Ash perguntou friamente. E, então, antes que eu pudesse responder: “Merda, Sarah. Sou grata pelo que fez — jamais esquecerei —, mas isso não te dá o direito de ser uma péssima amiga”.

A voz dela tinha falhado nas duas últimas palavras? Engoli o nó de confusão, raiva e dor que se instalou na minha garganta.

“Não quero ser uma péssima amiga”, eu disse, com a voz tremendo. “Quero ser como antes.”

“Eu também”, disse Ash. “Mas até você encerrar essa história de Joe não vai dar.”

Peguei um fio na minha calça jeans.

“Nesse caso, acho que não há mais nada a ser dito.”

Desliguei e deitei na cama, deixando o telefone cair no chão. Então estava feito. Eu tinha perdido minhas três melhores amigas. A maneira calma como tudo tinha acabado quase piorava as coisas. Pelo menos em uma briga fervorosa você pode culpar o calor do momento. Mas não tinha havido nenhum calor. Fora tudo frio e ameaçador, como o meio de um longo inverno, que parece nunca acabar.



Quando acordei estava de pijama, embaixo das cobertas. Torci fervorosamente para que eu mesma tivesse me coberto, semiacordada, e que minha mãe não tivesse me despido. Grogue, inclinei-me para o lado da cama e peguei o telefone. Utilizando a tela como lanterna, dei uma olhada geral no quarto. Roupas por todos os lados. Deitei novamente, aliviada. Mamãe jamais teria deixado de dobrar minhas roupas depois de me despirmo. Argh. Deus me livre. Ash e a mãe viviam desfilando nuas. Nunca trancavam a porta do banheiro. Aliás, nem tinham tranca, o que significava que eu só usava o banheiro se estivesse muito, muito desesperada. Mas esse comportamento não era para mim. Meu corpo nu era apenas para meus olhos. E para os de Joe, claro.

Ashley. Joe. Cobri os olhos com a mão. Por que a vida tinha que ser tão complicada? Olhei a hora: passava da meia-noite. Precisava ouvir uma voz amiga, e sabia que Ollie dormia tarde. Mandeí uma mensagem.

Acordado?

Segundos depois, ele ligou.

“O que foi?”, perguntou, com a voz carregada de sono.

“Merda, desculpe, Ollie. Não queria te acordar. Não se preocupe. Conversamos na escola.”

“Tudo bem. Já estou acordado. O que foi?”

Tossi.

“Bem. Nada, na verdade. Só queria conversar.”

Silêncio.

“Sabe que horas são?”

“Sei. Pensei que você estivesse acordado... Desculpe.” Fechei os olhos. Eu não fazia nada direito.

Ouvi o barulho de molas de cama.

“O que quer que seja, não se preocupe. Vá dormir e pela manhã tudo vai parecer melhor.”

“Obrigada, Ollie, sabia que você faria com que me sentisse melhor.”

Olhei para as estrelas no teto. Uma delas tinha se soltado e estava pendurada.

“Certo”, ele disse, cansado. “Mas já é tarde, linda...”

Mordi o lábio.

“Eu sei. Tem razão. Não devia ter ligado. Me aproveitei de você. Amanhã nos vemos na escola.” Tive a impressão de tê-lo ouvido dizer mais alguma coisa, mas encerrei a ligação.

Quando acordei, seis horas depois, ainda estava com o telefone na mão.

Passei os dois dias seguintes na cama. Não queria ver ninguém — para quê? — e não conseguia reunir entusiasmo pelo subjuntivo na língua francesa, pela arte de meados do século xx ou por *Jane Eyre*. Então disse para meus pais que estava com enxaqueca e me mantive reclusa. Ollie me ligou duas vezes e Rich e Jack tentaram uma vez cada, mas eu os ignorei. Tudo que saía da minha boca parecia ser errado, então era melhor mantê-la fechada. Desnecessário dizer que não recebi nenhuma notícia de Cass,

Donna ou Ashley. Mandeí três mensagens para Joe e liguei duas vezes, mas não deixei recado. Nem um sinal de fumaça dele.

E então, na tarde de sexta, após um dia e meio de níveis nunca antes atingidos de oleosidade capilar, pijamas e falta de banho, recebi uma mensagem.

Eu estava tão dopada com a falta de atividade que nem me mexi. Estava no sofá vendo... nem lembro o que — provavelmente algo desesperado como *Everybody Loves Raymond* —, quando meu telefone tocou. Só no intervalo, quando levantei a bunda e fui até a cozinha pegar mais cereal, vi meu telefone sobre a mesa e me lembrei da mensagem. Engraçado como essas coisas acontecem quando você menos espera. Meu pulso acelerou quando vi que era de Joe. Sorri. Já era hora. Cliquei no botão para abrir a mensagem.

Desculpe, não posso ir. Mto ocupado c/
trabalho, provas etc. Vc sabe como é. Bj.

Acho que eu estava começando a entender como era. Esperava séculos para Joe marcar um encontro; me animava toda; ele me dispensava. Isso não era jeito de viver, e definitivamente não era jeito de se relacionar. Conduzindo minha carcaça ligeiramente malcheirosa à cadeira mais próxima, li a mensagem novamente. Foi por aquela resposta que passei quase uma semana esperando? Um textinho babaca?

De repente foi como se eu estivesse me vendo do lado de fora do meu corpo. Não tinha tomado banho nem trocado de roupa por quase dois dias. Tinha ignorado meus amigos e perdido quarenta e oito horas vendo programas péssimos na TV, sentindo pena de mim mesma, e Joe — a razão de toda essa depressão — tinha me dispensado casualmente depois de quase uma semana de silêncio. Era o bastante.

Se Joe não ia até mim, eu iria até ele. Se havia alguma espécie de futuro juntos, ele precisava tomar jeito. Mesmo que eu tivesse que obrigá-lo.



COMO SE ESTIVESSE conservando toda a minha energia para aquele instante, comecei a agir. Tomei banho, vesti minha roupa favorita — um jeans e um casaco — e sequei o cabelo. Coloquei uma troca de roupa em uma bolsa, escovei dois dias de sujeira dos dentes, fiz bochecho com flúor e estava pronta para ir.

Sentei diante de um post-it por um instante, balançando a caneta, imaginando o que diria para meus pais, até que pensei “Dane-se” e escrevi: “Fui para Londres. Ligo mais tarde. Bjs”. A honestidade é a melhor política, dizem. De qualquer forma, ambos tinham reunião depois do trabalho. Quando vissem o bilhete, eu já estaria no trem.

Já estava quase escuro quando cheguei à estação, e a adrenalina tinha quase desaparecido. A ideia estava começando a parecer ridícula, mas me forcei a comprar uma passagem. Não sabia de que outro jeito encontraria Joe. E eu só conseguiria colocá-lo contra a parede e fazê-lo tomar jeito se estivesse diante dele.

Achei um assento no trem e abri meu livro, decidida. Duas meninas que reconhecia vagamente da escola — do primeiro ano, acredito — passaram

por mim. Uma delas estava dizendo: “Dá para acreditar?”.

A outra balançou a cabeça. Fiquei vermelha, como uma idiota. Elas não podiam estar falando de mim. Nem me conheciam.

Repousei o livro aberto no colo e utilizei a janela como espelho para olhar para um casal do outro lado do corredor. Não eram muito mais velhos do que eu. Ela estava com as pernas sobre as dele e a cabeça apoiada em seu ombro. Ele murmurou alguma coisa, e ela riu e esticou o braço para fazer um carinho em seu rosto. Ela usava um anel. Um círculo sólido com um diamante — ou o que quer que fosse — em cima. Exatamente o tipo de anel que eu escolheria. Pensei como seria estar no lugar dela. Ter alguém que te ama tanto que quer que todo mundo saiba que vai ficar com você a vida inteira. Literalmente não conseguia imaginar. Só sabia que odiava aquela mulher. Não que estivesse querendo casar — isso seria tolice. Só queria que gostassem de mim.

Cerrei os olhos enquanto a mulher rodava distraidamente o anel no dedo e sorria. Vaca esnobe. Como se pudesse ouvir meus pensamentos, olhou para a própria janela e fez um estranho contato visual comigo através do reflexo. Ela me encarou por um breve segundo, depois desviou o olhar de forma relapsa. Nada para ver. Mudei o foco de modo que não ficasse mais olhando para a mulher, mas para a escuridão e as sombras do lado de fora. O trem balançou suavemente no trilho ao acelerar em direção a Londres, emitindo ruídos abafados como se eu estivesse escutando embaixo d’água. Tinha uma leve desconfiança de que estava me tornando invisível.

O trem chegou à estação Victoria pouco depois das oito. O lugar estava cheio de viajantes a caminho de casa para o fim de semana. Imaginei janelas iluminadas dando boas-vindas, uma garrafa de vinho no gelo, talvez um tapete de lã no chão. Casais acordando juntos pela manhã, lendo o jornal de sábado na cama, transando...

Ter dezessete anos e ainda estar na escola de repente pareceu tão sufocante que mal pude respirar. Grade escolar, provas, ver televisão nas noites de sexta com Daniel e meus pais... Um tédio mortal. Eu queria ser como Mimi. Não uma vaca dos infernos, claro, mas uma universitária, longe de casa, livre para ser quem quisesse. Fiquei imaginando se o jeito dela tinha sido uma escolha consciente. Se ela se olhava no espelho toda noite antes de dormir e dizia: “Sou confiante, produzida e tenho cabelos sedosos como os de Kate Middleton. Todos querem ser meus amigos”.

Mimi devia ser assim sem esforço, pensei, de maneira sombria.

Tentei tirá-la da cabeça. O problema não era ela, era Joe. Corri pela escada rolante para a plataforma sentido norte do metrô. Estava lotada, e o painel digital tinha apagado. Fiquei esperando. Não conseguia entender como as pessoas não caíam nos trilhos, de tanta gente que havia ali. Um anúncio informou que, por causa de uma falha de sinal na estação Seven Sisters, a linha Victoria estava com enormes atrasos. Ótimo. Eu só precisava chegar a Oxford Circus — de lá podia pegar a linha Bakerloo até Kensal Green, onde Joe morava. Subi a escada rolante correndo para o térreo para procurar um mapa de ônibus. Eu precisava pegar o setenta e três, que passou exatamente quando cheguei ao ponto. O ônibus estava lotado, mas alguém se levantou quando eu estava passando e sentei, agradecida. Sorte dupla, o que interpretei como um bom sinal.

Estávamos balançando e sacudindo havia alguns minutos quando a mulher ao meu lado disse: “Com licença”. Ela era idosa, tinha cabelos prateados bem curtos e olhos azuis. Usava um casaco verde (que eu adoraria usar, se Ash já não fosse a menina do grupo que veste casacos de vampiro). Ela espiou por cima dos óculos de meia-lua e sorriu. A mulher não se encaixava em nenhuma descrição de estupradora assassina, então me senti suficientemente segura para responder, mesmo em um ônibus londrino. Sorri educadamente, como a boa menina que sou.

“Sim?”

“Espero que não se incomode com a pergunta, mas você estuda no Woodside High?”

Olhei espantada para ela.

“Estudo... Como você sabe?”

Ela apontou para o broche escolar que eu tinha colocado na mochila, tentando montar um visual retrô irônico (pelo menos era assim na revista que me deu a ideia).

“Fui professora lá! Meu Deus, faz quinze anos.”

“Sério? Uau! Aposto que muita coisa mudou desde então”, eu disse, de um jeito tolo.

Ela assentiu com muito entusiasmo.

“Ah, imagino que sim.” A mulher colocou a mão no meu braço. “Que coincidência maravilhosa encontrar você!” Sorriu para mim, e eu retribuí. O que mais poderia fazer?

“Meu nome é Kate”, ela disse, e estendeu a mão. Apertei e revelei meu nome. “Então, o que te traz a Londres, Sarah?”, perguntou, cruzando os braços no colo como se estivesse se preparando para uma conversa. Não me incomodei. Tinha gostado dela.

“Vou visitar meu namorado.” Experimentei a palavra. Soava estranha e um pouco falsa, mas eu poderia me acostumar a ela. “Ele faz faculdade aqui.”

“Ah. Ele também estudou em Woodside?”

Balancei a cabeça.

“Nós nos conhecemos nas férias, na verdade.”

A mulher se inclinou para trás, na direção da janela, como se estivesse me examinando sob uma nova ótica.

“Uau! Um amor de verão que durou. Muito bem!”

Dei um sorriso fraco.

“Obrigada.”

“Então, conte, Greta Parsons ainda ensina história?”

Balancei a cabeça, e ela continuou desenrolando uma lista de professores. Alguns continuavam na escola, mas a maioria não. Teria sido uma forma agradável de passar o tempo, se eu não tivesse ficado pensando no comentário sobre o amor de verão.

Em Oxford Circus saltei do ônibus, com quase todo mundo, e me juntei à multidão que descia pelas escadas do metrô. Não havia problemas com a linha Bakerloo, fiquei aliviada ao constatar, e logo consegui sentar. Mas à medida que o metrô se aproximava de Kensal Green o nó no meu estômago apertou ainda mais. Não era como se eu estivesse fazendo uma surpresa a Joe — eu tinha mandado uma mensagem avisando. Mas mesmo assim estava nervosa. Tinha muita coisa em jogo. Fechei os olhos e o imaginei abrindo a porta, com aquele sorriso torto e mal-intencionado no rosto, puxando-me silenciosamente para o quarto, onde eu mal teria tempo de tirar o casaco antes de ser arrastada para a cama. Ele passaria os dedos na minha boca e beijaria suavemente minhas pálpebras, em seguida retiraria devagar minhas roupas antes de fazermos amor. Depois me seguraria em seus braços e diria que me ama.

Pensamento positivo. Se você quer muito alguma coisa, acaba acontecendo. Até parece.

Abri os olhos. *Não espere milagres*, disse a mim mesma. *Se ele ficar feliz em ver você e aceitar conversar já está ótimo. É tudo o que você pode pedir.*

Não sabia por que estava tão preocupada. Ele podia ser péssimo em ligar, mas sempre tinha ficado feliz em me ver. O problema era esse: nós éramos o tipo de casal que precisava estar sempre junto.

Enquanto caminhava da estação até a casa dele, já me sentia melhor. Eu estava lá. Daria um passo de cada vez. Ao dobrar a esquina, percebi que ele poderia não estar em casa. Supus que Rav e Ben pudessem abrir a porta e me deixar esperar no quarto dele, mas e se todos tivessem saído juntos?

Quanto tempo eu teria que esperar do lado de fora até desistir e voltar para Brighton? E se tivessem saído de balada? Poderiam não voltar até duas ou três da manhã. Mas ao me aproximar da casa vi que a luz do quarto de Joe estava acesa. Fiquei fora do alcance visual da janela por um instante para me acalmar. Em seguida atravessei a rua confiante e toquei a campainha.



UMA DAS MENINAS que estava no bar da outra vez abriu a porta. Mara, Lara ou — como se chamava a outra? Rosie. De qualquer forma, não era Mimi, graças a Deus. Quem quer que fosse, olhou confusa para mim por um segundo, depois sorriu, como se tivesse me reconhecido.

“Posso ajudar?”

Dei um sorriso animado.

“Oi! Joe está em casa?” Espiei em volta como se estivesse esperando que ele se materializasse a qualquer instante. Ela se moveu para bloquear minha visão, depois pareceu mudar de ideia e deu um passo para o lado, dando um sorriso.

“Sim, claro. Entre.”

“Ah. Obrigada.” Passei por ela e fui até o corredor. Era estranho estar na casa com aquela garota.

“Ele está no quarto”, informou, desnecessariamente. Eu já estava subindo — não me ocorreu que estivesse em qualquer outro lugar. O quarto era o único cômodo em que tínhamos ficado, apesar de esse pensamento só ter me ocorrido mais tarde.

Parei do lado de fora da porta fechada. Dava para ouvir uma música tocando lá dentro. Bati, primeiro experimentalmente, depois mais alto. Não

houve resposta, então girei a maçaneta e entrei.

A luz no quarto era tão fraca que mal conseguia enxergar. Havia uma luminária de lava que eu nunca tinha visto antes ao lado da cama de Joe. Bolhas vermelhas flutuavam para o alto e depois para baixo outra vez. Era hipnotizante. Não consegui ver Joe — achei que ele pudesse estar no banheiro, então ouvi um barulho vindo da cama. Olhei e fiz uma careta para a massa de cabelos claros sobre o colchão. Joe não tinha aqueles cabelos. Então, na medida em que meus olhos se acostumaram à escuridão, finalmente entendi. Engasguei e saí correndo. Fiquei lá fora por um instante, com sangue pulsando nas orelhas. Sem saber o que fazer, corri para o banheiro e tranquei a porta.

O cabelo era de Mimi. Suas pernas estavam enroladas nas costas de Joe.

Não conseguia respirar direito. Passei os dedos em minhas bochechas. O que eu ia fazer? Olhei para a janela do banheiro, mas eu nunca passaria por ali. De qualquer forma, era uma queda livre de dois andares, direto em um beco pavimentado. Gritei quando alguém bateu à porta.

“Sarah, sei que é você.” Ele bateu outra vez. “Vamos, abra a porta.” Era a voz de Joe, mas não aquela de que eu me lembrava. Estava fria e rígida.

Destranquei a porta e saí de lá, empurrando-o para o lado. Ele segurou meu braço, mas eu o sacudi e me soltei, olhando para baixo, na direção da escada.

“O que deu em você para vir até aqui?”, ele gritou atrás de mim. “Eu disse que não queria nada sério... Sarah!”

No topo da escada a visão de Mimi encostada na parede, suas pernas lisas e nuas cruzadas casualmente no tornozelo, me fez parar. Ela acenou para mim.

“Tchauzinho!”

Engoli o desejo de cuspir na cara dela e descí as escadas, abri a porta da frente e corri.

“Por favor, que haja um trem, por favor, que haja um trem”, entoei entre os dentes ao atravessar a rua até a estação. Mas não havia nenhum sinal de

trem, e não haveria pelos próximos dez minutos, de acordo com o painel. Fui até o canto da plataforma e me apoiei na parede. Não chorava daquele jeito desde pequena. Soluços engasgados e sonoros faziam meu queixo bater. E eu só conseguia pensar que amava Joe. Como se isso bastasse.

O trem passou pelas estações, mas nem percebi. Sentia-me desencarnada. A menina de rosto inchado e mangas molhadas não era eu. Era alguma outra garota, burra e iludida. Quem quer que tenha dito que era melhor amar e perder do que nunca ter amado estava a) falando besteira e b) presumindo que o amor era uma via de mão dupla. Eu tinha direito de reclamar por ter perdido o que nunca tive? Finalmente percebi o que todos sempre souberam. Joe não me amava, nunca tinha amado. Nunca amaria.

Esse pensamento ativou mais uma explosão de choro, e eu expeli uma bolha imensa de muco. A falta de lenço me obrigava a abaixar a cabeça e limpar o rosto na parte interna do casaco. Fiquei grata por estranhos não falarem uns com os outros em Londres. A não ser por Kate, no ônibus. Lembrei-me do comentário dela sobre amores de verão. Até uma completa estranha sabia que Joe não dava a mínima para mim. E eu tinha chegado a pensar em ir para a faculdade dele! Graças a Deus eu ainda não tinha feito nada a respeito.

Puxei meu cabelo e emiti um estranho ruído.

“Com licença, posso ajudar?”

Cerrei meus olhos inchados para uma mulher de *tailleur*. Ela estava na minha frente e se segurava na barra superior de apoio. Tinha a testa franzida de preocupação. Eu devia estar com uma aparência sem igual: chorando, balançando e emitindo estranhos ruídos animais. Ela tinha sido bem corajosa, pensando bem. Balancei a cabeça e, quando ela continuou ali parada, resmunguei: “Estou bem”.

“Tem certeza?”

Dirigi um olhar a ela, que voltou para o lugar.

Não havia nada que alguém pudesse fazer. Muito menos eu.

Comecei a chorar outra vez quando finalmente cheguei em Brighton. Chorei o Nilo inteiro. Quanta negação.

Era quase meia-noite e o centro da cidade estava agitado, cheio de casais afetuosos que anunciavam para mim a alegria de sua vida sexual. Lembrei-me de minha demonstração pública de afeto com Joe na estação Victoria. Não tinha significado nada para ele, portanto, talvez não representasse nada para nenhuma daquelas pessoas. *Então não precisam parecer tão convencidos*, pensei amargamente quando mais um casal passou, um com a mão no bolso traseiro da calça do outro.

Fiquei do lado de fora da estação, choramingando e pensando no que fazer. Não podia ir para casa. Mamãe e papai tinham deixado dois recados irritadíssimos na minha caixa postal. Mandeí uma mensagem dizendo que estava bem e que ia ficar na casa da prima de Ashley outra vez, mas algo me disse que não seria o suficiente. Eu, obviamente, não podia ligar para nenhuma das meninas. Rich e Jack? Seria estranho demais. Suspirei. Teria que ser Ollie. Eu precisava dele. Ele entenderia.

Por sorte, o som da voz dele ao atender o telefone liberou torrentes de lágrimas frescas, de modo que ele ficou ocupado demais sentindo pena de mim para se sentir usado. (De qualquer forma, Ollie não estava sendo usado. Ele agora era meu amigo mais próximo. Ollie, meu melhor amigo! A ideia era espantosa, como quando você está vendo alguma coisa na TV e percebe que aconteceu na rua ao lado.) Perguntei se podia ficar na casa dele. Ollie disse que sim — até se ofereceu para me buscar, mas respondi que precisava de ar. O que até era verdade, mas, acima de tudo, precisava dar um jeito na aparência. Chorei tanto que devia estar com cara de quem estava tendo uma reação alérgica. Entrei em um McDonald's que estava cheio demais

para que alguém notasse que eu só queria usar o banheiro e passei cinco minutos jogando água fria no rosto e passando quantias generosas de hidratante. Ajudou um pouco. Eu continuava horrenda, mas quem se importava?

Quando cheguei à casa de Ollie — ele morava a uns bons vinte minutos a pé da estação — eu já tinha me recomposto o suficiente para cumprimentar os pais dele, que estavam vendo TV na sala. Obviamente não eram do tipo que dormia cedo. Estava torcendo para não ter que encontrar com eles, mas a mãe sorriu solidária e não puxou conversa, então acho que Ollie devia ter dito que eu precisava de um lugar para ficar. Os pais dele eram bem tranquilos em relação a visitantes do sexo feminino, do contrário, como ele poderia manter a impressionante reputação de conquistador?

Ollie me levou até a cozinha, que continuava aconchegante e laranja como sempre. Puxou uma cadeira da mesa.

“Sente.”

Sorri, agradecida, exausta demais para conversar. Olhei em volta enquanto ele preparava um chá. Quase nada tinha mudado desde que éramos pequenos. A geladeira continuava coberta com parafernália de Ollie: desenhos antigos, avisos escolares, boletins. Na parte inferior havia um desenho de dois bonecos grandes e um pequeno, com braços longos e finos. Estavam todos de mãos dadas. Abaixo, um adulto havia escrito: “Minha família, por Oliver Glazer, cinco anos”.

Apontei o desenho.

“Que orgulho! Ser filho único é assim. Quando Dan entrou na escola tive um ataque porque achei que mamãe e papai preferiam os desenhos dele.”

Ollie sorriu.

“Pois é. Eles tentaram ter outros filhos depois que Zac morreu, mas não conseguiram. Teve uma época em que eu queria muito um irmão.”

Meu sangue gelou. Eu estava em choque.

“Sinto muito, Ollie. Esqueci completamente de Zac.” Pus a cabeça nas mãos. “Isso é que é ser egocêntrica.”

“Não se preocupe”, ele disse suavemente, com uma xícara de chá em cada mão. “Vamos lá para cima?” Peguei a bolsa e o segui até o quarto, ainda xingando a mim mesma mentalmente. “Você vai ficar no quarto de hóspedes”, ele disse. “Mas venha conversar comigo antes.” Ele abriu a porta do quarto com o pé e acenou com a cabeça para que eu entrasse. Sentei na beira da cama, sentindo-me desorientada e folgada. Ele me entregou o chá e sentou ao meu lado.

“Então. Não teve um bom dia?” Tomou um gole barulhento de chá, como uma velha fofoqueira.

Emiti uma espécie de ruído. Ri sem rir.

“Pode-se dizer que sim.” Torci as mãos no colo e contei o que tinha se passado, e ele ouviu sem fazer comentários. “Sou uma completa imbecil”, eu disse, ao concluir. Abaixei a cabeça para as mãos. “Sou tão idiota.”

Ollie olhou para a caneca vazia.

“Não”, ele disse. “Você não é idiota.”

“Mas todo mundo sabia que Joe não estava nem aí para mim.”

Ele deu de ombros.

“Poderíamos estar enganados.” Ele levantou os olhos até os meus. “Nenhum de nós vai ficar feliz porque estava certo.”

Dei um sorriso triste. Fiquei grata por ele não fingir que alguém tivesse achado que houvesse um futuro com Joe. Ele me envolveu com o braço e me puxou para perto.

“Vem cá.” Deitei a cabeça no ombro dele. “É chato o que aconteceu, mas você merece coisa *bem* melhor, linda.” Ollie soava quase furioso. Sorri para ele, que olhou para mim, contraindo o queixo.

E então Ollie estragou tudo tentando me beijar.

Dei um salto, como se tivesse sido picada por uma abelha.

“O que você está fazendo?”

“Desculpe. Desculpe.” Ele pareceu arrasado. “Merda, Sarah. Interpretei mal. Por favor, sente.”

“Não posso lidar com isso agora.” Peguei minha bolsa e, pela segunda vez no dia, saí correndo aos prantos da casa de um menino.

Corri por alguns minutos, então sentei na mureta do jardim de alguém para recobrar o fôlego e assimilar as coisas. Tinha sido um dia estranho. E terrível. Nada parecido tinha acontecido comigo antes. Eu nunca tinha flagrado o menino por quem estava apaixonada gemendo em cima da pessoa que eu mais detestava no mundo. Nunca tinha sido beijada por alguém que pensava que fosse meu amigo. Era assim então? Corações partidos, traições e decepções? Sempre desdenhei daquelas meninas da escola que ficavam noivas dos namorados, o que para mim não parecia nada além de uma palavra e um anel de bijuteria no dedo certo, mas de uma hora para a outra passei a entender por que elas faziam aquilo. Era como uma armadura, apesar de ser uma porcaria de uma armadura que não funciona. Eu só tinha ouvido falar de um desses casais que realmente tinha se casado — mas eles eram religiosos, então era normal que se casassem jovens.

“Ei!” Uma voz irritada gritou acima de mim. Olhei para o alto e vi um senhor esticando a cabeça para fora de uma janela no alto. “Vai ficar sentada aí a noite toda?”

O que ele achava que eu ia fazer — usar drogas no muro dele? Exaurida, levantei e comecei a andar na direção de casa. A situação não era desesperadora ou dramática o suficiente para que eu vagasse pelas ruas até o amanhecer. Além disso, estava um frio horrível.

Mamãe e papai foram para cima de mim assim que coloquei a chave na fechadura. Devem ter ficado esperando na sala, para que estivessem adequadamente irritados quando eu entrasse.

Mamãe me olhava com um de seus olhares patenteados que diziam “Quem você pensa que é?”, enquanto papai praticamente espumava de raiva.

“Onde você estava?”, ele esbravejou.

Uau. Quanta originalidade. Revirei os olhos e passei por eles para subir as escadas, mas meu pai me agarrou pelo pulso.

“Nem pensar.”

Deixei a cabeça cair para trás e suspirei pesadamente para o teto. Não tinha a menor condição de ser importunada com aquilo.

“Só quero deitar. Podemos conversar de manhã?”

“Nada disso, porra”, disse meu pai, que só falava palavrão quando estava muito irritado. Algo do tipo: “As regras são minhas, mas trato você como igual”. Ou alguma bobagem do tipo.

Então minha mãe entrou na conversa.

“Nós NÃO merecemos ser tratados assim. Você NÃO pode simplesmente sair sem pedir — não enquanto mora aqui. Tenha um PINGO de respeito.”

Eu não aguentava mais. Simplesmente não aguentava levar uma bronca depois de tudo o que tinha acontecido. Soltei o braço da mão do meu pai.

“POR QUE VOCÊS NÃO ME DEIXAM EM PAZ?!”, gritei, e pela primeira vez na vida saí espumando de casa.

“AONDE É QUE VOCÊ PENSA QUE VAI?”, meu pai berrou, sem se preocupar com os vizinhos. Virei de costas no fim da rua.

“Vou para a casa de Cass, tudo bem? Ou querem que eu escreva uma carta pedindo autorização?”

Minha mãe me lançou um olhar de desgosto.

“Deixe, Martin”, ela disse. “Sinceramente, não suportaria que ela ficasse em casa esta noite.”

“Nem eu”, rebati.



Então eu ia para a casa de Cass. Ela morava na esquina, por isso meus pais tinham me deixado ir. Se ela me deixaria entrar era outra história. Peguei o telefone da bolsa e fui até as últimas chamadas. Ela estava bem no fim da lista. Até semana passada nos falávamos quase todo dia. Cliquei no nome dela, mas caiu na caixa postal. Não me surpreendi.

“Cass, sou eu... Por favor, posso ir para a sua casa? Sei que é tarde e você provavelmente me odeia, mas peguei Joe na cama com a vaca da Mimi e não posso ir para casa... nem para outro lugar...” Fechei os olhos, consternada. O que Ollie estava pensando?! “Por favor, ligue de volta quando receber o recado.”

Ela ligou quando cheguei à casa dela.

“Onde você está?”

“Aqui fora.”

“Estou descendo.”

Não sei o que estava esperando, mas se era uma reunião alegre com promessas regadas a lágrimas de que jamais brigáramos de novo, eu estava enganada. Cass abriu a porta e simplesmente ficou ali parada, olhando para mim com cautela. Eu realmente não conseguia me lembrar por que estávamos brigadas. Aliás, estávamos brigadas?! Quer dizer, não nos falávamos desde que eu tinha ido a Londres, mas foi Donna que me disse que ela estava chateada. Coloquei a bolsa no degrau, dei alguns passos na direção dela e a abracei. Foi uma aposta arriscada. Se Cass não retribuísse eu

teria murchado e morrido ali mesmo. Teria morrido por causa desse dia de merda. Mas isso não aconteceu. Ela me abraçou. Uma deixa para a reunião.

“Por que estamos brigadas?”, ela perguntou, rindo e chorando no meu ombro.

“Eu estava pensando exatamente a mesma coisa.” Recuei e olhei nos olhos dela. “Cass, se fui uma péssima amiga, desculpe. Não tive a intenção.”

Ela balançou a cabeça, séria.

“Não, eu também fui péssima. Vamos esquecer. Foi um momento ridículo em uma amizade exemplar, e daqui a trinta anos vamos rir disto enquanto tomamos chá com bolo de abacaxi.”

Ri. Bolo de abacaxi era nosso código para pessoas velhinhas e senis, em homenagem à sra. Fieldhouse, nossa professora anciã de gastronomia no sétimo ano, que tinha obsessão por bolo de abacaxi. Em um único ano preparamos bolo de abacaxi quatro vezes.

“A cura natural, crianças!”, ela costumava dizer, brandindo uma lata de rodelas de abacaxi. “Tanta bromelina!” (Justiça seja feita — se bromelina aparecesse em algum jogo de perguntas e respostas, sempre ríamos.)

Lá em cima, no quarto de Cass, coloquei o pijama — ela já tinha se vestido — e deitamos. Cass tinha uma cama branca de plástico e uma coberta branca com uma foto impressa dela e de Adam mordendo a mesma maçã. Ela não colava pôsteres na parede — emoldurava-os e pendurava adequadamente. Sua escrivaninha era imaculada, o monitor e o teclado do computador não tinham um grão de poeira, os tacos do chão eram lustrados e a coberta tinha marcas de aspirador. Resumindo, ela era maníaca por organização. Perfeccionista era seu nome do meio, ou seria se não fosse Marjorie. (Um segredo de estado que só eu conhecia — acho que nem Adam sabia disso.)

Cass apagou a luz e ficamos deitadas no escuro. Era um alívio estar em uma situação familiar. Já tínhamos dividido aquela cama diversas vezes. Eu estava com um nó rígido de pesar e preocupação no estômago, e cada vez

que pensava em Joe, Ollie, mamãe ou papai tinha que me concentrar para não chorar, mas ficar com Cass era bom.

“Quer conversar sobre isso?”, ela perguntou, com a voz baixa.

Praticamente não falamos nada uma para a outra desde o momento do bolo de abacaxi. Acho que Cass estava esperando para me fazer perguntas sob o véu da escuridão. Ela sabia que eu odiava chorar na frente dos outros, apesar de que expelir uma bolha de muco em um vagão lotado do metrô faz você reconsiderar a relutância em chorar na frente de uma amiga.

“Quero, mas pode ser de manhã?”, bocejei. “Só quero dormir.”

“Claro que pode.” Ela acariciou minha testa. “Boa noite.”

Eu teria respondido, mas não consegui. Estava tentando chorar em silêncio. Joe costumava acariciar minha testa daquele jeito.

“Tudo bem?”

“Hã-hã.” Inspirei um ar relaxante, porém nojento e mucoso pelo nariz e expirei pela boca, em seguida cedi à exaustão e dormi.



“SARAH? Eu trouxe uma xícara de chá.”

Abri os olhos. Cass estava inclinada sobre mim. Por uma fração de segundo tudo esteve bem, então me lembrei do que tinha acontecido, e a pilha de desgraças despençou sobre mim.

“Argh, obrigada”, eu disse, sentando e pegando a xícara. “Que horas são?”

“Quase dez. Você dormiu por quase dez horas!” Ela afastou gentilmente meu cabelo da testa. “Como está se sentindo?”

“Péssima.” Tomei um gole de chá e fechei os olhos enquanto o calor da bebida me aquecia por dentro. “Mas vou sobreviver.”

Cass sorriu encorajadoramente e fez um carinho na minha perna.

“Liguei para o pessoal. Vamos nos encontrar na praia daqui a uma hora.”

Fiz uma careta.

“Como eles reagiram?”

“Bem. Não se preocupe.”

Hum. Eu podia esperar e tirar minhas próprias conclusões. Fiz que sim com a cabeça.

“Tudo bem, mas nos encontramos lá. Tenho que conversar com meus pais.”

Ela se levantou.

“Certo. Vou deixar que se arrume. Pode tomar banho e tudo mais. Vou fazer uma torrada, quer?”

“Obrigada, mas estou sem fome. Como alguma coisa mais tarde.”

Assim que ela saiu, vesti as roupas da noite anterior sem me incomodar em tomar banho, dei um tchau rápido e corri de volta até a minha casa.

Engoli a raiva, porque não queria que meus pais me proibissem de ir à festa de Ollie naquela noite. Disse a eles que tinha brigado de um jeito horrível com as meninas. *Estava confusa e chateada. Com a sensação de que todos estavam contra mim. Sinto muito, não vai se repetir. Blá, blá, blá.* Foi uma atuação virtuosa, é preciso reconhecer.

Meu pai, que não guardava rancor, ficou muito impressionado com minha maturidade recém-adquirida e me perdoou instantaneamente. Minha mãe, que guardava rancor, ainda estava um pouco fria. Mas ia superar. De qualquer forma, fui autorizada a ir à festa de Ollie, e era isso que importava. Disse aos meus pais que me arrumaria na casa de Cass e voltaria antes da meia-noite. Pronto. Tudo resolvido.



Passei alguns minutos na frente do armário no meu quarto, olhando sem inspiração para os cabides de tédio que se passavam por minhas roupas, antes de lembrar que — dãã — era um luau. Jeans, casaco e cachecol eram tudo de que eu precisava. E eu tinha um chapéu cinza que adorava, mas não usava havia semanas, desde que Joe me informara que chapéus fedora ficavam ridículos em meninas. Mas eu sabia que ficava bem. Era meu chapéu mágico, que deixava meus olhos maiores e valorizava as maçãs do meu rosto. Eu ficava mais segura com ele, sentia-me mais confiante.

Ali parada, com o chapéu na mão, percebi a completa idiota que tinha sido.

Olhei no espelho do armário e fiz uma cara de pateta. Nem podia colocar a culpa toda em Joe. Eu sabia que ele tinha sido um babaca. Só queria sexo e me fez pensar que realmente gostava de mim na festa de Will, mas tinha avisado desde o começo que não queria nada sério. Se eu não tivesse mandado mensagens constantemente, ele provavelmente teria me esquecido. E eu nunca mais tinha usado o chapéu por culpa dele? Não precisava ter interpretado um comentário negativo como uma espécie de mandamento. *Não usarás chapéus fedora se quiseres ficar comigo.* Apesar de toda a sua loucura e babaquice — e ela era uma louca babaca, tinha certeza disso —, eu não podia acreditar que Mimi mudaria alguma coisa em si mesma por alguém. Fechei a porta do armário. Era doloroso pensar em Joe e Mimi juntos. Eu não conseguia suportar. O fato de que pelo menos em parte a culpa era minha não ajudou em nada. Aliás, só piorou as coisas.

Deitei na cama e me permiti exatamente cinco minutos de lamúria no travesseiro. Até coloquei o despertador no telefone. Se não pudesse fazer o choro parar — e me parecia bastante claro que não podia — ao menos não permitiria que tomasse conta da minha vida.

Sarah estava de volta. Bem, quase. Tinha algumas coisas a fazer antes disso.

Não fui a primeira a chegar. Cass, Ashley e Donna já estavam esperando do lado de fora do café quando, sem fôlego e me desculpando, apareci. Elas me perdoaram. O universo não explodiu porque cheguei cinco minutos atrasada. Quem diria? E, quando Donna começou a falar alguma coisa, eu a interrompi.

“Quero só falar uma coisa antes.” Ela parou, parecendo surpresa, mas não irritada.

Fiquei de cabeça erguida, com as mãos ao lado do corpo, batendo os polegares nos dedos médios de cada mão, como uma espécie de válvula de escape para os nervos. Limpei a garganta.

“Vocês estavam certas, eu fiquei obcecada por... Joe.” Era difícil até dizer o nome dele. “Agora sei. E peço desculpas se vocês se sentiram negligenciadas.” Olhei para cada uma das minhas amigas. Cass sorria encorajadoramente, Ash assentia, Donna olhava para o chão e se balançava para a frente e para trás.

Engoli em seco.

“Mas ao mesmo tempo... não acho que precisavam ter sido tão duras comigo. Não estava sendo maldosa. Só um pouco... não sei, ingênua. Seja como for, agora acabou.” Pisquei para afastar as lágrimas que se formavam. “E, se aceitarem, gostaria muito de esquecer o assunto e seguir em frente.”

Donna me abraçou forte.

“Você tem razão. Peço desculpas também. Era horrível ver você tão a fim dele, quando ele obviamente não dava a mínima para você.” Enrijeci, e ela acrescentou depressa: “Talvez eu tenha ficado um pouco enciumada. Digo, não tenho um namorado nem nada parecido há meses, e lá estava você, Sarah, completamente apaixonada por um garoto mais velho”.

Meus olhos se arregalaram. Uau. Por essa eu não esperava. Então senti os braços de Ashley me envolverem.

“Também peço desculpas. Acho que surtei um pouco por você ter salvado minha vida e tudo mais.”

E em seguida Cass abraçou todas nós.

“Que bom que estamos juntas novamente!”

Ficamos ali naquele abraço coletivo por alguns segundos, até um grupo de meninos passar por nós e um deles falar:

“Lésbicas safadas.”

Nós nos afastamos, rindo. Donna agarrou meu rosto e aproximou a cabeça da minha, mexendo de um lado para o outro, de modo que para os meninos pareceu que ela estava me beijando.

“Ah, fico louca com seus seios”, entoei, enquanto Ashley e Cass se ocupavam em agarrar o bumbum uma da outra. Não quis nem saber se os

meninos continuavam ali. Era tão bom estar com elas novamente. Sem dramas.

Um pouco mais tarde, quando estávamos sentadas no café, tomando chocolate quente, contei sobre a visita a Joe e sobre ele e Mimi. Chorei, claro, mas cada vez que repetia a história ficava um pouco mais fácil.

Depois, ninguém disse nada por alguns segundos. As meninas pareceram completamente chocadas.

“Meu Deus, Sarah, que coisa horrível”, disse Donna, afinal. “Pobrezinha.” Mordi a bochecha e concordei com a cabeça.

“Não posso acreditar que ele ficou com Mimi, aquela vaca”, acrescentou Ash, balançando a cabeça. “Teve o olho maior que a barriga. Ela vai devorar aquele babaca vivo.”

Cass ergueu a xícara.

“Belo comentário.”

Pensei na atualização de status no Facebook de Mimi: “Ganhei!”. Será que ela se referia a Joe? Era quase lisonjeiro pensar que realmente me enxergava como uma ameaça. Agora me parecia absurdamente óbvio que nunca tinha sido assim. Joe só queria se divertir, e uma colegial de Brighton era apenas uma parte muito pequena desse objetivo. Mexi a colher na xícara, desenhando oitos na espuma, e tentei não sucumbir à escuridão que ameaçava me sugar.

“Vai ficar tudo bem”, disse Cass, passando a mão no meu cabelo. “Você vai encontrar alguém que a mereça.”

Os eventos da noite anterior vieram a mim em uma enxurrada. Coloquei a cabeça nas mãos e resmunguei.

“Meu Deus, esqueci de contar... Ollie tentou me beijar ontem à noite.”

“O QUÊ?!” Minhas amigas reagiram de forma uníssona, todas agora sentadas eretas, com olhos atentos como satélites receptores de fofocas.

“Foi horrível”, contei. “Falei para Ollie sobre Joe, ele me abraçou para me consolar e depois... ele tentou me beijar.” Meu estômago embrulhou com a lembrança. Foi constrangedor. “Não consegui lidar com aquilo. Então saí correndo. Quer dizer, o que ele estava *pensando*?”

As meninas se entreolharam e sorriram.

“Ele gosta de você. É a coisa mais óbvia do mundo”, Ashley disse gentilmente.

“Gosta nada. Ele é assim com todo mundo. Aquela história de ‘linda’ e tudo mais.”

Donna riu.

“Sarah, sua idiota, você é a única que ele chama de ‘linda’.” Olhei para ela, incrédula. “Pense um pouco. Já ouviu ele chamar mais alguém assim?”. Donna estava certa. Ele chamava meninas de “cara”, mas nunca de “linda”.

“Uau. Ollie...” Bati as unhas na lateral da xícara. “Mas não faço nem um pouco o tipo dele.”

Cass revirou os olhos.

“Por que você acha que ele nunca teve uma namorada? Elas. Não. Faziam. O. Tipo. Dele.” Cass pontuou cada palavra com um soquinho na minha cabeça.

Pensei por um instante.

“Não. Mesmo que estejam certas, não gosto dele. Não posso”, eu disse, decidida, inclinando-me para trás na cadeira.

“Não pode? Ou não quer?”, disse Ashley, juntando as mãos.

Dei de ombros.

“Não quero saber de homens, só isso. Preciso de um tempo para mim. Para vocês.” E minhas amigas vieram para cima de mim, para mais um abraço. Fechando os olhos e rindo enquanto lutava contra os apertões, pensei: *Posso estar me sentindo péssima, mas pelo menos tenho meus amigos para ajudar.*

Desvencilhei-me das garras das meninas.

“Preciso acertar as coisas com Ollie antes da festa. Vocês ainda estarão aqui, tipo, em meia hora?” Elas se entreolharam e assentiram, então saí.

Não pensei. Apenas corri. Ollie tinha sido um verdadeiro amigo nas semanas anteriores. Estava com um pouco de medo do que ele poderia dizer, mas também me sentia um pouco lisonjeada. Mas eu tinha sido sincera quando disse que não queria mais saber de homens. Depois de tudo o que tinha acontecido com Joe, a ideia de que alguém gostava de mim era um grande alívio, ainda que eu não pudesse retribuir o sentimento. Mas Ollie era um doce, e eu não podia perder a amizade dele. Não podia abrir mão dele.

Ollie abriu a porta lentamente, espiando em volta e fazendo uma careta.

“Veio me dar um soco na cara?”

Ri.

“Não, não desta vez.” Limpei alguma coisa imaginária do casaco e limpei a garganta. “Vim pedir desculpas... Está tudo bem.” Levantei os olhos para encontrar os dele. “Não está?”

Ele abriu a porta completamente.

“Claro que está. Sinto muito por... você sabe...” Ollie franziu o rosto outra vez. “Sinceramente, não sei o que deu em mim. Foi uma coisa de momento, acho... Quer dizer, você é linda e tudo mais, mas eu e você? Acho que não!” Ele riu. “Você consegue imaginar?”

Sorri, ainda que alívio e uma leve decepção brigassem dentro de mim. O alívio venceu, é claro.

“Tudo bem. De verdade.”

Ele deu um passo para trás.

“Vai entrar?”

“Melhor não. As meninas estão me esperando.”

Ollie sorriu.

“Vocês são amigas outra vez!” Dei de ombros alegremente. “Que bom. Não gosto de ver você triste.” Ele sorriu para mim, um pouco tímido. Minhas entranhas se contraíram quando pareceu que ele ia dizer mais alguma coisa, mas ele não disse, e ficamos parados sem dizer nada por alguns instantes.

“Então, é melhor eu...” Apontei com o polegar para o caminho.

“Sim, claro... Até a festa. Você vem, certo?”

“Claro. Não perderia por nada.”

Eu estava prestes a virar quando ele disse:

“Humm... Sarah?”

“Humm... Oi?”, eu disse, imitando-o. Qualquer coisa para manter a atmosfera leve.

Ele passou a mão no cabelo e parou, com o punho cheio de cachos. Enrijeci enquanto esperava o que ele ia dizer, tentando formular respostas adequadas rapidamente, mas então ele me surpreendeu.

“Desculpe. Fui um babaca por colocar em risco nossa amizade. Você é tão incrível, eu ficaria arrasado se não pudéssemos continuar como antes... bem... como antes de eu ter sido um babaca. Juro que não sei o que me deu. Podemos tentar esquecer o que aconteceu? Tipo, nunca mais tocar no assunto?” Ele mordeu o lábio e sorriu nervoso.

Brigando comigo mesma mentalmente por ter a audácia de me sentir decepcionada quando eu sabia que não queria Ollie, apoiei o rosto no peito dele. Seus abraços eram maravilhosos, isso era fato. Ele tinha braços fortes e ombros largos.

“Você é o menino mais legal do mundo inteiro”, eu disse, apertando-o.

O peito dele tremeu com uma risada.

“Que bom que você acha isso.”

Recuei e sorri.

“Então até à noite.”

Ele levantou a mão com um aceno. Virei as costas e me afastei.

Foi engraçado. Pensei nele várias vezes enquanto eu e as meninas caminhávamos pela praia naquela tarde. Mas ignorei esses pensamentos. Minha decisão estava tomada. Independentemente de tudo, eu tinha aprendido a lição. Nada de ficar sonhando acordada com meninos.

“Então, Ash”, eu disse, entrelaçando meu braço no dela. “Alguma fofoca?”

Ela não me respondeu. Só disse: “É estranho, não tenho tanto medo quanto achei que fosse ter”. Segui seu olhar até o mar.

“Ah, não, por favor, não me diga que está de maiô por baixo.” Meus olhos arregalados se dirigiram a Ash. Ela usava botas enormes, calças apertadas e um casaco militar. “Seria incrível”, ela disse. Mas estava sorrindo. “De qualquer forma, não preciso mais fazer isso. Já risquei da minha lista.”

Continuamos caminhando de braços dados, em um silêncio companheiro. Cass e Donna estavam um pouco mais à frente, conversando. Pelo menos aquelas últimas semanas tinham feito com que as duas se aproximassem. Isso era bom.

Mais tarde naquela noite, nós quatro estávamos do lado de fora da festa, com as bochechas rosadas de frio, soltando fumaça no ar quando respirávamos. Chegamos elegantemente atrasadas, e nem me incomodei. Estava me sentindo bem. As lágrimas continuavam à espreita, mas eu ia conseguir me divertir.

Então ouvi o barulho de uma mensagem de texto chegando. Sorrindo timidamente, peguei o aparelho.

Sarah-que-não-gosta-de-cerveja,
precisamos conversar. Estou
livre neste fds. Bj.

“Quem é?”, perguntou Cass.

Deletei a mensagem.

“Ninguém.”

Abrimos a porta e entramos na casa de Ollie. Em meio a tantos rostos familiares, encontrei o dele na cozinha, virando sacos de marshmallow em vasilhas. Nossos olhares se cruzaram e ele sorriu.



ALI CRONIN trabalhou em inúmeras revistas inglesas para adolescentes e foi responsável pelo site jovem da BBC antes de se dedicar totalmente à escrita. É autora de *Skins*, livro baseado na famosa série de TV.

Mais informações:

www.facebook.com/GirlHeartBoy

@ali_cronin

Copyright © Penguin Books Ltd, 2012
Todos os direitos reservados.

Publicado originalmente em inglês na Grã-Bretanha
por Penguin Books Ltd.

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

TÍTULO ORIGINAL No Such Thing as Forever

CAPA E FOTO DE CAPA Paulo Cabral

PREPARAÇÃO Renato Potenza Rodrigues

REVISÃO Juliane Kaori e Gabriela Morandini

ISBN 978-85-8086-516-5

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.seguinte.com.br

www.facebook.com/editoraseguinte

contato@seguinte.com.br